



**TERRA ATLANTIS**  
**O Sinal de Land's End**  
Livro 1/3



Corrigido e Adaptado por  
Gullan Grey

23-01-2020

SINTESE

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis, o Sinal de Land's End resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

JAN VAL ELLAM

# TERRA ATLANTIS

O Sinal de Land's End

## Índice

Prefácio.....	1
Esclarecimentos.....	1
Capítulo 1.....	1
Reencontro .....	1
Capítulo 2.....	5
Recordações Extraterrestres .....	5
Capítulo 3.....	15
Destino: Planeta Azul.....	15
Capítulo 4.....	29
Ostronomos .....	29
Capítulo 5.....	45
Yel Luzbel .....	45
Capítulo 6.....	57
Sinal Rebelde .....	57
Capítulo 7.....	73
A Marca Val - A Estratégia do Possível .....	73
Capítulo 8.....	89
Bases de Chegada .....	89
Capítulo 9.....	111
O Processador Val.....	111
Capítulo 10.....	127
Gêneros Biodemo e Homo: Difícil Equação.....	127
Capítulo 11.....	137
Derrocada Genética dos Exilados .....	137
Capítulo 12.....	151
O Enigma de Shamb-Aha .....	151
Capítulo 13.....	163
A Mensagem dos Descendentes de Mohem-So.....	163
Sobre o Autor .....	1
Roteiro de Leitura dos Livros.....	1
Projeto Orbum.....	1
IEEA.....	1

---

# Prefácio

---

Jamais imaginei o que estava por vir!

Motivado pela influência de amigos-irmãos de Angola e da Inglaterra, fui convidado a dar uma palestra na região da Cornuália, no sudoeste da Inglaterra. Após um longo percurso, ali cheguei sendo fraternalmente recebido por um casal de amigos que residiam em Gulval, pequena cidade conjugada às de Penzance e de Newlen.

Passei alguns dias naquelas terras de lendas e de mistérios do mitológico reinado de Artur, do Santo Graal, dentre outros temas instigantes, e mal podia imaginar que, em uma certa manhã, do dia 19 de outubro de 2002, passeando em Land's End — ponta mais extrema daquela região onde, segundo os ingleses bem-humorados, termina a ilha e começa o império — horas antes da palestra a ser realizada em Penzance, teria lugar um discreto acontecimento que, depois vim a saber, estava a ser sonhado e planejado há mais de 22.000 anos por um parceiro-irmão de aventuras extraterrestres de um passado para mim então esquecido.

Ali, sem que fosse percebido pelas pessoas à volta — pelo menos é o que imagino até o momento em que escrevo estas linhas — um simples aceno, seguido de um inclinar de cabeça de um estranho ser que pilotava um artefato voador singular e de pequena dimensão, descortinaria todo um mistério sobre um passado perdido nas brumas do tempo. Contudo, as notícias que daquela fonte surgiram, explicavam o porquê daquele momento presente e me permitia vislumbrar o futuro, tudo produzido por um lento despertar que se processava através do acompanhamento de um filme colorido com comentários elucidativos que, em intervalos irregulares de tempo, era processado na minha mente como se coordenado por uma força alheia à minha própria vontade.

É o produto do despertar dessas recordações na minha atual condição, trabalhado e coordenado, porém, pela mente de uma outra inteligência que se situa além da condição humana, que aqui será apresentado.

Essas informações complementam, aprofundam e dão seguimento aos eventos descritos na trilogia "Queda e Ascensão Espiritual", composta pelos livros "Reintegração Cósmica, Caminhos Espirituais" e "Carma e Compromisso", notadamente às informações referentes aos desdobramentos da Rebelião de Lúcifer, de certos efeitos que até hoje determinam os fluxos dos acontecimentos terrenos, do papel das famílias capelinas e de outras origens siderais nesse processo e, mais especificamente, narra as trajetórias das famílias Val e Yel até aportarem à Terra e as consequências decorrentes desse exílio forçado.

Devo, portanto, ressaltar, que o conteúdo da presente narrativa não pertence à autoria intelectual deste escrevente, mas sim, a um autor situado em um outro contexto onde a vida se expressa com as cores de uma outra cultura e com nível tecnológico singular.

Por isso, desde já, apresento as minhas desculpas pelos erros e omissões que infelizmente devo ter cometido ao longo destas páginas, mas não me restou outra opção a não ser a tentativa de deixar registado o que poderá explicar todo um pano de fundo histórico até hoje incompreendido em relação a alguns contextos e painéis da epopeia da espécie humana neste mundo.

Atlan, 29 de novembro de 2002.

Jan Val Ellam

---

# Esclarecimentos

---

Escrevi o prefácio acima em 2002, ano em que a primeira parte da pretendida trilogia foi então produzida. Agora escrevo no momento em que decidi começar a publicá-la no âmbito do IEEA.

Cerca de 13 anos se passaram e muita coisa aconteceu que me permite hoje ter acesso mais aprofundado a certas questões. Contudo, não quero comprometer a “pureza” do que foi registado naqueles dias, pelo que mantive a escrita original da narrativa e tão somente acrescentei comentários elucidativos sempre que julguei oportuno.

A história que aqui será narrada não acabou e não tenho ideia de como os seus desdobramentos serão conduzidos após a reintegração da Terra ao convívio com o circuito de intercâmbio cósmico no qual o nosso planeta se encontra há muito inserido.

Ressalto que a narrativa, os diálogos e as circunstâncias temporais dos factos, então ocorridos, devem ser observadas pelo(a) leitor(a) atento(a) como tendo ocorrido entre seres que não eram da espécie *homo sapiens*.

Assim, torna-se imperioso **observar que o narrador e os principais personagens não ostentavam a natureza humana como hoje a conhecemos**. Eram, sim, detentores de um padrão psíquico muito próximo ao dos humanos atuais, mas eram, acima de tudo, uma das muitas raças intermediárias que, naqueles tempos, existiam e ainda existem, que **representavam um marco evolutivo situado entre o género demo** (em uma das suas expressões mais recentes e já distanciadas dos problemas genéticos característicos da estirpe) **e o género homo** que, por aquela época, apesar de inocente, já detinha o senso desperto da racionalidade.

Inevitavelmente, ao longo da narrativa, deverá existir um ou outro comentário atualizado da parte do autor terreno, na tentativa de melhor esclarecer, com os conhecimentos atuais, alguns aspetos em torno da interação dessas raças de fora com a vida humana, e que se desenvolvia no meio de um turbilhão de conflitos e de interesses jamais convenientemente percebidos até aos dias atuais.

Da minha parte, na altura dos registos iniciais desta narrativa, sentia-me como se retomando o curso dos factos expostos no livro “Carma e Compromisso”, relativos a diversas “famílias cósmicas” que, devido aos desdobramentos da rebelião de Lúcifer, viram-se obrigadas a aportar no planeta Terra. E aqui as suas consciências pessoais permaneceram e ainda se encontram até estes tempos atuais só que, agora, investidos da natureza humana.

Os poucos que permanecem, mas ainda ostentando a condição original com que aqui chegaram, são exatamente alguns dos personagens das páginas deste livro que, no passado, optaram por participar de uma operação “camuflagem” com o objetivo de salvar, de preservar algo do que originalmente aqui chegou como sendo o quartel-general da rebelião e do seu confuso legado que, finalmente, começa a ser exposto aos que herdaram o problema, ainda que de nada disso saibam — pelo menos, por um pouco mais.

Atlan, 20 de abril de 2015.

Jan Val Ellam

# Reencontro

Foi no início da tarde, à beira do precipício que compõe as escarpas de uma determinada região de Land's End, no litoral sudoeste da Inglaterra, que fui surpreendido por um encontro inusitado.

Havia acabado de chegar com a esposa e um amigo inglês que gentilmente nos havia levado até ali para que pudéssemos conhecer o lugar. Ao descermos, as minhas companhias resolveram fumar e ficaram a conversar, encostados ao carro, enquanto me dirigi à borda do precipício para melhor observar o mar revolto lá embaixo e demais atrativos do local.

Para minha surpresa, comecei a escutar um discreto barulho como se fosse o de uma turbina em início de rotação, ao mesmo tempo que senti um forte deslocamento de ar à minha esquerda.

Pude observar então uma espécie de pequena nave, estranhamente parecida com a dos desenhos animados dos Jetsons na TV, na qual se encontrava sentado um ser parecido com um homem sob uma escotilha em forma de abóboda que aparentava ser de vidro ou algo que a isso se assemelhasse.

O ser era completamente destituído de cabelo sendo, no mais, do dorso para cima — o que me foi dado perceber — bastante parecido com um homem cuja pele parecia variar de cor entre o branco, o amarelo e o rosa, se aquela impressão não fosse produto de um jogo de cores por força da incidência da luz do Sol na superfície daquela escotilha.

Percebi ainda que existia “espaço de sobra”, em torno daquele ser, como se ali existisse lugar para mais três ou quatro ocupantes.

Voltei-me na direção do carro para verificar se os meus acompanhantes estavam a ver aquilo, mas diante da conversa que mantinham, apesar de olharem na direção onde me encontrava, não davam sinal de que estivessem a perceber algo inusitado.

Foi quando percebi que o que estava a presenciar era uma “faixa de realidade” que abria uma pequena “janela” para que me fosse possível aceder àquele encontro.

Outras pessoas que estavam mais distantes do local onde me encontrava também pareciam não atinar com o que estava bem à minha frente, flutuando próximo à borda do penhasco sobre o mar.

Fixei por fim a minha atenção naquele ser e dele recebi uma expressão na forma de um sorriso discreto e complacente, enquanto uma voz soava em algum ponto próximo ao meu ouvido esquerdo.

— Fomos e somos companheiros irmãos da experiência “gron”. Isso significa algo para a sua condição humana? – perguntou aquele ser.

Respondi movendo a cabeça lentamente, pretendendo expressar uma negativa como resposta.

— Pelo que aprendi a conhecer dos humanos inteligentes você está a dizer-me que não. É isso? Estamos interligados! Pode pensar que “eu escuto”. – tornou a dizer.

Permaneci hesitante durante alguns segundos em como proceder naquelas circunstâncias e, enquanto procurava me refazer da surpresa e me equilibrar perante o inusitado, voltei a escutar:

Saudações, ó meu irmão de outrora, e daqui o faço repetindo o lema da nossa família Val... você se recorda?

Novamente comecei a balançar a cabeça negativamente quando me “toquei” que o gesto era desnecessário, ao mesmo tempo em que balbuciei o mais discreto “não” da minha vida.

Aquele ser sorriu enquanto levantava uma das mãos cujo tamanho da luva achei meio desproporcional em relação ao resto da composição corporal que podia observar, e disse: saúdo você, meu irmão de parceria, na “tolerância construtiva dos que buscam”.

Fiz-lhe um sinal de respeito por meio de um leve movimento de cabeça enquanto procurava entender o teor da saudação daquele ser.

— Saiba que a nossa família muito demorou para construir esse lema que as demais jamais conseguiram apropriar, em especial a de Yel Luzbel que terminou por se transformar em comandante de um conflito jamais pretendido por ele. Contudo, se a família Yel tivesse apropriado mentalmente o nosso lema, a “sensação da busca pela verdade”, faculdade esta que já foi então muito difícil para as nossas famílias verem despertadas nos seus psiquismos naqueles tempos, talvez o curso dos factos pudesse

ter sido diferente. Na nossa família Val, fomos despertados para buscar a verdade mas com o nosso lema, tudo de novo que descobríamos era tratado de modo bem diferente do que os nossos irmãos de busca Yel costumavam proceder com os seus focos de estudo. Saudei-o dessa maneira porque até hoje, para bilhões de seres que se envolveram com o contágio luciferiano de então, o lema da família Val é usado como “selo emblemático de um tempo” em relação ao qual todos precisam evoluir e muitos ainda não conseguiram devido à doença então surgida. Você me compreende?

— Penso que sim! – respondi mentalmente.

Novamente aquele sorriu enquanto movia a sua cabeça para o lado esquerdo na direção do mar, como se a apontar um lugar longínquo, ao mesmo tempo que dizia:

— Estivemos juntos, durante muito tempo, desde que aportámos neste planeta como membros da família Val. Fomos parceiros na nossa base que hoje se encontra como uma “cidadela flutuante e astralizada”, sendo este o meio que encontrámos para poder sobreviver aos dias difíceis do passado planetário, antes da grande inundação e do degelo. Explicarei tudo o mais desde que você assim me autorize, pois há muito que precisamos ajustar para os tempos que já se aproximam e para o qual você precisa estar melhor preparado. Posso ajustar a sintonia entre nós dois para que a parceria que planeei possa melhor ser explicada, para que você avalie?

— Sim! – foi tudo o que consegui responder mentalmente.

Ele fez um novo movimento com a cabeça, como se me saudando, e fez então aquela pequena nave descer quase ao limite do nível do mar enquanto começava a se afastar como se estivesse pouco a pouco submergindo tal qual um submarino.

Fiquei por ali respirando fundo enquanto sentia uma estranha sensação na minha frente como se algo estivesse repetidamente pressionando dois pontos que, conforme julguei no momento, pareciam se localizar sobre cada uma das sobancelhas.

Durante os demais dias que permaneci na Inglaterra não percebi nenhuma aproximação daquele ser mas, no dia da volta, saindo do aeroporto de Heathrow em direção a Lisboa, para então retornar em voo de conexão para Natal, já dentro do avião que se encontrava em uma longa fila de espera para poder alçar voo, em pleno cochilo da consciência, eis que ele novamente se apresentou, agora como se fosse algo já registado em algum arquivo na minha mente que simplesmente me passava o filme dele retirado, que me narrava todo um contexto existencial sobre o qual nada sabia.

Começava ali uma “parceria” que permanece ativa até aos dias atuais e, conforme pude ir deduzindo com o passar do tempo, estará disponível para o meu psiquismo humano até o limite da consecução da tarefa esclarecedora.

Das informações ali disponíveis, recolhi uma notícia que dizia respeito ao espírito que me anima, pois foi como decorrência dos episódios que aqui serão narrados, que a minha individualidade espiritual, ao se ver livre da condição semidemo que marcava os corpos da família Val — desde que esta havia aportado na Terra como aspeto circunstancial à rebelião de Lúcifer — mergulhou, por fim, no género homo que, naquela época, por volta de 17.000 anos a.p. (a.p. - antes do presente) já se encontrava desperto para a racionalidade e para o progresso espiritual.

Uma das razões que me motivaram a revelar as narrativas ofertadas pelo ser de Land's End é que a “minha história” obedece ao mesmo roteiro de centenas de pessoas com as quais tive o privilégio de me encontrar nesta vida. Lendo estas páginas sobre factos antes ocultos quem sabe se também não se “sentirão identificados” com alguns dos painéis que aqui serão apresentados.

Na verdade, extrapolando as pessoas do meu conhecimento, a história aqui apresentada responde pelo “pano de fundo cósmico-espiritual” da jornada evolutiva de algumas poucas dezenas de milhares de individualidades espirituais que ciclicamente estão reencarnando na Terra, e que respondem pelos “exilados de Capela” que ainda se encontram por aqui. Isso sem me referir a alguns poucos milhões de individualidades também exiladas na Terra mas cuja origem se encontra em outros rincões existenciais diferentes dos mundos de Capela.

Os outros motivos dizem respeito aos numerosos painéis temporais e de contextos diversos ainda desconhecidos para a cultura humana que correspondem, exatamente, a uma lacuna cronológica cheia de imprecisões cujos mosaicos desfilarão por estas páginas.

Com o foco da minha consciência completamente fixado na condição humana, deixarei, doravante, ao critério desta tão somente os esclarecimentos atualizados feitos em negrito.

Quanto ao mais, cederei agora o espaço psíquico necessário para que o foco de uma outra consciência, que jamais se investiu das experiências humanas, possa assim lembrar e reviver o que julgar necessário aos critérios e parâmetros da sua narrativa.

# Recordações Extraterrestres

Chamo-me Val Eno. Sou cidadão cósmico aportado e desde então estabelecido na Terra. Há cerca de 22 mil anos submeti-me à experiência existencial “Gron”, que remodelou e recriou a subespécie que foi então gerada a partir do código genético original da espécie Val, família da qual sou membro desde que surgiu para a vida pensante no seu seio há bem mais de 230 milhões de anos.

Concluída a experiência e, em respeito aos factos, eu e os demais seres que passámos pela experiência, independente da origem planetária e da espécie cósmica na qual fomos engendrados, acrescentámos o epíteto “Gron” às nossas identificações.

Sou cidadão de uma antiga “base atlante” situada, até os dias atuais, onde hoje se encontra o Oceano Atlântico, na sua porção setentrional, entre a Ilha da Grã-Bretanha e o norte do continente europeu. Mas aqui preciso logo esclarecer: a base a que me refiro não era alguma edificação construída numa ilha, mas sim, uma nave-base das seis grandes “mastlan phisosferas” que aportaram na Terra por volta de 97 mil anos atrás, **tempo em que o quartel-general do que restava do movimento rebelde luciferino se viu obrigado a se estabelecer no planeta.**

A experiência “Gron” teve por finalidade exatamente a de adaptar os membros da família Val — e de outras ali há muito residentes — às condições da nave-base trazida para a Terra pelos membros da família Yel. Atendido esse quesito, a segunda etapa do processo foi consumada com o advento da “invisibilidade” que a nossa cidadela passou a ostentar para os padrões terráqueos a partir dos tempos mais recentes. Antes, porém, éramos todos exilados políticos de um processo que mal conseguíamos compreender como e por que havia tido início e agora vivíamos sem ter a mais remota noção de quando o mesmo teria um fim.

Fechados todos os demais caminhos para os teimosos rebeldes, a única opção de voo no âmbito dos quadrantes da galáxia e, mais especificamente ainda, na área delimitada como sendo a que havia sido isolada para a livre expressão dos valores rebeldes, aqueles seres rumaram para a Terra e aqui tentaram estabelecer a última trincheira das suas propostas de sobrevivência enquanto movimento organizado dentro dos parâmetros da lógica que então marcava os seus psiquismos.

Das seis “mastlans” que conseguiram chegar à Terra — duas se desintegraram logo que interagiram com a atmosfera planetária — três pousaram em porção de terra próxima ao equador, enquanto que uma outra teve problemas e se viu desgarrada do rumo calculado e proposto pela “mastlan comando”, permanecendo em órbita perigosíssima — devido à baixa altitude do seu curso — em torno do planeta, até conseguir pousar numa outra região pertencente ao hoje conhecido continente antártico, coberto de gelo, atualmente localizado no polo Sul. Naqueles tempos, porém, esse continente não estava coberto de gelo e nem muito menos se localizava no polo Sul do planeta.

Esta última, jamais voltou a alçar voo, tendo servido, durante muitos milênios, como residência dos seus ocupantes que por longo tempo hesitaram em interagir com a natureza ambiente devido a uma série de razões que serão aos poucos referenciadas. Ali se estabeleceu, pela primeira vez, o “culto à Alt’Lam”, o último planeta a acolher os rebeldes antes de lá serem expulsos pela maior força invasora já observada na história do universo, oportunidade em que rumaram para a Terra.

Antes dominadores de um planeta, viam-se, agora, isolados naquele lugar ermo, sem condições de deslocamento e de comunicação com os seus pares e inseguros quanto ao que fazer e como proceder naquele novo mundo.

A permanência dos rebelados em Alt’Lam por quase 40 mil anos — medidos à moda do tempo terrestre — tinha servido como uma espécie de descanso ou refazimento perante as lutas já anteriormente travadas com as **forças do “Primeiro em Comando” das “Hostes da Hierarquia do Criador Universal”** ao mesmo tempo em que ali puderam desenvolver as grandes naves denominadas “mastlans phisosferas” que sempre serviram tanto de residência natural como de meio de deslocamento e de confronto bélico para aqueles seres.

O “Primeiro em Comando” era um ser absolutamente distinto de todas as famílias operativas então existentes cujos membros pareciam, sem exceção, menos aquinhoados em sabedoria, em racionalidade e em percepção se comparados àquele ser cuja simples presença, se por um lado causava encanto em todos, por outro parecia constranger a quem com ele interagisse.

Nesses tempos — por volta de 800 mil anos atrás — os seres das famílias operativas que se encontravam atuantes desde então, nenhum deles conhecia os sentimentos de vergonha, de senso de ridículo, dentre outros traços psíquicos, porque “certas sensações racionalizadas chamadas hoje de sentimentos” somente passaram a existir com o advento da natureza humana terráquea a qual, nessa época, sequer era

ventilada pelos estudiosos do assunto. Se o “Primeiro em Comando” vislumbrava esse painel no futuro era somente ele porque, nos registos dos quais recolho essas informações, além dos comuns aos circuitos da minha família operativa, nada existe a respeito.

Esse ser, na época chamado por muitos de “Personificação da Sabedoria”, por outros de “Personificação do Deus Universal” e ainda por alguns de “Suserano Universal”, realmente ostentava em si mesmo uma condição inexplicável de “beleza”, de “poder pessoal”, de “pacificação”, de “confiável”, enfim, era único perante todos os demais.

NAT (Nota do Autor Terreno): este livro foi produzido ao longo dos anos de 2002 e 2003, permanecendo inacabado na sua parte final por um longo tempo. Antes deste, havia produzido os livros Reintegração Cósmica (escrito ao longo dos anos de 1991 a 1993 e somente publicado em 1996) sendo que os outros dois da trilogia “Queda e Ascensão Espiritual”, chamados respectivamente de “Caminhos Espirituais” e “Carma e Compromisso”, foram escritos entre os anos 1992 a 1995 e publicados em 1997.

Ao tempo em que o livro “Carma e Compromisso” estava a ser produzido, os mentores que me auxiliaram na produção e na reprodução das notícias, apresentaram a figura cósmica que viria a ser conhecida mais tarde através da figura de Jesus, como sendo uma das “autoridades cósmicas” que presidia a um grupo de civilizações no âmbito da nossa galáxia Via Láctea. Assim entendi e registei.

Nos anos 2002 e 2003, ao receber as notícias que viriam a compor o Terra Atlantis, o ser Val Eno Gron, situou a figura de Sophia, também conhecido como “Cristo Cósmico” nas notícias espirituais vindas através da mediunidade ímpar de Chico Xavier, como sendo o representante do criador no âmbito deste universo.

Na oportunidade, percebi a aparente discrepância em relação à amplitude da função de Sofia nas duas situações mas apenas registei a informação sem me preocupar em “fechá-la” junto aos mentores, o que normalmente faço, pois parto sempre do princípio de que não deverei mesmo publicar o que estou a receber nessas circunstâncias já que não me é possível qualquer possibilidade de confirmação no âmbito dos meus critérios terrenos.

Nos tempos atuais, ano de 2015, em que decidi liberar essas informações, diante da aparente incoerência entre os dois registos, fui informado por amigos espirituais que, na altura dos escritos do “Carma e Compromisso”, haveria uma

evolução na história em que apresentaria, primeiro, o surgimento de Sophia no âmbito deste universo, como um Gestor de Mundos que, para melhor conhecer esta faixa de realidade, iria transitar por algumas galáxias desempenhando essa função aqui e acolá, para somente depois se apresentar como sendo o representante do criador, assumindo-se como o primeiro em comando nesta parte da criação.

Segundo os mentores, como eu mesmo decidi não finalizar os livros da então planeada trilogia Terra Atlantis, espécie de continuação da que fora inicialmente lançada, e pelo facto de ter, na época, reduzido o tamanho das páginas do “Carma e Compromisso” por questões de adequação ao tamanho dos outros dois livros da trilogia, essas atitudes da minha parte teriam impedido o “reparo”, o “complemento informativo” que, quase sempre, quando estou “concluindo” algum livro, aparece na minha mente como “sugestão” dos mentores espirituais.

Daí o porquê do complemento da informação somente agora se fazer disponível para o meu conhecimento.

Quanto ao “deus universal”, o criador, desde há muito se encontrava desaparecido e dele não se tinha notícia. Para a cultura daquelas centenas de milhares de famílias operativas, atuantes no âmbito do universo há bem mais de 200 milhões de anos, **esse ser era tido por muitos como um enigma a ser ainda descortinado.**

O aspeto da sua criação universal alicerçada no jogo cósmico entre estrelas, planetas e satélites diversos congregados em famílias galácticas se expandindo universo afora, todas aquelas famílias e outras tantas situadas em outras galáxias já conheciam. O que era, então, desconhecido para todas as civilizações universais existentes nesse ponto da história — segundo os anais da família Val à qual a minha mente particularizada como ser pertence — era a origem do criador e o porquê de ele existir em faixa de realidade invisível aos sentidos dos corpos dos seres de todas as famílias que já se expressavam no circuito da vida cósmica.

Todas as famílias pertencentes ativamente ao circuito cósmico já tinham conseguido descortinar a história de como a vida pensante havia surgido nos mundos de algumas das muitas galáxias do universo. Porém, desconheceram por muito tempo que, para além da faixa de realidade universal, sempre haviam existido outras das quais seres invisíveis de lá atuavam tentando conduzir os eventos cósmicos deste lado da existência.

Desde que a família Val surgiu e se congregou nessa sua última versão, evento que se deu há cerca de 230 milhões de anos, lentamente a evolução dos nossos corpos foi se processando em obediência a uma **receita de um tipo de código genético de**

**vida muito diferente do que hoje a cultura humana percebe quando comparado ao código de DNA do corpo homo animalizado comum à espécie sapiens.**

O código que ditava as regras de edificação corporal para a nossa **espécie Val** referia-se também a um tipo de corpo físico, já composto à base de carbono, mas sem o viés animal, aspeto que sei ser muito estranho para o conhecimento usual, mas é exatamente esse tipo de corpo que até os dias atuais eu dele me utilizo para ser quem sou.

O corpo comum à família Val, por sua vez, já foi produto de uma sequência de seres anteriormente existentes para a vida universal, que cumpriram a sua sina existencial por outros tantos milhões de anos, lentamente evoluindo em muitos matizes, dos quais a seiva que passou a definir a espécie Val foi dali retirada pelo jogo do acaso dos choques dos bólidos celestiais que destroem e recriam mundos e vida, nas suas muitas formas de expressão.

Sobre os resultados possíveis dessa peleja caótica de choques de mundos e de galáxias que absorvem as suas vizinhas, apropriando-se dos seus mundos é que “mãos invisíveis” para nós, parecem trabalhar na busca de algum objetivo desconhecido — assim pensavam e pensam todas essas famílias a partir das especificidades das suas culturas e do grau de tirocínio que as marcam.

O corpo que a família Val utilizou naqueles dias e que ainda são ostentados pelos seus sobreviventes, dentre os quais me incluo, era e é um padrão intermediário entre um dos muitos tipos de corpo assexuado — com funções excretoras pertinente à alimentação que nos nutre, sem polaridade sexual definida, de padrão humanoide — e o corpo animalizado, pesado, carnal, com polaridade sexual plenamente definida como é o caso dos terráqueos e o de outras espécies existentes universo afora.

Quando da eclosão da rebelião — cujos eventos ainda estão por ser elencados e organizados sob a perspectiva do entendimento humano — quem representava a hierarquia do criador desconhecido era o Primeiro em Comando que, estando em missão nesta galáxia, havia estabelecido a sede do seu governo em um dos mundos de um sistema planetário conhecido pela cultura terrestre como sendo Capela.

Este, por ser respeitado e admirado por todos os viventes desta casa universal, e já se encontrando **estabelecido em Orbum há mais de 5 milhões de anos**, a sua presença era motivo de júbilo para o padrão das nossas emoções de então, o que atenuava a ausência de notícias sobre o ser-criador cuja história era motivo de busca e de estudos constantes por parte daquela geração de seres que se distribuíam pelas

muitas famílias operativas assim estabelecidas desde que o fenómeno da vida pensante se fizera presente neste universo.

O simples facto de alguém se encontrar no “lado contrário” ao que se encontrava o Primeiro em Comando já era motivo de um “desconcerto interior”, de um “desajuste íntimo” que, naqueles dias, somente podia ser sentido mas não racionalizado por falta de senso crítico e de razão filosófica para bem compor o raciocínio ou, por outras palavras, para melhor estruturar e aprofundar o pensamento.

Cerca de 600 mil anos depois daqueles dias de convívio com o ser a quem doravante chamarei de Sophia, após terem passado por experiências degradantes até os tempos de Alt’Lam, aqueles seres rebeldes dali saíram já algo combalidos nas suas estruturas corporais pelos longos embates mantidos. Tendo sido expulsos e agora meio que desestruturados pelas perdas e prejuízos sofridos no conflito final em Alt’Lam, se viram aterrissados à força pela incapacidade técnica de se manterem no ar, os seres daquela “mastlan” lutavam para sobreviver até que pudessem ter reestabelecido algum tipo de contato com a “mastlan comando”.

Em todas as “mastlans” que haviam aportado na Terra, os seres que nelas estavam congregados, todos eram membros pertencentes a diversas famílias operativas que terminaram por se envolver com os primeiros momentos da rebelião e com os seus desdobramentos. Aquelas famílias possuíam condição corporal e de tirocínio semelhante às que descrevi como sendo da espécie Val.

Todos os que estavam naquelas naves representavam os padrões de comportamento mais radicais observados ao longo da deflagração do movimento político, pois que assim terminou por se assumir o que no início foi tão somente um problema de “saúde pública interplanetário”.

Dentre as muitas famílias que tiveram membros que estavam agora participando da última etapa da rebelião — no sentido de que, no passado, eram 19 mundos isolados e agora somente a Terra permaneceria nesse estado, sendo o último mundo a ostentar a “bandeira rebelde” — a família Yel, à qual pertencia Yel Luzbel, mais tarde conhecido na cultura terrestre como Lúcifer, era uma das poucas cuja totalidade dos seus membros se fizera presente nas naves em rota de fuga para a Terra.

Enquanto a “mastlan”, pousada próxima ao extremo Sul passou a servir como foco de residência para os seus habitantes, obedecendo a outra sorte operativa, no ponto oriental mais extremo do continente chamado de América do Sul, estavam estacionadas as outras três “mastlans phisosferas” em região próxima ao equador.

As grandes naves haviam pousado sem maiores problemas e foi ali que a primeira “base móvel” do que viria a ser chamado mais tarde de “império atlante” foi estabelecida. De lá, duas naves menores que faziam parte da frota de uma das “mastlans” alçavam voo em níveis de distância variável no sentido este e oeste à procura da “mastlan” desaparecida.

Somente quando concluído os sentidos leste e oeste e, depois o norte e sul, é que a mesma foi localizada cerca de quase mil anos depois da chegada.

Aqueles voos de busca pela “mastlan”, terminaram por servir para que os novos e forçados habitantes da Terra soubessem da presença de outras forças, para eles desconhecidas, que também haviam fincado bases no planeta.

A única informação que o quartel-general de Lúcifer dispunha sobre a Terra, antes de aportarem, era a de que a espécie Val veio para cá em tempos bem anteriores ao que eles haviam chegado, desde que se desvincularam da rebelião devido aos conflitos então surgidos no seio do movimento rebelde. Mas não sabiam se a mesma ainda se encontrava no planeta e os voos de busca da “mastlan” nada indicaram nesse sentido.

Os seres vindos de Alt'Lam, agora distribuídos em duas localidades distintas no planeta, foram retomando o contato na medida em que a “mastlan” estacionada no Sul começou a ser literalmente sucateada porque não mais poderia alçar voo, o que permitiu o desenvolvimento de naves menores de propulsão limitada.

Na base móvel situada mais ao norte, aqueles seres acharam por bem construir torres de comunicação e de vigilância que lhes poupassem voos desnecessários já que se defrontavam com quatro grandes desafios durante todo o tempo em que existiram sob aquelas circunstâncias:

- 1 - preservar os seus corpos tidos como longevos com idades que superavam “milhões de anos terrestres” para assim manter ativos os ideais do movimento rebelde;
- 2 - preservar as suas forças para fazer frente a qualquer ataque — sempre julgado iminente — semelhante ao que tinham sofrido em Alt'Lam da parte das hostes fieis a Sophia, o “Primeiro em Comando”;

- 3 - mapear, compreender e estar preparados para a provável coexistência com as demais forças também extraterrenas e algumas incompreensíveis para a lógica deles que haviam se estabelecido na Terra;
- 4 - desenvolver logística e estratégia necessárias para elevar o rumo dos desdobramentos da rebelião.

Conforme o exposto — retirado dos anais correspondentes aos registros daqueles dias — o que estava a passar-se no seio da natureza terrestre, antes assunto que encantava a família Yel e muitas outras, agora era aspeto menor no âmbito das preocupações do quartel-general luciferiano.

A preocupação dos rebeldes residia em descortinar quem seriam os seus possíveis inimigos na nova situação em que se encontravam e foi nesse sentido que procuravam reorganizar as suas forças que foram divididas nas duas bases que agora representavam os focos de resistência restantes de todo um processo iniciado há cerca de 600 mil anos.

O que fora um problema cósmico iniciado pela contaminação de cerca de 213 bilhões de individualidades estava resumido, naqueles dias, a alguns poucos seres ativos no sistema solar e mais cerca de 20 bilhões de espíritos desvinculados dos corpos do género que então os caracterizavam e que foram perdidos ao longo dos muitos conflitos ocorridos nos últimos tempos dos desdobramentos da rebelião e, todos eles alojados nos ambientes espirituais vinculados à Terra.

Para além disso, existiam ainda mais aproximadamente uns 5 bilhões de seres espalhados em muitas situações e lugares que no futuro viriam também exilados para o orbe terrestre. Os demais 188 bilhões, ao longo dos 600 mil anos de lutas ascensionais e da superação de muitas dificuldades desde o início dos tumultos há cerca de 700 mil anos, conseguiram retornar aos seus mundos de origem.

Nem os seres que chegaram nas “mastlans luciferianas” e muito menos os membros da família Val, que haviam aportado na Terra em tempos bem anteriores, sabiam de coisa alguma do que se passava nos ambientes mais primitivos da espiritualidade terrestre.

Eu mesmo — e outros da minha espécie — que agora registo junto aos terráqueos os padrões dessa fase desconhecida de uma história que redundou exatamente no aparecimento do ser humano com as suas características atuais, e já vivendo na Terra há algumas centenas de milhares de anos antes dos membros do

quartel-general terem vindo para cá, de nada sabia e nem os meus pares sobre o pesado contexto espiritual em torno do planeta.

E longa foi a nossa história aqui na Terra por entre dificuldades, algumas delas impossíveis de serem descritas, que tivemos de superar até chegarmos a “dividir” uma das mastlans com os seres que foram “sobrevivendo” a todos os acontecimentos dos quais irei destacar alguns painéis que aqui serão descritos.

A nossa hoje considerada cidadela conjunta das famílias exiladas e alojadas na Terra, encontra-se atualmente invisível aos olhos da humanidade, única maneira através da qual pudemos sobreviver e acompanhar a lenta evolução dos terráqueos por cerca dos últimos 22.000 anos.

Mas nem sempre foi assim e isso também não implica que terá que ser por todo o futuro. Na verdade, basta que o nosso comandante assim o defina, para que os procedimentos tecnológicos modifiquem a amplitude das suas vibrações que nos fazem viver nestas leis particulares da Física que, pouco tempo depois, poderemos ser vistos por qualquer pessoa.

Até o momento em que transmito estas notícias, não está definido se seremos reintegrados à convivência com os que atualmente vivem na Terra, durante um certo tempo, ou se simplesmente deveremos deixar estes corpos para que as nossas almas possam se habilitar a nascer normalmente neste mundo, a exemplo de muitos dentre os que aqui chegaram que há algum tempo já “migraram para a raça humana” terráquea.

Faz um pouco mais de 22.000 anos, do tempo terrestre, que convidei um antigo companheiro de adestramento aéreo na Frota Norte do nosso império, para que ele se permitisse ser convocado para um experimento programado e produzido pelos nossos superiores cujo objetivo era o de repassar para um outro nível de existência toda uma base e seus habitantes, atendendo assim a diversas preocupações e outros fins estratégicos dos que formavam o Conselho de Alt Lam Gron daqueles dias — como passamos a denominar a nossa cidadela após concluído o experimento.

O alistamento se daria por livre expressão da vontade de cada um de nós e não havia mesmo maiores fatores impeditivos, sendo, o único, assim considerado, o facto de que no experimento somente poderiam ser aceitos até à quantidade de 4.280 individualidades que seriam comportadas na cidadela astral a ser erigida pela nova tecnologia formulada pelos nossos maiores cientistas.

Dentre os cerca de mais de três milhões de cidadãos atlantes originais, assim considerados pelas nossa leis, espalhados por todas as bases e cidades-territórios do nosso império, o convite feito já fizera com que se estimasse uma demanda em número bem superior ao que seria permitido na experiência. Esse aspecto me levou a ressaltar o chamamento para que aqueles por quem tinha afeto especial me acompanhassem naquela jornada pois sabia ser a melhor opção para o futuro do nosso império, como também para nós próprios.

A outra opção era a de se submeter ao desenrolar dos acontecimentos terrenos, correndo o risco de “morte corporal” daqueles corpos, o que implicaria em mergulhar a mente-alma no esquecimento produzido pela assunção dos corpos animalizados da espécie sapiens e enfrentar os terríveis problemas que iriam ser gerados pelo desequilíbrio planetário que se avizinhava.

Cerca de 22 mil anos depois daqueles dias consegui contatá-lo objetivamente após um planeamento de séculos de trabalho associados a outras tentativas que antes não funcionaram.

Finalmente, mais um canal com membros atualmente dispersos da família Val foi reestabelecido. Através deste, espero para breves tempos, a “religação em circuito” da nossa “quota mínima de massa crítica mental” que acionará naturalmente o padrão coletivo de conduta que sempre marcou os nossos psiquismos, conquista pela qual tanto temos trabalhado, eu e os meus irmãos que daqui labutam, apesar de não termos ainda no horizonte do que podemos perceber quando isso será possível. Mas será porque inevitável, não somente para a família Val como também para todas as demais que tiveram a Terra como destino final das suas equivocadas trajetórias.

Equivocadas? Aparentemente sim! Parece, porém, que os desacertos da história universal são os desconcertantes fatores da construção do necessário, do impensável, do inadiável, do essencial para a melhor composição possível desta criação — pelo menos foi esta a última conclusão registrada nos anais da nossa família antes mesmo da eclosão da chamada rebelião de Lúcifer.

No nosso próximo encontro de trabalho, ainda sequer vislumbrado em termos de possibilidade temporal, seguramente teremos muitos elementos para acrescentar ao que até então havia sido “colecionado” como sendo a “conclusão possível” daqueles tempos.

# Destino: Planeta Azul

As “mastlans luciferianas” chegaram à Terra há aproximadamente 97 mil anos, não porque assim o desejaram ou planejaram os rebeldes, mas tão somente porque foram expulsos de Alt’Lam e não havia mesmo outra opção.

Se os terráqueos que, por ventura absorverem estas informações, vierem a achar muito longo o tempo em que as “mastlans luciferianas” se encontravam na Terra, mais ainda poderão se surpreender com a época em que a família Val por aqui aportou, que foi há cerca de 620 mil anos — evento já referido por outras fontes e registado no livro “Carma e Compromisso”.

Acusados de “traidores” pelos membros do quartel-general do movimento rebelde, a família Val pousou na Terra com as suas três naves, onde atualmente se considera a região do Veneto, na Itália, e com o tempo, foram se deslocando sempre na direção do Norte.

Primeiro pousou “espherian”, a maior das três; depois “asphezian”, a mais requintada e poderosa e, cerca de quase seis milénios depois, a menor e mais adaptada para todo tipo de missão, seja de proximidade como nas superfícies dos mundos. Esta permaneceu em órbita como se a sinalizar constantemente a presença da família Val na Terra.

Os primeiros tempos do exílio forçado na Terra foram a mais pura sensação de estranheza, ainda que aquela mesma família já tivesse aqui estado presente, há séculos atrás, atendendo à solicitação de Sophia, quanto ao então sonhado plano de deslocamentos interdimensionais e mesmo entre os pontos mais distantes do universo.

O porquê daquele projeto, e da insistência que as forças hierárquicas em torno de Sophia investiam no mesmo era uma questão que jamais havia ficado clara para a comunidade das diversas espécies biodemo, todas elas padronizadas pelo código químico lentamente trabalhado pelos factos comuns às suas vidas.

Sim, todos nós, aos poucos, independentemente de pertencermos a esta ou àquela família, fomos compreendendo que o progresso das nossas mentes se dava

sempre por força da necessidade de superar os obstáculos que apareciam de tempos em tempos, e mesmo inseridas num mesmo ambiente existencial — no caso, o universo — cada espécie lida com os seus obstáculos específicos de acordo com o tirocínio que a sua natureza permite.

A base na Terra tinha a ver com a tentativa de “descobrir” o outro lado da vida que, naquela época, nenhuma das famílias conseguia perceber, fosse o contexto espiritual ou mesmo o demoníaco. Simplesmente, nenhuma das centenas de milhares de famílias possuía a capacidade de perceber qualquer elemento que não fizesse parte da faixa na qual existíamos e ainda existimos.

NAT - Nos anais da cultura demoníaca não se reconhece com exatidão o momento em que um dos senhores da criação universal e da vida — pertencente ao ordenamento geopolítico da trimurti, a saber, Brahma, Vishnu e Shiva, nas suas formas de expressão comuns ao hinduísmo — projetou a sua programação mental desde o ambiente da sua loka (morada celestial subjacente a este universo) para fazer existir, no âmbito do universo, uma das suas forma-ferramenta para assim poder agir junto aos que foram semeados e urdidos para nele viver. Isso implica dizer: para viverem sob a égide biológica comum à dimensão física-material densa na qual estamos inseridos.

Como resultante da interação dessa “porção de força” ou “quantum de força colapsada” prenhe do programa genético mental expresso pela mente de Vishnu e com o espírito particularizado que o anima, passou a existir, para este universo, a personalidade de Sophia. Este ser também ficou e é conhecido por “Personificação da Sabedoria” para todos os viventes, o “Primeiro em Comando”, como chamado pelos seres do género “biodemo” espalhados pelo universo, enfim, como sendo o “Cristo Cósmico”, conforme definido pela revelação promovida pelos Espíritos e que, ao nascer muito mais tarde na Terra, assumiria a personalidade de Jesus.

É importante que seja percebido que espíritos deste naipe suportam a complexidade de manter “formas demo” distintas, associadas a mais que uma forma biodemo ou forma bio-homo ao mesmo tempo — enquanto que os nossos espíritos mal conseguem manter a sua forma bio-homo (animalizada) durante o curto tempo de uma vida terrena.

Quando Vishnu expressou Sophia, a sua consciência particularizada percebeu que, naquela condição, mesmo sendo ele um dos senhores da vida surgida no âmbito da criação, teria que superar uma série de obstáculos para, enquanto

Sophia, poder perceber a “realidade demo” que o marcava enquanto Vishnu. Tortuoso, não?

Ampliando a questão para os demais seres que haviam sido semeados na faixa da vida universal, onde agora existia Sophia, ninguém dentre os viventes do universo tinha a “faculdade e habilidade mental” para perceber além das fronteiras impostas pela “primitiva e pesada realidade” colapsada no início dos tempos universais.

Ele, enquanto Sophia, “nasceu sabendo” ou “foi engendrado já sabedor” de que muito mais existia, porém, invisível e aparentemente inexistente para a sua sensibilidade biodemo. Se com ele era daquela forma, pior ainda a incapacidade e a ignorância dos demais viventes deste universo em relação ao assunto.

O problema era seríssimo porque, mesmo Vishnu, na sua condição demo, também não percebia o contexto espiritual, pois tão somente “desconfiava que o mesmo existia”, o que somente veio a ter certeza nos tempos mais recentes da sua história enquanto demo, depois das experiências que o seu espírito teve e está a ter como Sophia (condição biodemo) que somente foi interrompida pelo mergulho que o seu espírito fez na carne animalizada das experiências da natureza terrestre, quando assumiu a personalidade de Jesus (condição bio-homo). Enquanto Sophia, nos seus primeiros tempos, ele nada sabia sobre o contexto espiritual, ainda que soubesse sobre o contexto demoníaco existentes nas faixas das realidades subjacentes à do universo, mesmo sem poder acedê-las.

Depois das experiências e tentativas levadas a efeito por Sophia e as suas hostes de assessores que, aos poucos, ele foi constituindo, chegou-se à conclusão que, para efeito coletivo, somente a edificação de um “portal” poderia romper aquela fronteira.

Desde então, “um portal astral” com função semelhante à dos “buracos de minhoca” — túneis encurtadores das distâncias cósmicas já existentes no universo e usados pelos que podem viajar nos seus circuitos — deveria ser edificado. Seria o primeiro do universo.

Assim, desde então, e mesmo antes do problema luciferiano, este projeto já vinha sendo levado a efeito pela assessoria de Sophia, tendo sido, por isso, a primeira vinda da família Val à Terra, em tempos anteriores ao seu aprisionamento no planeta. Este somente viria a dar-se como desdobramento das intrigas entre os rebeldes.

O que foi inicialmente propagado no meio cultural das diversas famílias, era tão somente um planeamento das etapas da construção desse portal que passava também pela promoção de viagens, não só entre galáxias desta faixa universal que tinham deficiências nesse campo, como também entre universos distintos.

O porquê de a Terra ter sido escolhida para servir de base operacional para a edificação desse portal em região astronómica próxima da sua zona de influência gravitacional-vibratória é questão que somente poderá ser compreendida observando-se os contextos existenciais que se desenvolviam — e se desenvolvem — paralelamente nas múltiplas faixas de realidade que compõem a criação.

Concluindo este tema, recordo tão somente que “mediunidade” é um produto recente, que somente começou a eclodir discretamente entre as últimas espécies de demónios vinculados às suas lokas e, mais fortemente e com toda a sua complexidade, com a espécie homo sapiens. Assim, foi devido a uma série de fatores mas, principalmente, à questão que se pode perceber ao comparar a situação homo com a demo, pela capacidade de pacificação mental possível aos humanos e muito difícil de ser praticado na realidade demo.

Nos nossos registos, possíveis de serem decodificados, tudo o que a comunidade Orbum — “as referidas centenas de milhares de espécies cósmicas desta galáxia e da vizinhança próxima influenciável” — sabia a respeito do surgimento da vida inteligente no nosso padrão mental, era que a mesma surgira com certa dose de mistério advinda de situações e possíveis lugares situados além das fronteiras do espaço-tempo universal.

A “lenda” de que éramos todos produtos de uma “experiência biológica” de “padrão predominantemente mental demo” sem expressão de polaridade sexual e muito menos animalizada”, era foco comum de pesquisa, de busca intelectual e de compreensão mais aprofundada. Ninguém sabia coisa alguma ao certo.

As espécies foram aparecendo neste e naquele mundo já com padrões mentais definidos, programados e não havia uma, só dentre todas aquelas famílias, que pudesse fugir ou mesmo pretender alterar a predefinição das destinações do aspeto coletivo de cada espécie.

Que esteja ao alcance do conhecimento herdado pela nossa família, ao longo dos últimos 900 milhões de anos, a única vez que um ser pretendeu fugir aos limites da sua programação mental, gerou uma doença cuja contaminação mental foi avassaladora por força da inexistência de barreiras, não só entre os membros de uma família como também entre as famílias. Esse ser foi Lúcifer!

Como possuíamos o mesmo padrão genético original e, mais ainda, pelo facto da condição mental de todos nós ter conexão imediata entre os demais elos da nossa leva existencial, que vem sendo trabalhada há mais de 900 milhões de anos — desde as suas primeiras versões — a descontinuidade promovida por um dos membros da família Yel afetou, de modo surpreendente, a quem fez convergir a sua energia mental-pessoal com os ideais de Yel Luzbel.

Um dos aspetos do problema foi que, nos primeiros momentos do seu comportamento inusitado, era praticamente impossível não ficar com a nossa consciência pessoal em sintonia com os questionamentos que ele apresentou.

Não pensem os humanos da Terra que o “clima” existente na convivência entre os membros dessa comunidade intersistémica, formada por centenas de milhares de espécies distintas — cada uma delas com a sua própria filogenia mas assemelhadas em torno de certos padrões comuns — era de algum modo parecido com o que se pode imaginar a partir dos valores humanos.

É preciso que seja afirmado que nessa época não havia seres animalizados do género homo em nenhum lugar deste universo. Torna-se imperioso perceber que, as primeiras civilizações ou espécies cósmicas que surgiram a partir da sementeira do misterioso código da vida que surgiu neste universo, foram experiências não programadas, acontecidas ao leu, como produto do acaso, e seres de todos os naipes surgiram mas não foram aproveitados.

E assim foi para todos nós, pois foi desse modo que surgimos, pelo menos até há pouquíssimo tempo, quando o que eram tão somente as nossas especulações, estas foram confirmadas pelos factos recentes que tiveram lugar junto com o advento da humanidade terráquea, oportunidade em que o criador tentou, estrategicamente, apresentar-se, pela primeira vez, aos que viviam no lado da evolução biológica da sua criação, hoje o sabemos.

Muitas das raças que surgiram ao leu ainda existem na expectativa de uma retomada do progresso que lhes for possível, outras, na maioria se autodestruíram e/ou se aniquilaram mutuamente em guerras indescritíveis.

Sob esta ótica, o género biodemo (corpo biológico sem ostentar sexualidade e instinto de sobrevivência nos moldes animalizados) a que pertencemos, este sim parece ter sido trabalhado por mãos invisíveis com vista a alguma destinação que sempre procurámos vislumbrar, mas cuja direção e rumo foram perdidos há cerca de 700 mil anos, quando eclodiu o problema que depois se tornou a rebelião de Yel Luzbel.

Parece que somos a parte biológica-mental que foi sendo trabalhada no universo enquanto, provavelmente, outros segmentos de experiências parecem ter-se desenvolvido em diversos ambientes dimensionais, conclusão esta a que fomos obrigados a assumir como provável ao analisar os factos que, nos últimos tempos, vimos acontecer na Terra.

Provavelmente existem outras partes biológicas, hospedeiras do “código genético mental demo”, desenvolvendo-se no universo e todos nós sejamos tão somente os componentes de um grande enigma, sendo trabalhados na busca da solução para algum problema.

Foram e ainda são tempos difíceis pois, desde que aqui aportámos pela primeira vez, ao tempo do planeamento do “portal” e, agora como uma família desgarrada, tanto do seu centro de progresso — pois assim considerávamos a convivência com Sophia e as suas hostes — como dos seus companheiros de desventura política, passámos a viver como espécies de párias sem ter para onde ir, como retornar, como retomar contato fosse com as hostes de Sophia ou mesmo com as de Yel Luzbel, e o pior: não havia sensação de futuro programável para as nossas inteligências. Estas, pouco sensíveis ao que hoje usualmente marca o psiquismo humano, e acostumadas a um contínuo processo de refinamento mental e de outras faculdades pessoais, mal conseguiam elencar, criticamente, elementos que pudessem formular uma equação que pudesse representar os nossos problemas e as possíveis soluções.

Simplesmente os algoritmos mentais que sustentavam a nossa lógica, o modo de pensar e de “sentir” da família Val, pareciam não possuir a menor serventia diante dos factos cruéis que estávamos a viver.

Os humanos têm prazer mental, emocional, sexual, satisfação espiritual, enquanto nós, e os demais do género “biodemo”, que caracterizava todas aquelas famílias exiladas e perdidas no seio do movimento rebelde, não temos ou sentimos coisa alguma parecida.

Quando os humanos estão aflitos costumam rezar, pois foram condicionados a tanto. Nós não! O nosso modo de “sentir” a vida e de “pensar” a existência, se comparado ao dos humanos, é um processo extremamente modesto, pobre, sem maiores receitas e temperos. Porquê?

Como estimo já ter explicado um pouco a respeito e, agora aprofundando o entendimento, de acordo com o grau de programação da nossa “destinação mental”, é imperioso o sentido do progresso e a obediência aos ditames da nossa lógica, sendo que esta é submetida ao impulso do progresso.

NAT – O “impulso ao progresso”, referido por Val Eno, corresponderia ao que, nos seres animalizados, seria o “instinto de sobrevivência”.

Para os membros da família Val, e das demais biodemo, elevar o foco do psiquismo do “ter que progredir mental e intelectualmente” para o “progresso espiritual” que abrange todas as faculdades latentes da alma, eis o grande desafio que espera aos que permanecem nesse viés evolutivo.

Afinal, essa elevação de foco consciencial pressupõe a supremacia da natureza espiritual do ser sobre a natureza biodemo.

Para os que migraram e, atualmente, têm os seus espíritos mergulhados nas espécies biológicas do universo, o propósito é elevar o foco da consciência da “natureza animal” — advinda do corpo transitório — para o da “natureza espiritual”. Aqui, o pressuposto é a supremacia da natureza espiritual do ser sobre o psiquismo afetado pelas sensações animalizadas e primitivas.

Nos últimos milhões de anos, o único evento diferente que tivemos, todos nós da comunidade de Orbum, foi a convivência com Sophia que, inevitavelmente, por força da sua simples presença, motiva, impele, instiga a que ousemos dar passos prudentes e programáveis na direção da construção de “novos sentimentos”, “novas posturas”.

Mas, tudo isso, como sendo produto da relação de um mestre com os seus alunos, de um amigo mais velho com os seus confrades, ou mesmo de um comandante-formador com a sua equipa que ele pretende adestrar. Nada disso tinha a ver com o tipo de “adoração” ou “veneração” que surgiu com os humanos da Terra.

Assim, o que existia disponível no psiquismo Val, parecia não significar coisa alguma perante as exigências da nossa dramática situação que somente começava a se impor como quadro inevitável de um destino jamais antevisto.

Nunca tivemos a noção de um “deus”, nos padrões em que os terráqueos viriam a ter mais tarde, e nem muito menos havia no nosso modo de ser qualquer “gatilho psicológico” que nos inclinasse a sempre voltar o foco da nossa consciência pessoal para algo que a esse conceito se assemelhasse.

Tínhamos, sim, na cultura comum à natureza do modo de ser da família Val, uma natural relação mental de curiosidade e mesmo de vislumbre em relação à possível existência de um criador. Desde que viemos a conhecer a figura de Sophia, passámos a achar que algo de semelhante aos seus potenciais, o possível criador deveria ter.

Sobre essa questão, ele costumava, sim, referir-se a um misterioso ente-criador que, em não podendo se fazer presente junto à sensibilidade dos que vivem na faixa universal biológica, enviava os seus representantes, e ele, Sophia, era um destes e, para nós, o primeiro do qual tínhamos notícia. Muitos dos que viviam em “realidades privilegiadas” o percebiam vez por outra, mas para os mergulhados no universo, tal não era possível.

NAT – Na época destes escritos, não tinha conhecimento preciso da questão das lokas (faixas de realidade subjacentes à do universo no qual vivemos) nas quais viviam e vivem seres demo muito antigos, residindo nestes seres a origem do que mais tarde, na Terra, veio a ser objeto da mitologia nos seus aspetos demoníacos, expostos em algumas daquelas tradições como, por exemplo, a grega.

A história desses seres começou desde os primeiros momentos da criação, quando nesses níveis, os três senhores da tríade (trimurti hindu), se estabeleceram.

Ora, os seres da família Val, Yel e das demais referidas por Val Eno, somente foram gerados alguns bilhões de anos depois, após as forças organizadas nas lokas ou nos genos (faixas de realidades paralelas), terem assumido o poder, expresso por meio das figuras de Caos-Brahma, Eros-Vishnu e Tártaro-Shiva. Daqui se originou uma estranhíssima aristocracia demo que, na verdade, existe até aos tempos atuais, apesar da fragilidade explícita de muitos dos seus membros.

Assim, os seres demo que “sempre” existiram nessas moradas demoníacas são bem mais antigos do que os seres biodemo que já surgiram para a vida no seio do universo biológico como resultante dos esforços primeiros, sendo esse, também, o caso da nossa espécie homo sapiens mais recentemente.

Na época em que as informações acima foram registadas por Val Eno, parece-me que tanto a minha condição humana quanto a dele ainda não estavam suficientemente informadas sobre esses aspetos.

De todo modo, penso ser de fundamental importância a compreensão de que os seres biodemo não conseguem perceber objetivamente os seres que vivem nas lokas, como também nada sabiam, ao certo, sobre o contexto espiritual que a tudo envolve. Hoje, o contexto espiritual é praticamente uma certeza para os Val, por alguns motivos que serão expostos ao longo da narrativa.

Os nossos dias na Terra pareciam infintos pois que, todos eles vividos enfiados nas naves já que, na época em que chegámos — com o estigma de exilados e de traidores —, o planeta estava a passar por “efervescências climáticas” e explosões solares que não nos permitia uma coexistência direta com a natureza da Terra.

Previendo o pior cenário que, para nós, representava a possível extinção de todos os nossos membros, após muita hesitação, decidimos em assembleia que, o máximo possível dos nossos pares deveriam “hibernar”. Somente a equipa necessária deveria ficar ativa e em vigilância, trabalhando na tentativa de perceber, compreender e equacionar todos os problemas que estávamos e iríamos passar como forma de, no futuro, estabelecermos as estratégias para bem enfrentar as dificuldades.

Caberia ao grupo desperto “acordar” os demais membros quando e se julgasse necessário. Além dessa possibilidade, estava também programada o “despertar imediato” automático, sempre reajustado dentro de certos períodos, caso ocorresse algum problema fatal com a equipa desperta.

Foram tempos difíceis porque jamais havíamos feito qualquer processo parecido com aquele.

Até que tivéssemos resolvido o problema da energia necessária para o processo da manutenção dos corpos e adaptado a “asphezian” para servir de sede da experiência, tivemos que enfrentar praticamente cerca de 6 milénios.

Superada a questão da fonte de energia para dar sustentabilidade ao processo, começámos a operar, 14 membros por etapa da experiência. Foram tantas e algumas problemáticas, o que nos levou a alongar a experiência por cerca de mais 15 mil anos, até que exatos 690 tiveram os seus psiquismos desligados temporariamente do fluxo da vida, já que, naquela última etapa, mais um problema ocorreu e somente conseguimos processar 10 corpos.

De toda a família, 46 permaneceram ativos dentre os quais eu me encontrava como um dos operadores da experiência.

Dividimos as tarefas para poder mapear as dificuldades a serem superadas e, depois de cerca de 21 mil anos após a chegada à Terra, finalmente começámos a operar fora das naves mas ainda com deficiência nos nossos equipamentos. Neste ponto da nossa história aqui na Terra começaram os problemas, que até hoje nos afligem.

O primeiro grupo a aventurar-se fora da “asphezian” simplesmente feneceu e nada pôde ser feito para revivê-los. Começámos a conviver com “sensações” nunca antes sentidas, pois que, jamais havia “morrido” alguém da nossa espécie. E ali estavam à vista, dos 37 restantes, os 9 corpos dos Val, que ainda tentámos “hibernar” com vistas a uma possível futura solução, ainda por ser estruturada, o que jamais se verificou, e os seus corpos literalmente se decompueram.

Lidar com a perda daqueles membros-irmãos foi uma experiência que somente superámos devido à nossa programação genética que não previa maiores “sentimentos”, como já referido. Contudo, apesar do código genético da espécie Val ter o direcionamento comum dos biodemo para a “frieza prática” no campo das sensações, nós, os 37 despertados, começámos a passar, sem que disso soubéssemos naqueles tempos, por “**mutações genéticas**” advindas dos estranhos “sentimentos” que fomos obrigados a sentir perante aqueles factos inusitados.

Até à nossa saída de Alt'Lam, no sistema de Antares, a “pandemia” decorrente da doença de Lúcifer ainda não havia “matado ninguém”, e muito menos as guerras e conflitos, que também produziriam no futuro, os seus “mortos” haviam tido lugar. Tudo isso somente começaria algum tempo depois daqueles dias.

A nossa nave operacional — “espheron” — havia pousado desde que a experiência da “hibernação” foi colocada na pauta das nossas necessidades e de nos considerarmos “habitantes da Terra”, por tempo indeterminado, sem termos, contudo, procedido com as providências que precisariam ter sido tomadas antes da vinda para o planeta. Esse aspeto obrigou-nos a improvisar estratégias e possíveis soluções que, até aos tempos atuais, ainda estão em curso, por estranho que essa notícia possa parecer.

Com o surgimento da raça humana, evento que, desde que percebido pela “**inteligência central da nossa família**”, passou a ser acompanhado pelo inusitado dos factos que começámos a perceber a partir da nossa cidadela no Atlântico Norte, começámos a compreender que existiam muitos seres que poderiam ser considerados “terráqueos” só que, de origens distintas, convivendo na Terra.

A “**inteligência central**” a que me refiro é o fator resultante do que cada uma das mentes da espécie Val apreendia (e apreende) e, assim, repassava (e é repassado) a um impensável “**processador de informações mentais**” que era (e é) sustentado, conscientemente, pela “vontade” de cada um de nós.

Esse processador ainda funciona, encontra-se operacionalmente intacto apesar da família se encontrar “desagregada” por força dos factos a serem narrados. É o que

de “mais avançado” existe no âmbito do progresso mental estruturado em todo o universo, e é fonte de pesquisa para as civilizações e outras espécies da faixa universal e alhures, que possam acedê-lo através da nossa intermediação.

A preservação desse “processador único” foi e é o real motivo da “blindagem gron” que optámos por fazer como modo de protegê-lo das “intempéries” tanto mentais quanto as de ordem ambiental e política.

Lamentavelmente, por ter sido a família Val a única a ter se mantido unida no âmbito do problema luciferiano, que envolveu todas as espécies do género biodemo, somente o seu “processador” se manteve operante desde os primeiros acontecimentos desagradáveis ocorridos há cerca de 700 mil anos. Todas as demais famílias biodemo, por terem se esfacelado e entrado em conflito mental entre os seus próprios pares, terminaram por desgraçar o seu acumulado-mental-operativo, o que faz atualmente da família Val o único foco de sustentação de um “**recolhedor de progresso mental**” com capacidade de modificação do código genético a partir da simples interação da mente que o acede.

Existem umas poucas famílias do género biodemo que não se envolveram com a rebelião, que ainda detêm o seu processador “mental coletivo” intacto. Porém, por eles não terem vivenciado os eventos decorrentes da rebelião ao longo desses últimos 700 mil anos, os mesmos hoje são considerados “pobres em vivência”, se comparados com o da família Val, que se viu obrigada a conviver com situações extremas, impensáveis até hoje para essas espécies que se preservaram. Estas, apoiam e ajudam como podem, para que a família Val persevere nesse procedimento que, agora, até mesmo para a atenção do criador e das suas hostes — hoje o sabemos — passa a ser foco de vigilância central e essencial para a “necessidade dos géneros clone e demo” a que pertencem. Porquê?

Porque existem membros Val mergulhados no género humano e, mesmo assim, acionam naturalmente — ainda que disso não tenham consciência — o “recolhedor de progresso mental dos Val”.

Nós, os sobreviventes atuantes da família Val, que daqui operamos ao longo destes últimos 22 mil anos aproximadamente, somente viemos a ter consciência desses factos na medida em que os “Val desgarrados” e hoje mergulhados no género homo e, mais especificamente na espécie sapiens terrena, vão recolhendo as suas experiências.

Ainda que ultimamente mergulhados na espécie homo sapiens, o “DNA” desses seres, “ontem Val”, permanecem vibrantes no “hoje humanos” de um modo que ainda

deverá ser melhor explicado, desde que possível ao entendimento do intermediador destas informações, como também, para o dos que dela se alimentarem. Aqui, a questão é o facto do DNA biodemo ter-se transformado tão somente em algumas das sequências do DNA humano, ou seja, o DNA homo — por ser mais recente e tendo sido “trabalhado” nesse sentido — é muito mais complexo e abrangente do que o biodemo, sendo, portanto, este, apenas um precursor daquele.

Ao perdermos os 9 irmãos cujos corpos preservámos por muito tempo, na já referida tentativa infrutífera de revivê-los quando e se possível, passámos a desenvolver um “método de acompanhamento” vibratório comuns às células dos seus corpos, quando os mesmos se decompueram. Com a nossa tecnologia, “aprimorámos” o máximo de “moléculas químicas” (os seus códigos genéticos) que então os caracterizava como membros da espécie Val, e até aos tempos atuais, os mesmos estão aqui preservados, o que nos permitiu “reconhecê-los” após trabalhos de milénios, entre os membros da espécie homo sapiens.

Ao percebermos a migração ocorrida das “mentes particularizadas” daqueles seres Val para a espécie humana, vislumbrámos o antes impensável: o contexto espiritual ou algo que a isso se assemelhasse. Aquela havia sido uma das nossas principais descobertas científicas colecionadas no exílio terrestre, o que nos permitiu a ampliação do nosso conhecimento acumulado a um nível tal que nos abriu a percepção de novos horizontes de busca, o que foi invariavelmente “modificando o psiquismo” e provocando mais mutações nos 37 Val despertos.

Começámos, então, a avaliar se acordaríamos ou não os nossos demais irmãos, porque do modo como os factos estavam a sucede-se, se eles permanecessem hibernados por muito tempo, os despertos “evoluiriam” em tal quota de progresso — devido às mutações que ocorriam sem que as programássemos — que haveria uma defasagem insuperável entre os hibernados e os despertos, que nem mesmo o acesso ao “processador coletivo” resolveria.

Resolvemos despertar a todos os membros da família. Contudo, para a nossa inquietação profunda, os “mecanismos de disparo” para a consecução da etapa final do processo e todos os reparos necessários ao refazimento dos nosso irmãos, simplesmente não obedeceram aos nossos comandos.

Mais uma faceta inusitada de “sentimentos estranhos” passou a povoar o “frio e preciso psiquismo Val de existir”. Por algum tempo, o que hoje os humanos chamam de “desespero”, de “agonia”, quase passou a dominar a natureza Val daqueles 37 seres.

Diante de tantas dificuldades, o meu psiquismo, cerca de 25 mil anos depois da nossa chegada ao planeta azul, refletia, ao meu modo, sobre o tipo de “destino” que nos tinha levado a encontrar-se num mundo cuja natureza, apesar de exuberante, era assustadora aos nossos olhos, cheia de experiências biológicas que ocorriam sem o menor controle de nenhuma força organizada, e o pior: absolutamente inócuas perante o nosso modo de avaliar a realidade que nos envolvia.

Observando os casulos dos meus irmãos Val como também a minha própria sensação de insignificância nunca antes sentida depois de mais de 200 milhões de anos de existência como Val Eno, pela primeira vez me perguntei algo. Mas, o que isso pode ter de importante para um terráqueo?

O psiquismo Val, como o Yel e alguns outros, parece ter sido criado para aprender a ser afirmativo e a fazer perguntas sobre o aspeto exterior da vida.

Acreditem os humanos se puderem, mas nós, os Val, os Yel e outros, não dispúnhamos do viés mental de fazer as perguntas a nós próprios. Não havia “gatilho psicológico” ou “algoritmo mental” para essa “curva ou atalho mental” no nosso modo de ser.

O nosso psiquismo era “afirmativo”, jamais “inquisitivo” na primeira fase do pensamento, daí a dificuldade singular que sentimos nos embates mentais havidos com o quartel-general dos rebeldes, praticamente dominados pelos membros da Yel e de uma outra espécie biodemo pertencente ao sistema planetário de Tau Ceti, a família Mion.

E ali me encontrei questionando o meu próprio senso, pela primeira vez, sobre o sentido de tudo aquilo.

Os terráqueos foram educados ou sensibilizados — na verdade, condicionados — a acreditarem que “alguém cuida de cada um deles”. Nós, os Val, não tínhamos a mais remota noção de algo que a esse tipo de “sentimento” se assemelhasse.

Talvez, envolvido pelas influências dos questionamentos de Lúcifer sobre a existência de um deus ou de um ente que cumprisse com os misteres então a ele atribuídos, questionei-me sobre se realmente existia alguém comandando alguma coisa no meio de toda aquela dramática situação que, mesmo para a frieza Val, assim já começava a se construir perante a nossa frágil sensibilidade.

Conhecíamos algumas outras naturezas planetárias “sanguíneas”, apesar de mais frias que as da Terra, mas jamais havíamos presenciado tanto morticínio

promovido pela natureza das espécies. Provavelmente era assim também em outros mundos e, talvez, pelo foco dirigido da nossa atenção para outros painéis, simplesmente não atinamos para tamanha “selvageria”. “Será?” – pergunto-me até aos tempos em que registo estas minhas memórias numa narrativa para os humanos.

Olhei para os demais irmãos despertados, que me estavam próximos naquele momento, e perguntei-me, também, se eles estariam “sentindo aqueles momentos” do mesmo modo como em mim estavam se processando.

Procurei perceber em um e noutro o que se passava na intimidade mental — entre nós isso era facilmente perceptível pois não havia nada “escondido”, na medida em que nos considerávamos um só organismo operacional — e para minha surpresa, percebi que nenhum deles parecia estar afetado do modo como eu me encontrava. Mas era somente na aparência: estávamos todos afetados.

Demorei a tomar a decisão de convidá-los para uma abertura mental dos nosso arquivos, com o intuito de verificarmos até que ponto havíamos conseguido elencar os principais desafios que agora significavam e representavam o destino da família Val na Terra, para que fixássemos a atenção sobre esse segundo item das nossas prioridades já que o primeiro era ainda o despertar dos demais membros da nossa família.

# Ostronomos

Alinhámos as informações disponíveis e as nossas preocupações, e atualizámos a nossa capacidade de identificar ameaças e problemas, procedimento que repetíamos ciclicamente e sempre que achávamos necessário. Depois, voltámos a dedicar-nos a descobrir uma maneira de despertar a parte da família em “hibernação”, mas não obtivemos sucesso.

Por cerca de mais 130 mil anos continuámos a levar adiante o que, para nós, representavam renovadas e “desesperadas” tentativas de despertar os demais membros da nossa equipa.

Algo de muito grave deveria estar a ocorrer, que impactava tanto os nossos comandos mentais como a interação desses com a tecnologia de que dispúnhamos, impedindo a efetivação do nosso objetivo.

Sim, por todo aquele tempo, permanecemos, os 37 despertados, recolhendo experiências nada agradáveis, entremeadas por algumas poucas boas surpresas, enquanto éramos obrigados a dividir as tarefas que nos permitiam sobreviver.

A nave operacional “espheron” voltou ao giro orbital, com 12 dos nossos membros despertados. Por lá permanecia durante um ciclo de trabalho, pousando, por pouco tempo, para as providências de praxe, logo depois retornando ao nível da sua órbita de patrulhamento.

Por muito tempo desistimos de tentar a adaptação junto à natureza terrestre, devido ao impacto que a nossa sensibilidade, “não mais tão fria assim”, terminaria por sofrer. Contudo, essa adaptação era desgraçadamente necessário, pois somente a nossa interação com os elementos do planeta poderia, talvez, compor uma solução, tanto para a nossa sobrevivência como para as outras questões.

Três de nós resolveram, então, assumir todos os riscos e, lentamente, foram se dedicando ao processo de interação com a natureza que nos inquietava. Com os materiais de que dispúnhamos, eles construíram o equipamento necessário para o mister explorador, coisa que começaram a fazer, a partir de então, com relativo sucesso.

NAT — Aqui preciso ressaltar o aspeto das “efervescências climáticas” referidas por Val Eno.

Quando a família Val aportou na Terra, há cerca de 620 mil anos, encontrou uma biosfera planetária totalmente poluída. O ar era irrespirável e cheio de fuligem, e toda a natureza parecia se encontrar atacada por uma espécie de peste que envenenava as plantas, além do que, a mortandade de animais era aterradora.

Eles somente viriam a saber do que aquilo se tratava no futuro distante, quando puderam verificar e estudar os efeitos devastadores da explosão do hoje chamado “vulcão de Yellowstone”, nos EUA, que havia entrado em erupção cerca de 77 mil anos antes da chegada das naves Val.

A Terra demorou bastante para se recuperar dos desgastes sofridos, e os Val aqui chegaram exatamente no período em que a devastação planetária ainda se encontrava em pleno curso, por força dos desdobramentos de outras explosões vulcânicas em cadeia, e de terremotos de altíssima magnitude que então tiveram lugar.

Permanecíamos na “asphezian” enquanto os três exploradores se expunham a sofrer as consequências sabidas inevitáveis. Eles o faziam exatamente para sentirem-nas em si, para sofrerem-nas nos corpos e, então, analisar quais modificações poderiam ser arquitetadas para a adequação dos seus corpos à natureza terrestre.

Como “cientistas-médicos-programadores” que eram, resolveram assumir-se como cobaias das experiências necessárias para encontrar o modo ideal de ajuste nos nossos corpos para bem interagir com a Terra.

Na evolução dos seus trabalhos de exploração, criaram um projeto comum com os 12 tripulantes da “espheron”. A nave, então, passou a dar apoio aos seus deslocamentos, que, agora, se realizavam por meio de um pequeno artefato voador de baixo curso, que tanto podia pousar na superfície do planeta, como mergulhar e acoplar-se à “espheron” sempre que necessário.

Quando da nossa primeira permanência na Terra, há cerca de um milhão e alguns poucos milhares de anos, oportunidade em que verificámos a possível instalação da base operativa do “portal azul”, havíamos procedido a um longo processo de “aferição de presenças”, para ver se o planeta já estava dominado por alguma força operativa celestial.

Percebemos as marcas de incursões de seres inteligentes em alguns pontos do planeta, do mesmo modo que havíamos visto no planeta vermelho vizinho — Marte

— mas não detetámos a presença de quaisquer seres estabelecidos, fosse num ou noutro.

Ou seja, havia registos da presença de seres inteligentes, mas não conseguimos detetar as suas origens. Na Lua, encontrámos a marca da presença de pelo menos duas tecnologias distintas, que haviam ali operado em tempos imemoriais para os nossos parâmetros.

Foi com surpresa que os três exploradores — Val Geon, Val Ilon e Val Pen — fizeram soar o sinal da perceção de “presenças inteligentes com força operativa” em um dos seus deslocamentos.

No nosso manual estão previstas todas as situações possíveis no campo da exploração, e não foram poucas as ocasiões em que percebemos seres que se encontravam vivos, mas sem capacidade operativa (de se mover, de se comunicar, de “construir contextos”, de causar problemas, de coexistir produtivamente, dentre outros aspetos), pois é muito ampla a gama de problemas que podem surgir com os entes exploradores das diversas espécies. Infelizmente, o mais comum é mesmo o registo desses seres que se apartam de qualquer possibilidade de serem ajudados pelos seus pares. Problemas existem, sempre!

Registaram, então, que quando estavam pousados com o pequeno artefato voador, próximos a um dos grandes rios numa região que hoje corresponderia à China, defrontaram-se com um grupo de exatos 27 seres “anfíbios inteligentes”. Esses, como se estivessem em absoluta descontração, haviam observado os três membros da Val antes de serem por eles percebidos.

Ao se verem observados, os três ficaram parados — assim recomendava o manual — enquanto o desconcertante grupo de seres se deslocou no sentido de se aproximarem ainda mais do lugar onde os Val se encontravam, que era uma espécie de barranco que margeava aquele portentoso rio.

Após longo tempo de observação mútua, um dos seres anfíbios — que depois foi percebido como sendo o “chefe” — projetou-se para fora do curso do rio, vindo para a margem próxima ao barranco. Surgiu um ser marrom-esverdeado arrastando agilmente a complexíssima parte inferior do seu corpo cheio de prolongamentos que sumiam sob a água, enquanto a superior firmemente sustentada, claramente à mostra, deixava perceber, ao juízo dos Val, que ali estava um ser do género biofemol (bio-animal-anfíbio), do qual já haviam tido notícias, mas jamais interagido com um, ao longo da história da família.

NAT – Estou a valer-me de neologismos pela absoluta falta de vocabulário técnico adequado que possa expressar corretamente os factos.

Somente uso o aparente pleonasma “bio-animal-anfíbio” porque, para muitas das famílias cósmicas em questão, que trabalham com a catalogação das espécies que surgem ao leu no âmbito da criação descontrolada, existiriam ainda seres do tipo “bio-vegetal-espécie x”, “bio-vegetal-espécie y”, dentre outros aspetos que no futuro serão compreendidos adequadamente.

Agora, para a dose de surpresa comum ao psiquismo Val, 27 pares de olhos os olhavam como se fossem eles os “mais estranhos” daquele encontro.

Todos aqueles seres se aproximaram e elevaram a parte superior dos seus corpos acima do nível da água, os quais apresentavam diferenças marcantes, uma vez que, contrariamente ao que ocorre na Terra, onde os genomas costumam demarcar as espécies que nela vivem, aquela não era uma espécie uniformizada pelo seu código genético.

O ser anfíbio que comandava aquele grupo, somente na metade superior do seu corpo, que teria aparência próxima à de um humano, tinha um pouco mais de dois metros de altura, apresentando quatro braços e um rosto afilado, cujos olhos, fortemente amarelos, pareciam apresentar dobras para baixo que se confundiam com as “rugas” que lhe marcavam profundamente a pele.

Estranhamente, ele se revestia de uma “espécie de roupagem” que lhe cobria o tronco, indo até próximo ao início do longo pescoço esverdeado, que parecia reter, como se nele estivesse colado, o final da sua longa cabeleira escura. Dentre os demais, outros três pareciam também ostentar aquela vestimenta.

Durante certo tempo os dois grupos tentaram estabelecer comunicação, mas nada foi possível.

Após as tentativas diárias, enquanto os anfíbios desapareciam na água ao fim do dia, os Val retornavam ao seu artefato, com a sempre renovada expectativa quanto ao possível retorno daqueles seres no dia seguinte.

Jamais falharam: lá estavam eles, só que, dia após dia, sempre em número superior, até atingir praticamente o triplo de seres do primeiro encontro da “tarde histórica”, enquanto mais e mais tentativas de comunicação eram levadas a efeito.

Por cerca de nove meses terrestres o modelo do inusitado encontro se repetiu a cada dia, e nada de inteligente resultava das tentativas de comunicação.

Val Pen, devido aos muitos convites vindos deles, por meio de gestos de “muitas mãos” o estimulando a entrar no rio, decidiu seguir adiante com o impulso que lhe surgiu de modo desconhecido no psiquismo, e foi o primeiro Val a banhar-se na água da Terra, facto que lhe provocou uma “sensação de prazer” jamais sentido por um da nossa espécie.

Que os humanos terráqueos não estranhem, mas os seres biodemo como nós, fazem as suas higiènes por meio de um processo que seria semelhante a um “banho gasoso” que, cirurgicamente, mantém higienizada, nutrida e viva a nossa organização corporal.

Val Pen não entrou no rio para se banhar, mas sim, para cumprir mais uma etapa da sua interação com as coisas da natureza terrestre (NAT — impulso que até hoje marca o seu espírito, pois o ser aqui referido viria, mais tarde, ao desligar-se da sua forma biodemo Val, a assumir a feição espiritual que muito depois seria conhecida como Rochester, espírito responsável pela produção de incontáveis obras mediúnicas).

Depois da sua experiência, o seu relato mostrou-nos que, por meio de algo tão simples, muito estava se modificando em Val Pen. Foi quando alguns, dentre nós, começaram a estudar a expressão psíquica do prazer e qual o seu significado para a vida, coisa que fazemos até hoje, por meio do acompanhamento dos membros da nossa família, inexoravelmente interconectados com o “processador Val”, independentemente de onde estejam e de como se encontrem.

Val Geon resolveu, então, solicitar aos 12 da “espheron” para que a estacionassem o mais próximo possível de onde se encontravam, de modo que a tecnologia nela disponível pudesse facilitar o processo de comunicação.

Algum tempo depois a “espheron” se fez presente. Para surpresa dos três, logo após o pouso da “espheron”, uma nave bem maior e de aparência brilhante, jamais percebida pelos Val, surgiu de trás de uma montanha situada muito distante, e se deslocou em rápido sobrevoo para a outra margem do rio, planando em pleno ar. Dela saiu mais uma dúzia de seres anfíbios, os quais, voando como que se usando asas, mergulharam no rio e se juntaram ao grupo, que somente crescia.

Após muitas tentativas que “encantaram” os Val, eis que uma decodificação dos sinais do anfíbio-comandante foi finalmente obtida. Para surpresa dos 15 membros Val, lá estava a intrigante pergunta: “Pesa--lhes ter de destruir?” — seria essa a tradução mais aproximada a ser feita.

Os Val não lidavam bem com perguntas, e sei quão difícil deve ser para os humanos que venham a ter contato com esta informação, compreender o seu significado. Mas fomos programados, como já referido, para sermos afirmativos, o que corresponderia a termos um modo de pensar que, na análise dos factos, “sempre verifica” a afirmação feita dentro do padrão de critérios comuns aos algoritmos mentais com os quais o “cérebro Val” parece ter sido construído.

Para um Val afirmar “o céu é azul”, essa é uma constatação. Porém, para um Val que escuta, o seu cérebro forçosamente, queira ele ou não, expressa outra afirmação, do tipo “o céu é verdadeiramente azul”, caso ele concorde. Caso contrário, ele dirá: “o que você chama de céu, está azul para a sua vista, e assim é por efeito da luz da estrela (Sol) associada aos gases da atmosfera planetária”. Mas não é uma comunicação estruturada em perguntas e respostas.

Sei que o exemplo é pobre, mas é o que os dois formuladores destes escritos conseguem produzir para simbolizar o modo primitivo como os Val podiam arquitetar os seus pensamentos, devido ao tipo de cérebro e “programa mental” que a sua espécie ostentava.

O ser anfíbio chefe apresentou um nível de compreensão e de versatilidade que os Val não conseguiram arquitetar e muito menos acompanhar.

Efetuada esse esclarecimento, retomo o relato.

Com aparelhagem vinda da nave deles e “conectada” ao cérebro de Val Geon, com o seu aceite, finalmente a comunicação se estabeleceu.

O que agora exponho refere-se aos registos feitos pelos meus três irmãos, com as aproximações e adequações possíveis, da conversa tida com aqueles seres.

— Pesa à raça de vocês ter de destruir qualquer coisa? Muito pesa, a mim e aos meus, ter de ferir, de destruir uma folha de árvore. Assim, perguntamos a todos os que encontramos, para ter ideia dos seus possíveis valores ou da ausência deles, pois muitos seres vivos, inteligentes, não se importam com o que fazem — explicou o ser.

— Somente destruimos o que precisa ser destruído conforme nosso manual operativo — explicou Val Geon.

— Então vocês matam, destroem...

— Nunca destruímos qualquer vida, mas ninguém, dentre os meus, poderá afirmar que jamais isso poderá ser feito. Estamos a viver tempos difíceis neste mundo. Nada sabemos sobre os próximos tempos. Algo em nós está apto à defesa e, por conseguinte, ao ataque, mas somente se esgotadas as opções verificáveis no nosso modo de ser — ponderou Val Geon.

— Vocês não são naturais deste planeta, como também nós não somos. Pela dificuldade que vejo em vocês de como interagir com este mundo, deduzo que devem estar aqui há pouco tempo... Nós estamos aqui há muito mais tempo, bem antes do início da grande devastação. Este mundo não é tão novo, mas age como se fosse, pois, das suas entranhas, sempre expele o brado da sua inquietação, e sofrem todos os que estão no ar e na superfície. Nós nada sofremos, porque habitamos as veias aquosas, pelas quais optámos para erigir as nossas bases neste mundo. Todas elas são aquáticas, mas não nos mares, onde a água é fortemente afetada (salgada) — tornou a expressar o ser.

— Nós somos originários de um sistema colecionador de seres do meu tipo; somos 736 colecionados por um dos modelos de cérebro biológico demonizado, advindo de experiências imemoriais dos que nos antecederam. Fomos engendrados, desde os nossos ancestrais, a partir de um viés genético fornecido por Sophia, o Primeiro em Comando neste universo, e representamos a experiência Val, que pressupõe um passo evolutivo do modelo que em nós existe. Respeitamos todas as formas de vida e buscamos compreender o sentido das coisas e da vida. Chegámos a este mundo pelo facto de nos termos desvinculado de uma grande conflagração mental que surgiu em torno dos conhecimentos acumulados sobre a vida cósmica de outra experiência do tipo da nossa, a da família Yel. Incompreensivelmente, fomos apontados como traidores e propagadores da doença que vitima os cérebros deles. Estamos, agora, com a nossa força operativa sendo retrabalhada para os desafios que nos esperam, os quais desconhecemos — explanou pacientemente Val Geon.

— Somos de um sistema de estrelas (em certo fim de tarde ele apontou para a estrela Sírius, que logo aparece devido à sua luminosidade), e viemos para cá movidos por motivos incompreensíveis para nós mesmos. Não conhecemos quem você define como Sophia, e muito menos obedecemos ao seu comando, e nem ao de ninguém.

Diferentemente de vocês, nada temos do viés mental-demonizado em nossos corpos, se aqui estivermos a referir-nos aos seres que vivem além das fronteiras da nossa capacidade de perceber. Deduzimos que eles existem; não sabíamos que existiam alguns, por aqui, produzidos por eles. Os nossos corpos são produtos da evolução do mundo em que vivemos e de outros vizinhos que colonizámos no passado.

Somos animalizados, mas não nos moldes do que se vê neste mundo. Nós somos pacíficos e nada destruimos, pois as células dos nossos corpos absorvem certos padrões quando ingerimos água e outros líquidos que preparamos a partir de gases. Mas nem sempre foi assim, pois fomos gerados com apetite carnívoro e herbívoro, semelhante ao que, surpreendentemente, encontramos neste mundo. Talvez a mão invisível que nos trouxe para cá tenha levado isso em conta, quando nos provocou o arriscado deslocamento.

Aqui chegámos e ficámos prisioneiros dos problemas herdados na passagem dos túneis (“buracos de minhoca”) e estamos ainda aguardando o reforço dos nossos. Enquanto isso, resolvemos modificar-nos, em hábitos e necessidades, para contribuir com o problema que estamos a enfrentar em nossas origens. Não queremos este mundo para listá-lo entre os nossos, pois já possuímos mundos o suficiente sob o nosso controle e não é essa mais a questão que nos movimenta. Basta! Mas precisamos reformular o modo como vivemos e assim contribuir para o progresso de outras espécies, pensamos nós. O porquê de ser assim, não compreendemos, apenas temos pistas, mas não há explicação à vista que nos gratifique. Esse Sophia a terá? Enquanto isso, vivemos e aprendemos. Neste padrão de linguagem, a minha identificação é Ostronomos, pai dos que aqui estão comigo. Esta é a minha família, minha linhagem mais próxima, que comigo veio do mundo onde surgimos. Praticamos a partilha genética e procriamos tais quais os animais deste mundo. Aqui viveremos por mais tempo, mas daqui sairemos sem pretendermos nada deixar nem levar. Somos passantes e passantes seremos. Não somos contendores. Pelo que percebemos, nós temos valores que vocês não têm, pois nos “preocupamos” com as coisas que estão além do nosso zelo imediato e nada fazemos que não tenha um significado para o nosso modo de valorizar as coisas. Vocês, não! Somente o que está programado no manual da sua espécie parece ser o que os movimenta para os caminhos da vida que levam. Parece que somos bem mais velhos que vocês... Mas somos mortais...

Facilmente morremos. Os da minha espécie são poucos... Somos poucos, em muitos lugares, mas parece que vocês são poucos e em um só lugar. Isso é complicado. Vocês precisam trabalhar muito. Sigam confiantes, pois há algo de confiança no seio da vida que nos impele sempre ao momento seguinte, ao tempo seguinte, até que esses corpos não mais sustentem a busca do “logo depois”.

— Realmente, somos bem poucos e em situação absurda e frágil. Não sabemos quanto ao futuro nem se teremos um. Somos parte de uma conflagração enorme, que antes era tão somente uma vastíssima congregação de seres muito semelhantes entre si, apesar das pequenas variações específicas de cada uma das espécies do nosso género. Sophia nos comanda, mas ele somente se fez presente nas nossas vidas nestes

últimos tempos. Sabemos pouco sobre o que ele sabe, mas ele é muito maior que qualquer outro que conhecemos. Por isso o seguimos, mas dele agora estamos apartados e nem mesmo compreendemos o porquê. Aparentemente, legou-nos à própria sorte; deve ter os seus motivos, pois ele é grande em sabedoria. Nós nos complicamos porque aderimos a essa conflagração, já que quase todos dos nossos adoeceram pelos seus motivos, assim pensamos. Precisamos sair deste mundo, mas não temos como e nem para onde ir. Confiança, você falou! Confiantes seremos, estamos a ser, somos programados para jamais desistir... Apesar de nada sabermos sobre o porquê. Resistir exatamente para construir o que sequer vislumbramos, parece ser esse o destino Val. Perdemos nove dos nossos, desde que aqui chegámos. Jamais havíamos convivido com o fenómeno da morte. Sempre imaginámos que a ausência de um só já seria razão fatal para os demais deixarem de existir. Isso está no nosso manual, porque somos um só organismo mental. Mas, agora, continuamos a existir sem eles, e a sensação de que eles continuam a existir connosco é algo de novo para as nossas mentes. Ainda assim, sem saber ao certo qual o significado dessa força íntima, perseveramos com as nossas atitudes, tentando seguir com a vida, sem que o seu sentido esteja claro para o nosso modo de enxergar os seus eventos, em especial, agora, nessas circunstâncias — ponderou Val Geon.

— Deduzo que vocês têm algum senso de justiça e também que se sentem injustiçados, pelos revoltosos ou mesmo por Sophia, a quem seguem. Se estou certo, uma coisa mais lhes digo: se vocês esperam ou desejam ver justiça neste universo, tratem de praticá-la, pois somente assim isso existirá! Somos antigos, dos “animais pensantes” talvez sejamos dos primeiros neste universo. Já observámos muitas coisas, e em quase nada percebemos justiça. Não sei como esse senso brotou entre os meus, não sei como isso surgiu em mim. Nós temos senso de justiça, e por isso lidamos com poucos, porque não a observamos em parte alguma, e isso nos inquieta, ao mesmo tempo em que nos constrange perceber como a criação é frágil nos seus alicerces morais. Por que isso é assim? Nós temos senso moral, mas não entendemos como o possuímos e, mais ainda, por que quase ninguém mais o demonstra ter. Parece não termos senso crítico o suficiente para compreender. Vocês também não demonstram ter. Será que tal existe? Quem isso terá disponível no seu modo de ser? Vocês são os primeiros dos muitos que já descobrimos que parecem ter algo semelhante ao que possuímos. Mas temos mais “significados” do que vocês. Isso sei pelos sensores ligados à sua mente e às possibilidades das suas respostas que ressoam na minha. No meu caso, a busca de significados... Isso se deu quando não mais sabia o que fazer com a minha vida... Perdi o sentido, adoeci e decidi então criar algum valor que me motivasse. Foi nesse momento que, segundo o que eu mesmo deduzi, surgiu em mim o que agora chamo de senso moral, na medida em que decidi valorizar a vida por meio

dos meus próprios valores. Ensinei isso a todos os da minha raça. Eles acolheram o ensinamento e somente poucos adoecem e não conseguem acompanhar o código que nos define enquanto espécie e civilização. Buscamos aplicar a nossa energia nos valores da consciência individualizada, porque, sem isso, a coletividade não funciona. Espero que Sophia expresse justiça tanto quanto a sabedoria que você diz ela personificar — concluiu, gravemente, Ostronomos.

— Você é grande em sabedoria — disse Val Geon — Nós, não! Faremos com que os seus conceitos venham a ser conhecidos por todos os da nossa espécie. Muitos de nós dormem, forçados pelas circunstâncias, e não poderão, por agora, receber os seus ensinamentos. Espero que dentro em breve possam fazê-lo. Você nos surpreende por pensar tal e qual Sophia. Ficámos sem nada expressar para poder apreender. Sophia nos ensinou que isso era o que de mais precioso existia no ambiente em que vivemos: o esclarecimento bem conduzido. Ele nos conduz, você nos conduz, nosso reconhecimento permaneça com você. Os seus conceitos me permitem pensar melhor sobre o que estamos a passar. Conduzido pelos seus pensamentos, expressei os meus afirmando que o nosso problema hoje é exatamente não saber o que fazer das nossas vidas. Tudo aquilo por que nos esforçamos agora se resume em despertar os pares que hibernam. Tudo isso por uma confusa situação de confronto mental em torno da existência ou não de um criador para isto tudo que observamos e vivenciamos. O que ele quer de nós, o que queremos dele, parece ser a tônica do impasse, se isso tiver alguma serventia. Tempos estranhos, situações confusas, e a ausência de sentido em tudo... Precisamos criar conceitos parecidos com os seus...

— Os da minha espécie sabem que não devem esperar nada de mim, apesar de que me esforço para ser o que o meu senso moral me leva a ser para eles. Jamais encontramos seres que saibam explicar por que existem, para que estão aqui...

Ninguém sabe. Eu não sei! Criador, presumo que exista, mas talvez as coisas sejam como são simplesmente porque assim é. Não sei se isso é possível. Vimos estrelas despedaçando-se, mundos despedaçados, vidas tolhidas por muitos meios, destruição de todos os modos, e não conseguimos conceituar um criador que tenha feito algo para ser destruído do modo que percebemos. Se assim for, para quem ter criado o que vai ser destruído? Simplesmente vivemos, e fazemos de nós mesmos os agentes da nossa própria existência, sem nada esperarmos, seja do que vemos ou do que não vemos.

Tanto faz. Houve um princípio que nos criou e haverá algo que nos destrua, pois muitos dentre nós já feneceram. Ainda assim somos levados a confiar no momento seguinte e nisso reside o nosso esforço de seguir com o curso da vida. Às vezes consigo,

outras não. Tanto faz. Vou para o “momento seguinte” do mesmo modo, querendo ou não. Nele jamais me estabeleço, ninguém o consegue. Sigam sempre para o “momento seguinte”, pois nisso parece residir a solução que, automaticamente, buscam todos os seres vivos, os que pensam, como nós, e os que não conseguem perceber que existe inevitavelmente o tal momento seguinte. Todos vão para o momento seguinte. Eles vivem sem essa consciência, nós podemos viver conscientes disso e tirarmos o melhor proveito. Façamos isso. Se criador existir, ele deverá estar a fazer a mesma coisa.

— No nosso sistema existem os “ardenianos”, que também vivem na água e estiveram neste mundo bem antes de nós. Vocês, porém, são superiores em pensamento e senso moral. Eles deixaram sementes no mar há centenas de milhões de anos deste mundo. Nada sabemos se foram aproveitadas — ponderou Val Geon.

— Nada sabemos sobre esses seus irmãos. Nada sabemos sobre essas experiências.

Estamos aqui há muito tempo, mas não nesse padrão. Não fomos aos mares deste mundo, pois não nos adaptámos para tanto. Mas desconhecemos o futuro e pode ser que tenhamos que ampliar as nossas bases por algum tempo mais. A nossa intenção é de retornar e o faremos assim que pudermos, pois já resolvemos a questão da nossa alimentação e de nada mais precisamos. Este mundo e as suas aparentes crias muito já nos deram. Outros parecem ter semeado o que colhemos. Talvez os seus irmãos ardenianos tenham feito isso. A eles, o nosso reconhecimento. Saibam que muitas espécies que aqui vivem não foram formadas pelos elementos daqui, esses não estavam disponíveis ao tempo em que parecem terem sido urdidas, seja pelo destino ou mesmo por trabalho inteligente. Deduzimos que mãos operosas e mentes habilidosas existem trabalhando neste mundo, de um modo que não conseguimos detetar, mas percebemos algumas das suas possíveis criações. Se permanecermos mais tempo por aqui, tanto nós, como vocês, provavelmente iremos perceber com mais propriedade essas interferências no processo natural deste planeta — concluiu Ostronomos.

Os Val registaram tudo o que foi expresso, o que até hoje é motivo de reflexão e, apesar de decorrido tanto tempo desde o encontro, jamais esquecemos o que as expressões daquele ser vieram a provocar no futuro, no psiquismo da nossa espécie.

Em mim, que relato todas estas memórias, desde a primeira vez em que apreendi os registos daquele encontro, que o meu modo de pensar se deixa afetar pela profundidade dos seus conceitos, para nós, de todo inusitados.

Por muito tempo, cerca de quase três anos, a troca de informações entre os representantes daquelas duas espécies teve lugar, e essa convivência se deu por volta de 520 mil anos atrás. Val Pen foi, então, “convidado” a entrar na “nave anfíbia”, cuja superfície era impressionantemente uniforme e refletia a luz do Sol de modo singular, como se dela retirasse energia e como se com ele se consorciasse constantemente. À noite, a sua luz era azulada, o que contrastava com o tom esverdeado da maioria dos corpos daqueles seres anfíbios.

Val Pen teve acesso a muitas informações e a tudo registou, o que aqui não será possível reproduzir, pois fugiria ao objetivo pretendido para esta narrativa. Contudo, a afirmação conclusiva de Val Pen, até hoje registada nos nossos anais, dizia que “aquela espécie havia estruturado um padrão de evolução, tanto tecnológica como mental, muito superior à de todos os seres biodemo conhecidos”. Eram bem mais evoluídos que nós, os Val de Zion.

NAT — Deduzi, do relato de Val Eno, que os seres anfíbios haviam desconfiado da presença dos seres demonizados que, partindo das suas lokas, eventual e circunstancialmente — como os titãs da mitologia grega — por essa época já atuavam no planeta. Ressalto junto ao leitor que os nephelim bíblicos ainda não se encontravam na Terra ao tempo desse encontro.

Outro registo devo aqui fazer. A convivência entre Ostronomos e os seus descendentes com os 15 membros da família Val durou alguns poucos anos. Superada a barreira inicial da incomunicabilidade, restou um soberbo acervo de informações que os Val recolheram, todo ele inusitado perante o já respeitável arcabouço de conhecimento acumulado, no “processador Val”, ao longo dos milhões de anos.

Numa pobre analogia, o Mahabharata, épico hindu, narrou todo um contexto episódico dos aspetos épicos de uma época histórica desconhecida, sendo a conversa de Krishna e Arjuna tão somente um dos seus capítulos. Contudo, essa conversa produziu um livro à parte, que é o Bhagavad Gita.

O Terra Atlantis pretende abordar uma “época perdida” para o conhecimento atual, ressaltando alguns dos seus painéis que possam fornecer pistas para a construção do entendimento sobre factos do nosso passado, em especial o que atualmente se conhece como a tradição da Atlântida. A “conversa” entre os 15 membros Val e Ostronomos e os seus descendentes, pela riqueza em conteúdo ainda hoje inusitado para o padrão do nosso conhecimento, deverá receber um tratamento à parte, se o curso da vida assim o permitir.

Os arquivos colecionados por Val Geon, Val Ilon e, em especial, por Val Pen, referentes à sua “visita” à nave anfíbia, foram todos absorvidos pelo “processador Val” e são, até hoje, administrados pela equipa que a tudo sobreviveu com a sua forma Val original, grupo do qual, Val Eno, faz parte.

Além do que, na época, o espírito que me anima a condição terrena personificava um dos doze que se encontravam na “espheron”, e pôde vivenciar aqueles dias em que Ostronomos levou as nossas mentes a viajar por “caminhos mentais” absolutamente novos para os fixos padrões da natureza psíquica da família Val.

Apenas a título de complemento, Val Geon, na atualidade, tem o seu espírito mergulhado no fluxo das reencarnações terrenas, tendo assumido a polaridade masculina, estando presentemente desencarnado. O espírito que animou Val Ilon se encontra atualmente reencarnado na polaridade feminina, aspeto preferencial dos traços da sua personalidade espiritual.

Fomos obrigados a interromper os nossos seguidos encontros com os seres anfíbios devido a uma nova etapa de erupções vulcânicas e tremores de terra superlativos em torno da região em que viviam e tinham as suas bases.

Separámo-nos e não mais voltámos a encontrar-nos, por força dos factos que agora terei que narrar.

A notícia da “expulsão” da família Val do seio do movimento rebelde rapidamente foi disseminada por todos os circuitos, e nós mesmos a recebemos, ainda ao tempo quando nos deslocávamos para a Terra. Contudo, naqueles dias antes de aportarmos no planeta, praticámos uma espécie de despiste que fora criado pelos Yel nos primeiros dias da desagregação.

O “despiste” era uma programação magnética que alterava o sinal dos deslocamentos das nossas naves frente ao acompanhamento que as hostes de Sophia tentaram promover quando dos primeiros problemas.

Resolvemos deixá-lo acionado com o intuito de proteger o nosso “processador central”, o que permitiu a nossa passagem pelo “túnel encurtador das distâncias siderais” sem que tivéssemos sido notados. Isso levou-nos a pensar que ninguém — não somente dentre os rebeldes, mas também os das hostes de Sophia — saberia a direção da nossa rota.

NAT — Segundo Val Eno, quando os Val e demais seres biodemo surgiram para a vida, herdaram dos seus “ancestrais” o mapa dos “túneis encurtadores das

distâncias” que, por sua vez, afirmaram terem recebido de uma antiquíssima e misteriosa raça de “seres impassíveis”, “automatizados”, que teriam existido desde os primeiros tempos do universo.

Segundo a “lenda”, o preciosíssimo mapa aponta que aqueles túneis existiram desde os primeiros momentos da expansão do universo. Por outras palavras, o projeto universal já previa a existência daqueles “caminhos” desde a sua formatação inicial.

O problema é que, ao tempo em que os Val e demais famílias da comunidade Orbum começaram a viajar pelo cosmos afora, eles foram percebendo e relatando uma série de dificuldades, ao atravessar os tais túneis, nunca antes registadas.

Eles jamais atinaram com a explicação para o problema — a não ser nos tempos mais recentes — e tudo o que fizeram foi tentar desenvolver uma tecnologia que pudesse gerar esses túneis, conforme a conveniência da rota pretendida, facto que ainda se encontra em curso.

A ciência humana prevê, nas suas formulações teóricas, os chamados “buracos de minhoca”, que seriam os “túneis quânticos”, os quais funcionariam nos mesmos moldes, sendo, por enquanto, pura teoria matemática.

Segundo o que pude perceber da convivência com os seres da trimurti, seria a força “tamásica” destrutiva e recicladora, expelida logo após a expressão da força “rajas”, que gerou a singularidade e a expansão universal, pelo ser que depois viria a ser conhecido como Shiva, que estaria não só desfigurando esses túneis, como também os portais existentes entre as “lokas” (realidades demoníacas paralelas ao nosso universo) e os mundos deste universo. Além do que, a expansão universal promovida pela enigmática energia escura (uma das faces da força “tamásica”) seria o efeito físico visualmente percebido pelos humanos.

No tempo desta narrativa, os seus efeitos já pesavam, tanto sobre as “lokas” como para os tais túneis. Desde 2012, essa força parece ter atingido uma tal condição crítica que, atualmente, os leva a afirmar que, tanto todas as lokas demoníacas foram finalmente fechadas como, também, os “túneis naturais” não mais funcionam com segurança.

Somente os “artificialmente” produzidos é que estariam a ser passíveis de utilização na atualidade cósmica.

Devido a esse aspeto, e ao fato de nunca termos recebido qualquer sinal desde que aportámos no planeta, não esperávamos ser surpreendidos por qualquer coisa nesse sentido.

O que não sabíamos era que a poeira vulcânica, a ejeção de gases diversos pelas incontáveis frestas surgidas na crosta planetária e a confusa “dança do campo magnético” do planeta durante milénios, enfim, o conjunto dessas situações, dentre outros problemas, parece ter dificultado por muito tempo, a comunicação entre os que estavam na Terra e os que se encontravam alhures.

Em certo dia terreno, porém, os 12 da “espheron” estavam em mais um evento explorador no então círculo polar ártico do planeta, quando um sinal, vindo do quartel-general dos rebeldes, foi captado pelo circuito da nave. Imediatamente, o sinal foi repassado, por meio de outro tipo de canal, para as outras duas naves — “espherian” e “asphezian”.

Agora, a qualquer custo, seria necessário despertar os demais.

Os problemas para a família Val estavam apenas a começar!

# Yel Luzbel

Por volta de 467 mil anos atrás, a “espheron” recebeu um sinal, vindo dos rebeldes, que terminou por complicar ainda mais a situação da família Val na Terra.

Nos sistemas rebelados e, em especial, no de Antares, grassavam situações confusas de muitos naipes. O, até então, impensável, teve lugar: uma conflagração bélica entre segmentos dos rebelados, com alto índice de mortandade e de destruição.

Pela primeira vez na história do género biodemo, “danos pessoais” irreversíveis tiveram lugar na crónica da coexistência entre as suas diversas famílias-espécies.

Com a saída da família Val do contexto de Alt’Lam, os rebelados começaram a perder a noção de quem seria o “adversário” na contenda, o “inimigo” a ser confrontado, enfim, o “outro lado da questão”, ou seja, com quem e contra o quê eles estavam em confronto.

Na ausência de Sophia e das suas hostes, a presença que mais vinculava a lembrança da sua personalidade para o movimento rebelde era a da família Val que, de todas, havia sido a que trabalhara mais de perto com as missões vindas de Orbum. Agora, sem “adversários” ou “inimigos” por perto, e com a inflexível postura de Yel Luzbel em “apontar” os seres mais nervosos — que se haviam feito seus assessores — como sendo os responsáveis pelo desventurado abandono dos Val do seio daquele movimento, a “perda” por essa sofrida era irrecuperável, e não era mais possível engrandecê-lo. Retrato do desespero, os “dedos acusadores” de muitos estavam agora voltados para acusações vãs, absurda e infantilmente elaboradas por seres pouco “inteligentes”, com baixo nível de senso crítico para uma abordagem sensata. Mais grave ainda: o pouco nível de senso crítico disponível no psiquismo daqueles seres se encontrava, desgraçadamente, afetado pela “doença”.

A “intriga” era geral, e somente um pulso forte poderia conter a explosão desagregadora que estava para acontecer. Pelo que soubemos depois, Yel Luzbel se recusou a assumir esse papel, e coube a Len Mion (que seria mais tarde conhecido como Satã) fazê-lo. E ele o fez, só que sem preparo para tanto, pois, de facto, não havia em qualquer daqueles seres a condição mental, o senso crítico, a razão educada; enfim,

alguém com visão ampla, senso equilibrado e objetivo para organizar e dar rumo a diversos pelotões de um exército que jamais havia sido constituído para tanto. Contudo, ali estavam centenas de milhões de seres se alinhando para “nada”.

As fações mais parametrizadas (cujos seres eram quase autómatos em relação ao determinismo do DNA dos seus corpos), que menos senso mental possuíam, foram as instrumentalizadas para permanecerem de prontidão frente ao confronto iminente entre as famílias ou conjuntos dessas, que não aceitavam o comando que não fosse o seu próprio.

Cinco famílias e centenas de estirpes biodemo, manipuladas pelo jogo político dos cinco núcleos familiares mais afetados por um estranho estado de “nervosismo”, foram a uma “guerra de malucos”, na qual qualquer vitória era impossível, já que todos brigavam entre si.

Para a racionalidade humana isso deverá parecer ridículo, mas tenho que lembrar aos que me leem que o tipo de “racionalidade” ali presente nada tinha a ver com a lógica que hoje marca, tanto o nosso psiquismo Val quanto o de vocês, da Terra. Desculpem, mas é como se algumas espécies “insetoides”, do tipo formigas, abelhas e cupins, decidissem ir à guerra pelo simples facto de se encontrarem vivendo na Terra, por estarem obrigadas a dividir um espaço existencial e, simplesmente por não conseguirem se comunicar convenientemente, resolvessem distribuir as suas frotas e bolsões planetários para se defenderem do ataque dos demais.

O próprio Len Mion, prevendo o resultado pífio e desolador daqueles eventos, tentou na undécima hora desengatilhar o conflito multifacetado, mas não logrou sucesso. Teve, inclusive, a nave da sua família totalmente destruída ao longo do embate, e da sua estirpe poucos sobreviveram.

Ele percebeu que, sem o comando de Yel Luzbel, tudo iria ruir com resultados desoladores para todos. Com a habilidade que pôde então construir, reconduziu Yel Luzbel à função de líder, e procurou saber notícias da família Val, como forma de, talvez, apontar um “assunto novo” numa agenda já fracassada.

Len Mion convocou, então, um conclave do grande conselho — o qual ele mesmo havia dissolvido antes da primeira grande conflagração entre os rebeldes — a ser novamente presidido por Yel Luzbel.

Passo, agora, a relatar uma das etapas daquela reunião, da qual somente vim a ter conhecimento muitos milhares de anos mais tarde, após a chegada das “mastlans luciferianas” à Terra, quando o que sobrou do quartel-general da rebelião, somado ao

que restou dos Yel, teve que se reunir com os remanescentes dos Val, nos tempos do início de uma das muitas fases do que viria a ser mais tarde conhecido na cultura terrena como o Império Atlante.

O que apresento a seguir é regulado por aproximações que tive que fazer — em torno dos registos que mais tarde acedemos quando do pouso das “mastlans” na Terra — para tornar aqueles dias compreensíveis, tanto para o humano que me intermedeia estas notícias, como para aqueles que vierem a lê-las.

Iniciando os trabalhos, Len Mion tomou a palavra:

— Como você sabe, ó Yel Luzbel, a ausência do seu comando, da sua capacidade de nos unir a todos em torno dos seus ideais, deu livre curso aos equívocos das lideranças das estirpes que pereceram. Novamente, a sua vontade liberta da cegueira, o seu senso firme de propósitos que promovem o crescimento de todos, está na condução das nossas vidas, desse movimento de consciência coletiva que estamos a fazer para o proveito de todos os afetados pelo dom da liberdade. Contudo, ó Yel Luzbel, a estrela principal do nosso ancoradouro sideral (**Entenda-se o sistema planetário que terminou por congregar a maioria dos seres adoentados**) se encontra prestes a se expandir ainda mais, e a destruição de tudo à sua volta já se prenuncia. (**Fase pela qual passam todas as estrelas, no seu tempo de vida, até à sua extinção. Durante a sua expansão, ela absorve os planetas que lhe são mais próximos, tornando-se, no final do processo, uma “gigante vermelha”**). Precisamos deixar o sistema que até agora acolheu os libertos, os lutadores da luz, como luminosa é a sua consciência, que se contrapôs à escravidão disfarçada. Para tanto, precisaremos de naves seguras, adequadas aos deslocamentos de longo curso, porquanto as que agora precisamos construir para substituir as perdidas nos conflitos, talvez não sejam finalizadas em “tempo seguro”; afinal podemos vir a ser surpreendidos pela “mãe luminosa” (**“Antares A” — a estrela alfa da constelação de Escorpião**) do sistema, que deverá expelir todo o seu potencial reciclador, e toda a vida perecerá. Não podemos esperar. Precisaremos, no mínimo, das naves dos Val, para que, apoiado por eles, pelo menos o comando deste conselho possa nelas daqui se retirar. A um chamamento seu, eles virão, ó Yel Luzbel, estejam onde estiverem, pois jamais tiveram relação de contenda ou de desacerto com você. Errámos, agora o sabemos, com os Val. Deles nada veio que nos vitimasse. Errei em acusá-los — ponderou Len Mion, enquanto os seus inquietantes olhos negros se fixavam no comandante recém reconduzido. Ele aparentava cerca de dois metros de altura, e portava uma vestimenta acinzentada, como se colada ao corpo esguio; usava também um capacete permanentemente conectado ao que era o último esforço da sua família em recompor o “processador de registos mentais” que lhes era peculiar.

Yel Luzbel parecia ser um pouco mais alto que Len Mion. Usava uma espécie de macacão amarelo claro, que quase se assemelhava à cor branca da sua pele, enquanto os cabelos eram também brancos e longos. Os seus olhos, indecifráveis, também discretamente brancos, com a íris dourada, pousaram nos de Len Mion, e assim permaneceram, mesmo quando esse concluiu a sua intervenção. Um silêncio desconcertante teve lugar por longo momento, enquanto Len Mion desviava os seus olhos dos de Yel Luzbel.

— Errámos todos com a família Val, mas isso não quer dizer que agora estejamos a agir acertadamente. Deixemo-los em paz e que eles sigam o seu destino, seja qual for. Ainda que eles tenham se recomposto com Sophia, isso não deveria incomodarnos, pois, ou estamos todos certos nesta história, ou o erro também é de todos, inclusive de Sophia e dos seus sustentadores. Não pedi para perceber o que percebi e jamais desejei ter percebido o processo que envolve a vida de todos os que não têm olhos para enxergar o deus de Sophia. Confiei nele, um desconhecido que surgiu entre nós, neste recanto do universo, porque nele percebi uma superioridade jamais “sentida” pelos meus sensores. Deixei que ele me conduzisse e, quando percebi o problema do “jogo do acaso”, do processo aberto da vida sendo construída ao leu, da ausência de parametrização, quando isso deveria existir para fazer cumprir a justiça da vida mais produtiva sobre a que existe para destruir, quando pretendi entender o “porquê” daquilo, me vi doente, como se tivesse rompido um selo na minha mente, que jamais deveria ter sido mexido. Nesse ponto, ele me traiu; traiu-me na confiança que, ingénuo, resolvi nele depositar, para elegê-lo o meu condutor, fazendo o que, antes, alguns de vocês já haviam feito. Traiu-me porque não me explicou e nem me disse se sabia, ou não, do selo criminoso que impedia o fluxo dos meus pensamentos. Orientou-me a calar as minhas expressões, a nele confiar e aguardar o progresso possível, para somente então esclarecer. Que eu confiasse nele... Até tentei, mas a doença piorou; doeu-me a ponto de querer me desfazer de qualquer pensamento. Passei a contaminar os demais... Eu, que fui contaminado, que tive a mente selada desde que fui engendrado, rompi o lacre, inadvertidamente, e hoje respondo perante mim mesmo pela doença de muitos e pelo desassossego de todos os que se adoentaram. Isolei-me, e fui seguido. Não congreguei, não amotinei, não persegui, não envolvi, e agora você me chama de “condutor da vida de todos”? Não o sou, ó Len Mion. Sou tão somente o que preciso ser para pôr um fim a esta situação de desvio de uma rota cujo destino, se um dia dele tive ideia, agora dele me encontro deserddado e apartado, pois desconhecido por mim. Vocês todos aqui presentes, os 120 detentores da autoridade sobre os demais, acharam por bem retirar-me de um comando que teimei para poder exercer.

Assumi o fardo. Fui desobedecido. Veio o impensável: guerra, destruição e morte. Como vocês chegaram a esse ponto? Agora, reconduzem-me ao comando. Pergunto: comando de quê? Quem estamos a confrontar? Temos inimigos? Quem são?

Devemos guerrear com eles? Por quê? Não encontro as respostas! Quando, de Orbum, recebíamos notícias e orientações, sequer questionávamos. Quando de Sophia vinham os esclarecimentos, prontamente aceitávamos. Apenas uma pergunta não foi respondida; um assunto somente não mereceu notícias e orientações dos de Orbum, e agora aprendemos a fazer mais perguntas e para nada temos respostas. E devo comandar o quê? Este conselho? Estamos adoentados! Estamos, sim, largados.

Após o isolamento, por muito tempo esperei qualquer temporização vindo de Sophia. Nada veio! Por que ele não quis? Por que ele não pôde? Por que ele não sabe? Pouco importa, ele não nos fez mal até à doença, e nem nos faz mal agora por ação; se o faz, é por impossibilidade ou por omissão. Aguardei o que pude. Cedendo à pressão de todos, afastei-me para a ninguém infectar, e fui seguido pelos que com os meus pensamentos se contaminaram, e aqui estamos todos nós. Isolados, inadvertidamente deflagrámos um movimento para tão somente assumirmos o aspeto inevitável do que já havia mesmo disso feito: alguém errou, o erro foi descortinado e por isso adoecemos e agora nos encontramos nesta situação. Será isso? Silêncio obtivemos. O isolamento que buscámos, para proteger os demais, foi transformado em aprisionamento. Foi pelas circunstâncias que criámos? Ou disso ele se aproveitou para nos impor a sua autoridade? Terá sido isso? Ele não se explicou!

Aqui estamos, apartados, e vocês querem que eu novamente comande o que jamais pretendi liderar. Sim, irei comandar o fim desse movimento. Está feito. Irei comandar esta última etapa, cujo final desconheço. O que faremos agora? Nada poderemos fazer enquanto a doença grassar entre nós. Saibam que, desde o início, decidi que iria fazer cessar a minha participação. Não pude. Senti-me responsável. Somente aceitei o papel de comando para diminuir a intriga entre vocês. Assim vocês me aceitaram num primeiro momento. Depuseram-me porque não apoiei o “passo para lugar nenhum” que vocês deram. Agora querem os Val de volta, para tomar as suas naves e, sob meu comando, irmos para outro sistema, pois a destruição estelar não tarda. Saibam que, antes deste encontro, desloquei-me até à base de controlo da estrela mãe vermelha. Lá, fui informado de que os verificadores locais de medição de pulso estelar (**satélites que orbitavam Antares**) já extrapolaram o nível máximo projetado na medição, o que aponta para a explosão iminente, seguida de um provável movimento de recuo da massa explodida. Em havendo implosão, mais um sugador de mundos (**“buraco negro”**) terá aqui lugar. A aparente quietude demonstra uma normalidade que não existe. Efetivamente, precisamos todos sair deste sistema. Como

fazê-lo é tão somente o nosso principal problema. Se os Val puderem contribuir, serão muito bem vindos. As nossas idealizadas “mastlans” necessitam de mais algum tempo para a conclusão e provas de precisão. Clamem pelo contributo dos Val e respeitemos-lhes o juízo para connosco, caso os contatemos, mas precisamos arquitetar alternativas. Faça, agora, a mesma proposta que fiz anteriormente.

Não quero dar ordens. O momento é grave para todos. Se tiver que decidir, o farei. Mas prefiro reavivar na suas mentes a minha posição. Observando os factos em curso nos mundos deste sistema, não será possível uma evacuação global, pois não há meios de locomoção. Terá que ser sistemática, episódica, a cada vez que um grupo operativo encontrar meio adequado para se dirigir a outros lugares onde a natureza da sua espécie possa viver e produzir. Nós, do comando central, somente podemos coordenar os esforços, mas caberá a cada grupo de família, chefiado pelo seu correspondente entre os 120 presentes, elaborar a sua estratégia de saída e executá-la em sintonia com o nosso controlo. Serão 103 grupos a escolher dentre os deste conselho o seu correspondente “um em comando” para a sua gestão. Os 17 que sobrarem, junto comigo, formaremos a central de apoio e de comando.

— Deste modo você estará tecendo a nossa desagregação; será o fim do movimento - ponderou Len Mion.

— Mas é exatamente isso que estou a propor. A central de comando exercerá o controlo tão somente até que cada uma das frotas estabeleça rota segura para estacionar em bom termo onde for possível. Manteremos um circuito de apoio mútuo, buscando a superação da doença e dos obstáculos, e o futuro dirá dos desdobramentos disso tudo. Conhecemos os que estão fora da zona do isolamento, e sabemos que eles nos apoiarão, quando possível, para que as nossas necessidades possam ser atendidas. São os nossos elos com a vida, são nossos irmãos, são o nosso complemento. Sei que, se possível, nos darão a guarida necessária em algum momento. Caso contrário, será o fim de muitos de nós ou de todos. Mas, se esse momento vier, que nos encontre cheios de dúvidas e de inquietações — posto que, na nossa situação, nos é impossível não vivenciá-las — mas com a mente sossegada. Nada de guerras, de perseguições, de destruição; isso atenta contra a nossa capacidade mental. Isso é o que proponho.

Mais um silêncio perturbador se estabeleceu, tanto entre os seres ali presentes como entre outros que, mesmo ausentes, se encontravam “conectados” com o evento.

Muito mais, depois, veio a ser discutido e, por entre queixumes e descontentamentos, a proposta de Yel Luzbel foi aprovada, mas jamais cumprida,

porque sempre faltava “algum material”, “algum item”; enfim, algum fator operacional, e as famílias não conseguiam deixar o sistema de Antares.

NAT — Antares (“Antares A”) é uma estrela gigante vermelha, situada na constelação de Escorpião, cujo raio é de aproximadamente 800 vezes o do nosso Sol. Se fosse colocada no lugar deste, o seu tamanho alcançaria um ponto intermediário entre as órbitas de Marte e de Júpiter. Astronomicamente falando, fica a uma distância de 600 anos-luz da Terra, o que faz dela “uma estrela distante”. Contudo, segundo as inteligências que respondem pelas informações constantes neste livro, existem alguns “atalhos cósmicos”, semelhantes a “túneis”, encurtadores das distâncias entre as estrelas do nosso espaço-tempo, naturalmente dispostos entre os mundos que receberam os rebeldes. São os chamados *wormholes*, ou “buracos de minhoca”.

Segundo o que julgo ter compreendido, os mundos que receberam os rebelados, independentemente da distância astronômica entre si, dispunham, de modo natural, desde tempos imemoriais, dos tais atalhos que lhes permitiam encurtar essas distâncias.

O “Sistema de Antares” aqui referido é formado por mais uma estrela, a “Antares B” (é o tipo de sistema chamado de “binário”), que tem somente 0,37% da luminosidade da estrela principal. Ainda assim, “Antares B” é cerca de 170 vezes mais brilhante do que o nosso Sol.

Os demais rebelados que se encontravam em outros mundos não tinham como ajudar, pois todos estavam a viver uma decadência sem precedentes, tanto nas suas composições corporais quanto nas condições tecnológicas que marcavam cada família.

O cansaço mental, a ausência de sentido para uma mudança tão radical no modo de viver, o peso da doença que perturbava, em muito, a “frieza psíquica” que sempre havia sido um traço das espécies do género biodemo, estavam a transformar aqueles seres em agentes nervosos da sua própria desgraça.

Por outro lado, devido ao grande conflito que havia ocorrido no sistema de Antares, os rebelados entrincheirados em outros sistemas preferiam não manter contato com a “central de comando”, porque uma nova postura, jamais anteriormente percebida, e muito mais pernicioso do que aquela que havia terminado por provocar a conflagração entre os diversos grupos rebelados, estava agora claramente a marcar as decisões que dali saíam.

O “egoísmo” dos que comandavam contrastava com a obediência cega de muitos que começaram a ser utilizados como “massa de manobra”. Surgia, entre as espécies do género biodemo, a “esperteza”, o “orgulho intelectual desmedido”, as “posições extremadas”, posturas essas que eram até então desconhecidas, e isso tudo acontecendo em pleno desespero de não se atinar com a solução plausível para o problema.

Hoje, decorrido tanto tempo daqueles dias, vejo com a clareza que uma mente Val ainda pode ter sobre o acontecido, que não havia mesmo uma solução fácil, a não ser a da “pacificação mental”, que era a única maneira de isolar o vírus “memético” no circuito mental de cada ser, e aí desconstituí-lo, destruí-lo, ou, usando a linguagem moderna destes dias terrenos, “apagá-lo”. Sim, estou aqui a referir-me a um vírus tal e qual o que hoje os humanos conhecem como “vírus de computador”, só que muito mais poderoso, e que se propaga pelo circuito de uma “internet mental” que existe naturalmente, “instalada” em cada elo da corrente da vida, e que jamais se desliga. Este circuito se “departamentaliza” por espécies ou, em casos mais complexos, por géneros, dessa forma propiciando, com facilidade, o espriamento de vírus, como foi o caso do que surgiu na mente de Yel Luzbel e contaminou incontáveis espécies do género biodemo.

NAT — O biólogo Richard Dawkins, assumidamente ateu e propagandista dessa postura, para descrever de modo crítico o crescimento da fé entre os homens, usa de uma teoria que criou, por volta de 1976, quando lançou o livro “O Gene Egoísta”. Para ele, as ideias religiosas se multiplicam infetando as mentes indefesas das crianças, como se fossem espécies de vírus. São o que ele denomina de “memes”. O termo descreve como “pedaços” da cultura humana se instalam na cabeça de um grupo de pessoas.

Assim como os vírus, essas informações culturais arrumam formas de se adaptar aos tempos e de serem transmitidas de uma geração para outra. Para Dawkins, os memes atuam em benefício próprio.

Como os genes são egoístas mas, e apesar disso, podem ser úteis, como as bactérias que povoam a nossa flora intestinal e nos ajudam a digerir certos nutrientes, segundo Dawkins, alguns memes culturais oferecem benefícios para os homens; enquanto outros, como as religiões, trariam mais prejuízos.

Meme seria para a memória o que o gene é para a genética, a sua unidade mínima. É considerado como uma unidade de informação que se multiplica de mente/cérebro para mente/cérebro. No que diz respeito à sua funcionalidade, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode, de alguma forma, se autopropagar. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas,

sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência de informação é conhecido como memética.

Em resumo: a memética defende a tese de que as ideias têm vida própria, e funcionam como se fossem vírus cuja única intenção é infectar várias mentes/cérebros. Esta intrigante teoria revolucionária sustenta que as ideias têm vida própria, reproduzem-se como material genético (talvez com “DNA” próprio) e, para sobreviver, precisam infectar o maior número de mentes/cérebros.

O propósito original de Dawkins sempre foi o de procurar definir os memes como replicadores de comportamentos e não como “vírus”. Mas, aqui, faço a aproximação porque, de tudo o que conheço das ideias humanas, a genial concepção de Dawkins é a que mais se aproxima do “vírus mental” de Yel Luzbel que contaminou a muitos.

Naqueles tempos, porém, a “pacificação mental” era impossível, como ainda hoje é difícil para quase a totalidade dos seres demo e homo. Poucos, muito poucos, realmente, conseguem transcender a “herança dos problemas que se conjugaram”, a saber, as doenças — uma, advinda da mente do criador, e a outra, da mente de Yel Luzbel. Contudo, o fator doença da mente de Yel Luzbel, na verdade, foi tão somente a replicação daquela que já grassava entre os seres surgidos desde a primeira hora da criação, o que nos obrigamos a deduzir nestes tempos atuais.

Quando a vida foi semeada neste universo já trouxe consigo o germe do “vírus limitante e deformador” cujo “lacre genético” é “naturalmente” rompido pela atitude mental descontínua, inovadora, forte, que provoca uma mutação na sua formatação.

O gênero biodemo foi um dos muitos que introduziram a vida biológica neste universo, só que portadora, como se hospedeira fosse, do vírus problemático. E como decorrência tardia da chamada rebelião de Lúcifer, isso foi repassado para o gênero homo!

A questão que a família Val, com a sua lógica de então, sempre se propôs, e que, muitas vezes, já com a minha lógica influenciada pela dos humanos, tenho me feito é: qual a culpa de Yel Luzbel? Que nível de responsabilidade ele poderá ter?

Segundo o que pude colher dos contatos espirituais da minha contraparte humana nesta narrativa, os “mortos” em plena conflagração de Antares, ao

desencarnarem, na medida em que reestruturavam as suas consciências, também se perguntavam a mesma coisa: de quem era a culpa de tudo aquilo?

De acordo com os mentores espirituais que trabalham junto aos humanos e, em especial, aqueles vinculados mais diretamente a tudo o que aconteceu e aos seus desdobramentos ainda em curso, apontam que não foi sobre os ombros de Lúcifer que o peso da responsabilidade por toda aquela derrocada existencial se depositou.

Nos tempos aflitivos de Antares, porém, devido tanto à situação extrema da principal estrela do sistema como à “instabilidade geológica” dos mundos ali existentes, criou-se uma inusitada onda de temor, de desassossego, de atordoamento, de “depressão emocional” em seus habitantes, sensações essas jamais anteriormente sentidas por eles, mas, agora, plenamente perceptíveis, devido à perda da “frieza psíquica” do género biodemo.

Por outro lado, a situação como um todo causava outro incómodo profundo nos espíritos daqueles que haviam perdido os seus corpos biodemo nos muitos conflitos da grande conflagração, e que agora se encontravam congregados nos ambientes espirituais mais próximos dos mundos de Antares. Como mais problemas ainda eram esperados para os próximos tempos, a Espiritualidade Maior — segundo informações que uma mente Val original não teria, e ainda não tem, como delas dispor apenas com o concurso da sua própria mente — houve por bem retirá-los de lá em comboios espirituais.

Foi desse modo que a Terra passou a receber, desde aqueles tempos — cerca de 530 mil anos atrás — levas incontáveis de espíritos rebeldes e doentes, revoltados e atordoados, todos eles necessitados de cuidados e de novas experiências. Foram sendo, inicialmente, congregados nas esferas espirituais para, posteriormente, ingressarem no ciclo reencarnatório; esse processo somente foi concluído há poucos milénios.

As famílias de rebeldes que viviam nos mundos em Antares, por aqueles dias, trabalhavam a pleno esforço para solucionar questões técnicas e políticas que pudessem lhes dar condição de escapar da situação vexatória que estavam a viver, conforme a decisão deliberada pelo Conselho, que estimulava cada família, com as suas especificidades, a providenciar o seu próprio destino. Não tinham a mais remota noção do problema espiritual que agora também os envolvia, uma vez que a morte não desfaz os elos entre os que são semelhantes.

Nesses tempos sombrios de Antares, decorridos os milhares de anos (contados no fuso temporal terrestre) necessários para a consumação dos desdobramentos

bélicos, finalmente uma mensagem foi dirigida à família Val, como se partida de um naufrago que, de uma ilha longínqua, lança uma garrafa ao mar com um pedido de socorro, na esperança de que alguém, um dia, a encontre.

E foi assim que, como já referido, a “espheron” a captou há aproximadamente 467 mil anos. Só que a mensagem em questão não era bem a de um pedido de ajuda.

# Sinal Rebelde

A decisão do conselho não foi cumprida nos termos ajustados. Os seres responsáveis pelas comunicações entre os núcleos dispersos de rebeldes, acharam por bem não aplicar o “tom conciliador” pretendido por Yel Luzbel, mas sim, transmitir uma “ordem” da central de comando para todas as equipas rebeldes residentes em ambientes além das fronteiras do sistema de Antares.

Em linguagem terrena, seria mais ou menos como se Yel Luzbel e o Conselho de todas as famílias envolvidas na questão, tivessem decidido que, devido aos problemas internos ocorridos, todas as demais forças situadas fora das consequências desastrosas dos mesmos, teriam que ceder as “naves” para transporte dos seres situados em Antares, fosse pela temida “expansão/implosão” da estrela principal do sistema de Antares (em um possível buraco negro) ou mesmo por uma invasão bélica das forças de Sophia.

A mensagem não foi específica para a família Val, como discutida no Conselho, mas sim, para todos os núcleos dispersos do movimento que foram nominados na mesma, inclusive o da força-operativa Val.

Algum tempo depois, outra mensagem avisando que as “mastlans”, que naquele tempo estavam a ser novamente construídas, iriam verificar em cada lugar onde existissem núcleos dispersos do movimento, a possível disponibilidade ou não das naves de cada família operativa.

Diante dos factos, os despertos da família Val viram-se obrigados a não postergar mais a decisão de começar a acordar cada um dos grupos de 14 membros, pois era assim que a tecnologia construída para o processo funcionava.

Como era impossível afastar o fator risco, os Val despertos esgotaram todas as possibilidades de possível ajuda, desenvolvimento de outras tecnologias, além de outras opções que faziam sentido para o modo Val de pensar daquele tempo.

Sem maiores alentos e com o psiquismo cansado e afetado pela “pressão de ter que fazer, ainda que sem a certeza do bom termo da consumação dos factos”, eles

começaram a operar diligentemente todas as etapas preparatórias para o despertar de cada um dos grupos de 14 membros.

As duas primeiras tentativas fracassaram e assim mais 28 dos nossos tiveram as suas vidas ali ceifadas, o que levou a um novo período de procrastinação e de literal sofrimento para as nossas sensibilidades — tudo aquilo era terrivelmente inusitado e, aos poucos, à medida que fomos despertando algum senso crítico, passou a ser assustador.

Em determinado momento desse padecimento coletivo, quando nos encontrávamos prestes a recomeçar o processo do despertar, corrigindo o que julgávamos ter sido os problemas que culminaram na morte dos nossos pares, eis que o “processador Val” vibra como se expelindo um alerta mental chamando a nossa atenção.

Ficámos surpresos ao perceber que os nossos nove membros, anteriormente fencidos, haviam conseguido mentalmente operar o nosso processador, o que significou, praticamente, um divisor de águas para a nossa permanência na Terra desde então. Isso porque, dois daqueles nove Val, pareciam possuir uma capacidade ou força mental singular que os permitia, depois de muito esforço, sintonizar ou fazer ressonar os mesmos algoritmos mentais que os da nossa mente corporificada, o que, para o nosso processador, parecia não fazer diferença.

Esses nove irmãos começaram, praticamente do marco zero, a desenvolver uma dimensão ou, por outras palavras, após a morte dos seus corpos Val, eles viram-se numa dimensão vibrante de existência, porém, neutra, “singularizada”, como se à espera de mentes que a modelassem — foi essa a descrição deles. Com o tempo, eles foram percebendo que os dois membros, cujas mentes conseguiam ali operar, começaram a “edificar” lugares, contextos, tecnologia e uma forma de viver nos padrões admissíveis e comuns àquela realidade.

Val Sean, Val Sion, Val Den, Val Dimon, Val Bon, Val Antien, Val Anen, Val Am, Val Aten eram os nomes deles que da dimensão onde se encontravam, deram início a uma “colonização” em ambiente neutro que passou a servir de base operacional vinculada ao nosso processador.

Val Sean e Val Antien foram os dois arquitetos-construtores daquela nova situação e com o conhecimento dos nove congregados, como se fosse uma só ferramenta mental, através do nosso processador, eles conseguiram produzir os “comandos mentais” que passaram a permitir o tranquilo despertar dos nossos demais irmãos.

O facto é que, ali, entre aqueles nove, estavam quatro das nossas mentes mais preparadas para a engenharia do método de refazimento que vínhamos empregando ao longo dos evos, e que teve a sua adaptação ao novo contexto que agora estávamos a viver. E quatro, dentre eles, conseguiram descobrir e entender o “problema técnico” e traçar os rumos de um novo modo de operação, o que nos poupou de maiores consternações.

Depois de longos anos terrestres de muito trabalho conseguimos despertar todos, à exceção de quatro, e eis que voltámos a ser operativos em família, o que muito nos acalentou. Porém, ainda assim, as decisões a serem tomadas encontravam-se muito acima da nossa capacidade de bem empreendê-las.

As nossas avaliações conjuntas sempre giravam em torno da “iminente” possibilidade das “mastlans luciferinas” aportarem na Terra, com tecnologia poderosa e “moderna”, enquanto nos encontrávamos decadentes e isolados do progresso que sempre surge do intercâmbio produtivo entre os mundos.

Passámos a conviver com a “certeza psíquica” de que, caso eles chegassem, facilmente tomariam as naves Val, e não haveria mesmo muita coisa a ser feita. Afinal, não éramos uma estirpe bélica e nem mesmo as armas que dispúnhamos ostentavam poder destruidor que fizesse cessar qualquer ameaça vinda do conjunto da tecnologia das falanges rebeladas — e eram muitas.

Após muito tempo de hesitação, optámos por destruir as nossas naves-residência!

Se Sophia e as suas hostes não nos davam qualquer sinal, se os pares do movimento nos julgavam traidores, se nos encontrávamos isolados e decadentes num mundo sempre em convulsão geológica e climática, e se agora seríamos obrigados a destruir as naves pelas razões que nos eram “lógicas”, qual o sentido de manter as vidas Val? Qual o sentido da nossa estirpe existir?

Mesmo a atitude de sempre buscar o “momento seguinte”, no dizer de Ostronomos, parecia-nos sem sentido e, aliás, era exatamente o ter que existir no momento seguinte, naqueles moldes, que não fazia o menor sentido para a “lógica” que nos marcava. Afinal, iríamos nos sacrificar pelo quê? Em nome de quê?

Lembrem-se, os humanos, que entre nós não existia emoções religiosas de amor ou de temor a alguma autoridade ou divindade. Não! Esse tipo de valor emocional, de conceitos sobre deus e divindades, não existia entre os seres das diversas espécies biodemo. “Deus” jamais foi um conceito arquitetado pela nossa mentalidade. Tão

somente o de um cientista-arquiteto-criador era o conceito normal a ser trabalhado pelo nosso psiquismo. Nunca, até ao nosso aprisionamento na Terra, havíamos lidado com questões referentes a deus, demónios, anjos, deuses em geral, no nosso modo de pensar.

Os humanos que recebem essas notícias de “seres de fora” é que, normalmente, na medida em que são obrigados a traduzir as informações recebidas, utilizam-se dos conceitos vigentes e comuns ao psiquismo dos terráqueos e usam a ideia de “deus” — por sinal surgida junto com esta humanidade — e resgatam o passado nele plotando esse entendimento como se o mesmo vigesse no passado extraterrestre. Por absurdo que possa parecer à lógica humana, parece dever-se ao personagem Zeus, com o qual dividíamos espaços na Terra sem que disso soubéssemos, o recente conceito de “deus” na cultura humana.

Mas isso é uma outra questão que aqui somente me refiro com a aquiescência do meu suporte humano para melhor ilustrar como os Val, e demais famílias biodemo, eram e pensavam.

Decidimos, então, proceder com a autodestruição da cultura Val por etapas e, a cada uma realizada, repensar sobre o feito e, se fosse o caso, redimensionar o próximo passo.

Foi com pesar indescritível para a família Val, principalmente para os que haviam acabado de despertar — não tiveram tempo de se preparar — para aqueles acontecimentos, que começámos a destruir o que tão zelosamente edificámos ao longo de milhões de anos de labuta existencial.

A família Val não sorria e nem tão pouco chorava – assim eram os seres biodemo. No início da sua urdidura, o género biodemo era formado por incontáveis espécies cujos membros eram frios, a princípio impassíveis, com certo sentido de honra coletiva, fortemente programados por algoritmos mentais, sendo todas elas edificadas a partir de uma padrão humanoide.

Muitas das raças eram compostas de seres baixos, com cérebro grande quando comparados com os dos humanos da Terra, mas desprovidos de maiores adereços e sem sexualidade. Fazem parte desse género, que engloba ainda incontáveis espécies de seres com porte elevado que, diante dos valores humanos terráqueos, estes seriam bem agradáveis à vista. Mas nada disso diz da natureza mais ou menos fraterna de nenhuma dessas espécies.

Parte dessas “espécies primas” das nossas, levando-se em consideração um tronco genético evolutivo cósmico, são chamados pelos terráqueos de “cinzentos” (greys) que, desde que a Terra viria a ser considerada como o “centro da rebelião” — e até hoje assim ela é considerada — ou o que resta do movimento rebelde, para aqui essas e outras espécies convergiram por muitos motivos.

Atualmente, a frieza Val — e de muitas outras famílias — foi muito educada e atordoada por tantos eventos que, no meu caso, que sou um dos poucos Val originais, pois nunca feneci para esta condição, continuo sem sorrir e sem chorar, apesar de não faltarem motivos para tanto. Porém, naqueles dias, há cerca de 392 mil anos, quando começámos a destruir “espherian”, faltavam, realmente, lágrimas nas nossas faces, algo petrificadas pelo sofrimento impossível de ser expresso por meio do nosso psiquismo de então. Em contrapartida, uma deletéria sensação de “desencanto” em mentes que jamais haviam se encantado com algo, a não ser com a energia de Sophia, ali estava se impondo como uma espécie de marcação do início de uma “etapa adulta” da família Val.

Nada era como pensávamos. Nada era do modo como a natureza psíquica, comum à nossa espécie, estava a começar a se sentir interagindo com a vida que em nós pulsava. O problema de Yel Luzbel — se é que algum dia foi realmente dele — havia posto um fim no tipo de vida que até então levávamos, e aqui me refiro a todos os grupos biodemos, pois que a atualmente chamada ‘rebelião de Lúcifer’ foi um problema ocorrido no âmbito da genética das famílias desse género cósmico. Da interação de parte das suas famílias com as naturezas planetárias em desenvolvimento, com as quais interagiram por força dos movimentos da rebelião, foi que surgiram novas espécies, de outros géneros, como, no caso, a dos *homo sapiens* terráqueos.

Ter que destruir a sua mais bela criação para que dela — aqueles a quem você sempre julgou como sendo parceiros da vida — não se utilizassem, era o fim de qualquer lógica que para nós justificasse o ato de existir.

Destruir “espherian”, enquanto dela retirávamos alguns artefatos para, a partir dos mesmos, começar a nossa adaptação forçada à convivência com a natureza terrestre, o que havíamos tentado evitar a todo custo, sempre com o “sonho” de sair do turbulento planeta que a cada hora nos desafiava a sobrevivência.

Nestes últimos 5 milénios, os terráqueos vivem um “período de estabilização” geológica e climática que ainda conta lá com as suas adequações naturais na organização do planeta. Mas nos tempos em que aqui chegámos, o panorama era bem

diferente devido a uma série de ocorrências tectônicas, vulcânicas e climáticas já referidas.

A natureza planetária levava milhares, dezenas de milhares de anos para se reajustar às consequências de um evento e lá vinham outros em sequência, como se a demonstrar que as coisas por aqui jamais seriam fáceis para os Val ou para quem quer que estivesse instalado no planeta.

Na época não notámos — somente tempos depois — mas a essa altura dos factos, aqueles que viriam a ser conhecidos no distante futuro como os “nephelim bíblicos” já estavam a tentar instalar-se na Terra.

Por milénios permanecemos com as três naves estacionadas no hoje chamado norte europeu, enquanto desestabilizávamos “espherian”, caso as mastlans chegassem com o poderio que, éramos, então, obrigados a imaginar que eles haviam produzido. Mas tudo fazia parte de um novo cenário entre as famílias biodemo: o do “jogo político” que jamais havia existido nesses termos, pelo menos entre os seres biológicos que nós conhecíamos.

Ao contrário dos atuais humanos, que por força das religiões entronizaram o conceito de deus em detrimento da compreensão de um criador, nós, os seres biodemo, como já referido, não tínhamos viés psíquico nem sensibilidade para vislumbrarmos um deus amantíssimo, perfeito, espiritualizado e presente em cada criatura. A nossa busca era pela compreensão da existência ou não de um ser criador e sobre as regras da existência, pois as do universo, bem as compreendíamos, mas desconhecíamos o porquê do seu surgimento e, principalmente, a razão da vida fosse ela inteligente ou não.

Cada espécie busca preencher os seus vazios conforme lhe permite o tirocínio comum à sua natureza. Cada género é o modelo primário das espécies que se formarão a partir da natureza possível às especificidades biológicas que o compõem. Aqui me utilizo do correto entendimento terrestre sobre os reinos comuns à biosfera do planeta, só que me reporto à natureza universal que se expressa sob muitas formas nas chamadas naturezas planetárias.

Com o surgimento da natureza humana, nos moldes em que atualmente ela existe, o conceito de busca da verdade, por uma compreensão da realidade, das razões da existência, tornou-se muito mais rico e complexo devido ao aguçado senso de curiosidade e da capacidade da crítica humanas. Contudo, o aspeto emocional exacerbado, fanático, extremo, também passou a compor esse tempero e, principalmente, o amor terno e altruísta que muitos humanos podem sentir pelos que

lhe estão mais próximos nas relações de consanguinidade. Que saibamos, isso é novidade no âmbito universal ou, pelo menos em relação a tudo o que colecionámos como conhecimento nestes últimos 200 milhões de anos.

Pelo que podemos hoje deduzir, parece que, quanto menor a determinação genética, maior a expressão emocional do espírito sobre o ego, isso serve para o bem ou para o mal, mas os biodemo não têm tanta folga assim no seu código genético para sensações desse nível.

De tanto acompanhar os humanos e, em especial a maioria da minha família que, por força dos factos, já não mais ostenta o padrão original Val — pois que em o tendo perdido, atualmente os seus espíritos encontram-se mergulhados na experiência humana, sendo homens e mulheres deste mundo — vejo como agora os seus padrões são emocionais, o que não implica em problema.

Muito pelo contrário. Já faz tempo que descobrimos que o nosso pensamento cirúrgico não conseguia influenciar a realidade à nossa volta, o que tão somente a “linguagem emocional” o consegue, tanto para o bem como para o mal das coisas e da vida. A vossa física quântica isso o demonstra.

O emocional, portanto, do modo como se conhece na Terra, tem a sua beleza e a sua função quando bem conduzidos, afinal, o sentimento amoroso passa por essa experiência invariavelmente. Porém, em se tratando de Sophia, do mesmo ser que depois viria a ser conhecido na Terra como Jesus, não imaginem o homem Jesus — com o seu jeito humano de ser — no lugar de Sophia porque as coisas não funcionam dessa forma e, lamento ter que esclarecer esse aspeto das expectativas humanas.

Jesus foi e é a experiência humana de Sophia, mas este não era e nem é humano. Segundo o que recolhemos das suas próprias informações, uma vez ofertadas à família Val, ao tempo da convivência direta que mantivemos com ele por um certo tempo, ele se fez Sophia, no âmbito deste universo, exatamente para semear a possibilidade de gestação do género biodemo a partir do seu código genético pessoal.

Na época não sabíamos do aspeto que agora segue, mas hoje nos é possível vislumbrar que a “genética de Sophia”, já era portadora da doentia formatação do criador que fora trabalhada, anteriormente, pelo género demo, nas lokas subjacentes à faixa de realidade universal.

Seria como se ele fosse portador da melhor versão possível da doentia expressão original do criador — hoje o sabemos — a ser doravante disseminada no universo.

Sophia, portanto, não é dado a “emocionalismos” nos moldes em que os terráqueos imaginam um Jesus sempre amoroso, cândido, suave, compassivo, gentil, dentre outros aspetos agradáveis de uma personalidade terrena a quem se pode venerar como forma de homenagem aos melhores padrões de conduta entre os pares de uma espécie.

Sophia não era nada disso e, mesmo após a sua experiência humana, imaginamos nós, os Val atuais, que continue a não ser. Mas somente o saberemos, vocês, nós e todos os demais, quando da sua nova apresentação aos que estão congregados no orbe terrestre.

Enquanto destruíamos “espherian”, o clima psíquico entre nós era profundamente novo e desesperador. A frustração era total. Não é que esperássemos qualquer coisa acontecer sob a forma de um “milagre”, mas estávamos desconstruindo “uma das nossas casas”, pois a relação que os Val tinham com as suas três naves era superior a qualquer sensação de pertencimento que um humano possa ter por qualquer coisa (casa, país, planeta), ainda que destituídos de emoções fáceis. Esse aparente paradoxo reside nos milhões de anos dedicados a construí-las e na dependência que tínhamos em relação a tudo o que elas nos proporcionava.

Praticamente havíamos “acontecido enquanto espécie” junto com “asphezian”, pois que nela fomos gerados. Sim, os Val não “nasceram” em laboratório planetário ou em qualquer outra instalação, mas tão somente em “asphezian” que, segundo soubemos depois, teria sido construída por Sophia e uma equipa de seres que com ele veio a existir neste universo em tempos bem anteriores ao nosso surgimento.

Segundo o que sabemos, o género biodemo foi gerado há cerca de 900 milhões de anos. Foi evoluindo e, por volta de 230 milhões de anos, os Val surgiram como urdidos em “asphezian”. Esta “nave-tudo” havia aportado no planeta Zian, no sistema de Capela, há cerca de 270 milhões de anos, trazendo um pequeno número de seres que se disseram representantes do preposto universal que edificara aquela nave com vistas a objetivos que não poderiam ser então compreendidos.

O “velho codificador de Zian”, a que este humano se referiu no livro “Carma e Compromisso”, foi um dos que veio na histórica “asphezian”.

A nave permaneceu em Zian, por seguidos milhões de anos, até que os Val foram surgindo, em espécies de casulos nela existentes, um por um, até que se completasse a família nos moldes em que passou a existir para o universo.

Detalhe: entre as milhares de espécies do género biodemo, não há duas, dentre elas, que tiveram a mesma forma de acontecer para o universo. Cada uma tem a sua própria história e a sua cronologia própria.

O género biodemo foi acontecendo ao longo dos últimos 900 milhões de anos, enquanto outros, algo diferentes do biodemo, mas também com características biológicas até mesmo animalizadas e mais demoníacas ainda, foram urdidos em tempos anteriores ao do biodemo. Mas os Val não sabem muito mais que isso.

**NAT — Pelas informações que temos, houve “um pouco de tudo”, ao longo dos últimos 5,7 bilhões de anos, no campo das tentativas de gerar vida biológica neste universo, partindo-se sempre de um “modelo demo”.**

**Por quê “demo”? Nele estava o DNA do criador na sua expressão mais “moderna” em relação a tudo o que já havia acontecido até àquele marco temporal. As equipas demo, vinculadas a Vishnu e Shiva, decidiram desenvolver um modo mental-tecnológico para transferi-lo para o universo com o objetivo de, no futuro, produzir vida biológica pensante a partir do DNA do criador, agora adequado às condições físicas, químicas e biológicas que conhecemos.**

Entre “idas e vindas” de ajustes de certos padrões de áreas específicas do genoma, desta ou daquela espécie, foram engendradas outras espécies com características específicas para averiguação de conduta, sendo esse processo sempre tocado e financiado por inteligências que sempre foram desconhecidas para os que por aqui habitavam.

A família Val foi a última espécie a surgir para a vida universal, o que a faz a mais nova espécie do género.

Optámos por aproveitar a parte possível das instalações de “espherian” na nossa “primeira instalação terráquea”, opção que sempre refutámos pelo simples facto de que dela não precisávamos, pois procrastinámos ao máximo a ideia de um dia fixar base ou residência no planeta.

Para o nosso psiquismo e, perante os factos, era muito mais seguro e lógico habitar onde sempre vivemos, que era nas nossas naves.

Destruí-las, portanto, era o reconhecimento do final da família como a conhecíamos. Por conseguinte, tornar-se “terráqueo”, para nós, significava tamanho despautério que causava desassossego no nosso psiquismo, o que nos adoentava a tal ponto que evitávamos pensar na possibilidade, mas que agora era o “fardo mental diário” com o qual tínhamos que conviver. Adoecemos todos e muitos não suportaram o peso da nova doença que surgia entre nós.

Devido a isso, fomos obrigados a criar ciclos contínuos de hibernação, agora no sentido de “descanso clínico”, a cada vez que, combalidos pelos factos, começámos a lidar com sentimentos de amargura, tristeza, desalento, dentre outros aspetos que nos eram desconhecidos.

O sentido do “tornar-se terráqueo”, do qual estou aqui me valendo, não era o de “nascer” na Terra sob uma das formas então existentes na sua natureza — esse aspeto sequer era cogitado, ainda que como “ficção” entre nós, até porque desconhecíamos, como ainda conhecemos pouco, o pano de fundo demo e espiritual por trás da vida universal — mas tão somente ter que viver no planeta, ainda que na forma Val.

Ter que viver na Terra, sem perspectiva de retorno à confortável situação que sempre tivemos, assim definida para os nossos valores de então, era um tipo de “terrorismo psicológico” simplesmente inimaginável. Mas ali estava aquela doença corroendo-nos as forças íntimas e assim foi até aos tempos em que voltámos a reencontrar-nos, mais tarde, com os comandos rebeldes, quando aportaram na Terra.

Naquela oportunidade, edificámos a nossa primeira cidadela no extremo norte do continente europeu, em região próxima à atual fronteira entre a Alemanha, a Bélgica e a Holanda, enquanto “asphezian” e “espheron”, com as suas naves menores de deslocamento, permitia que de algum modo monitorássemos o planeta à nossa volta.

Há 392 mil anos concluímos a destruição de “espherian”, ao mesmo tempo em que nos obrigámos a construir a nossa estação “Benem”, que nos serviu por muitos milénios. Naquela altura, éramos 695 despertos e mais 4 hibernados por impossibilidade técnica nossa de resolver aquela “situação pendente”.

Em “Benem”, resolvemos construir as instalações necessárias para que o “Processador Val” fosse ali instalado, o que nos possibilitou o renovado contato com os 9 dos 37 Val que haviam fenecido.

A mensagem dos rebeldes forçou-nos também a destruir “asphezian”. Para o modo Val de perceber os factos, a enigmática mensagem começou a ser veiculada por

todos os meios então possíveis, e até um impensável “contato mental” começou a ter lugar na mente de alguns dos nossos, com a replicação da mesma. Esse tipo de contato, fizera parte de um estudo que durou milhões de anos, pois que a herança que recebemos de Sophia no genoma das nossas espécies (**NAT — o fator de herança do poder mental do gênero “demo”**), permitia expressões desse naipe.

Apenas para ilustrar a condição genética das espécies biodemo, como em tempos idos foi percebido que a componente biológica dos nossos corpos precisaria de tecnologia, e esta somente viria com estudo e progresso tecnológico, configurou-se, então, um “código-selo” que, para aquele tipo de comunicação telepática, somente seria “destravado” quando em situações de necessidade. Esse aspecto da questão, obrigou as famílias a desenvolverem tecnologias diversas que pudessem complementar o “poder mental” como forma de substituir o seu uso.

Entendam que o objetivo em torno do gênero biodemo era exatamente o de diminuir o “poder mental” para que não incorressem nos mesmos equívocos e esterilidade dos padrões herdados e que haviam sido “configurados” na pessoa de Sophia para que a sua mente pudesse trabalhá-los e depois repassá-los — o gênero biodemo foi o que recebeu esse “repasso” e cada espécie a sua quota.

**NAT — Em termos do que se conhece na cultura terráquea, a última geração demo da história universal foi exatamente a que ficou conhecida como sendo a de Zeus, nas cores da mitologia grega. Outra não surgiu nem surgirá, disso, agora o sabemos. Doravante, o destino do universo repousa nos gêneros biodemo, homo e outros que ainda surgirão. Tudo o mais, com o tempo, deverá deixar de existir nas suas expressões fenoménicas clone e demo (esses gêneros faliram em termos de possibilidade evolutiva), e os espíritos que então as animavam e ainda neles se encontram imantados, deverão migrar para os gêneros cujas espécies escreverão as próximas páginas dessa história.**

A mensagem dos rebeldes, via canal telepático, adoeceu-nos ainda mais.

Por um longo tempo, “asphezian” permaneceu em solo, próximo a Benem, enquanto hesitávamos quanto à continuidade da desconstrução do que, no passado, havia sido o modo Val de existir.

Se os humanos que têm tão pouco tempo — alguns poucos milhares de anos — administrando o seu modo de vida organizado em cidades, vilas e unidades maiores, com as suas respetivas obrigações e demais atividades do quotidiano, já sentem apego pelo mesmo, ainda que vivam num curto intervalo de tempo, o que dizer dos Val que viviam há mais de 200 milhões de anos alicerçados nos seus modos e costumes!!!

As nossas naves, as viagens, as missões, a convivência com os desafios e as belezas galácticas e universal, os grupos específicos de tarefas, o convívio da família como um todo, sem problemas aflitivos, eram componentes de um modo de vida que agora, ali, exasperados com o que achavam ser uma invasão iminente, estavam obrigando-se a viver no planeta, destruindo o que sempre lhes deu sustentação para a vida.

“Espheron”, com cerca de 28 tripulantes, permaneceu em órbita, sempre variando o seu curso como forma de antecipar qualquer aproximação pelos “túneis”, fosse de frotas rebeldes ou do que mais pudesse ser.

Em uma das suas descidas para a superfície, foi reportado pela “espheron”, há cerca de 317 mil anos, quatro barcos ocupados por membros de uma espécie que depois percebemos pertencer ao género “homo” — com 45 ocupantes — navegando provavelmente entre duas ilhas no hoje chamado Oceano Pacífico. Aquilo sobressaltou-nos sobremaneira, afinal, com é que os animais irracionais da Terra conseguiam construir e se organizar em comunidades a ponto de empreender tais deslocamentos?

Ao procurar estudar mais de perto, os tripulantes da “espheron” descobriram pequenos grupamentos proto-humanos espalhados pela hoje chamada Ásia. Algum tempo depois a “espheron” literalmente dá de caras com uma nave que também se encontrava a orbitar a Terra, sem que os seus equipamentos a tivessem registado. Em manobra evasiva, com o intuito de evitar problemas, a “espheron” dirigiu-se para Benem, ao mesmo tempo que percebeu que, da nave avistada, um pequeno veículo dela saiu, mergulhando na direção do planeta. Seguindo o curso daquele deslocamento, a “espheron” descobriu uma base daqueles que viriam a ser os “nephelim bíblicos”.

Os Val, já enfraquecidos pela “neurose” luciferiana, resolveram não estabelecer qualquer contato com aqueles seres.

Algumas vezes os avistávamos ao longe, outras, eles observavam-nos e assim seguia a “colonização” multifacetada do “laboratório planetário terrestre” que, naquele tempo, por volta de 214 mil anos atrás, era uma “terra de ninguém”, ou dos que nela aportassem.

Cito este marco temporal porque, a partir desse ponto da narrativa, começam a chegar à Terra naves desconhecidas de seres de diversas origens, mas que não representavam perigo bélico.

A nossa tranquilidade residia no facto de que, até essa altura, nenhuma delas tinha poder bélico para destruição em grandes proporções, o que levava a que todos fossem dividindo a Terra sem maiores problemas. Estes, começariam seriamente a ocorrer em tempos mais recentes.

Devido ao constante suspense, os Val jamais tiveram disposição de travar contato aberto com qualquer uma dessas equipas de seres de fora que estavam na Terra e, praticamente, todas elas não tinham relação direta com a rebelião e nem muito menos tinham qualquer noção do vínculo entre os Val e a central de comando rebelde.

Uma ou outra, pelo que sabíamos, parecia ser de “fugitivos de desdobramentos indiretos” ocorridos em tal ou qual mundo, mas ali estavam com a intenção de “serem esquecidos” ou coisa do género. Afinal, por ser a Terra despovoada e sem qualquer recurso tecnológico então estabelecido que pudesse servir de “base de apoio”, somente se dirigiam para o planeta equipas de civilizações envolvidas com o problema luciferino, às quais o isolamento impôs, naquela altura dos factos, a Terra como sendo a única opção, ou mesmo casos específicos como os da nossa família.

Por outro lado, outros tantos grupos aqui chegavam como simples consequência do progresso das suas civilizações, permanecendo durante algum tempo e depois retirando-se, dando curso aos seus objetivos de pesquisa ou de extrativismo.

Para nós, contudo, a notícia de uma invasão iminente dos rebeldes, pesava sobre a sensibilidade dos Val. Nessa época, mensagens contraditórias, tanto por circuito mental como por outros meios, tinham lugar no quotidiano dos Val na Terra, e a decisão foi a do sacrificio supremo: desconstruir “asphezian” e depois “espheron”. Qualquer coisa faríamos, menos colocar na mãos dos rebeldes, ainda mais adoentados que nós, a tecnologia e a nossa submissão mental ao comando deles.

Foi uma rebelião dentro da própria rebelião, como outras tantas defeções menores que ocorreram, mas com traços irónicos — assim observado pela lógica humana — porque jamais aconteceu qualquer invasão organizada dos rebeldes restantes, na Terra.

Quando, afinal, os membros das 4 famílias mais envolvidas com a deflagração da rebelião, a saber, as famílias Yel, Mion, Cromon e Shoanlun, aportaram na Terra nas “mastlans” luciferianas, há cerca de 97 mil anos, o facto tão somente representava a “expulsão de Alt’Lam” que eles sofreram, provocada, aí sim, pelas forças-tarefas vinculadas a Sophia e às suas hostes.

Vimos a saber desse factos pela interação que, inevitavelmente, alguns dos Val tiveram com as “mastlans” após a chegada do quartel-general dos rebeldes na Terra. Mas mesmo ali, os registos desse embate não se encontravam plenamente registados porque, para que tal ocorra, esses devem ser convenientemente produzidos por todos os “lados” que construíram o processo histórico.

De outro modo, para reproduzi-los com o fim de “leitura dos factos”, através do que, na cultura terrena se chama “registos akáshicos”, somente uma “tecnologia” superior aos dos seres do género biodemo para lograr resultados desse nível.

Preparar-nos para destruir “asphezian” e “espheron” foi ainda mais difícil do que, propriamente, o ato de dar um fim àquele poderio.

Hibernações reparadoras contínuas iam sendo necessárias para muitos de nós e, devido à “dependência técnica” que a desconstrução das nossas “casas siderais” tinha em relação ao conhecimento específico e especializado de alguns dos nossos pares, esse processo foi tão demorado quanto a experiência de destruir “espherial”, e muito mais penoso.

Ressalto que, a esse tempo, a nossa família estava sempre desfalcada dos seus potenciais pois além dos fenecidos e dos 4 em “hibernação fora do controle” tinham também os em “hibernação clínica”, o que prejudicava a operacionalização de alguns processos — e esse aspeto somente piorou.

Com o tempo, vimos a notar que somente uma certa parcela dos Val estava a conseguir sobreviver àquilo tudo sem maiores “crises de hibernação”. Provavelmente, os parâmetros da atual psicologia terrestre apontaria como “fuga psíquica”, aquelas doenças que nos acometiam que tão somente procrastinava a destruição das nossas moradas.

Não tínhamos a noção de “pai e de mãe” que os humanos têm, mas é como se estivéssemos destruindo algo nesse sentido — e peço desculpas pela analogia indevida.

Esse grupo de sobreviventes que detinha em si mais mutações que os que comumente se autoprotégiam— via hibernação — do duro quotidiano da nossa dramática realidade, terminou assumindo uma posição de comando indireto forçado pelas próprias circunstâncias. Afinal, eram “dias terrestres” que se repetiam e tão somente para o “pior”. Não existia uma boa notícia.

Nunca houve!

Por essa época, Benem era constantemente “visitada”, de longe, por seres das diversas equipas que perambulavam pela Terra. Jamais tivemos problemas porque havíamos transferido parte da tecnologia de “espheron” adaptando-a às necessidades daquela nossa cidadela.

Benem não era uma cidade típica da hoje cultura terrestre. Muito pelo contrário: era tão somente uma edificação central que tinha mais cinco outras construções menores dispostas num raio de 2,7 km em relação à mesma. Sobre elas estacionava “espheron”, cujo diâmetro correspondia a, aproximadamente, o triplo do conjunto representado pelas construções de Benem.

“Asphezian”, que detinha cerca de quatro vezes o diâmetro de “espheron”, portanto, com cerca de 63 km, normalmente estacionava sobre as águas de lagos ou mesmo de mares e oceanos, dependendo da conveniência da hora.

Resolvemos, naquela oportunidade, transformar Benem numa espécie de “morada local” na qual depositámos a tecnologia necessária para manter e cuidar dos “hibernados” e algo fragilizados dentre os nossos. Em contrapartida, “asphezian” e “espheron”, atendendo à estratégia então produzida pelos nossos receios, voaram rumo ao Sul, pois ambas iriam ser desconstruídas em local o mais distante possível de Benem, como forma de preservá-la.

Desceram, então, na hoje conhecida porção de terra da “Antártida” que, na época, não se localizava no polo Sul planetário, como atualmente se encontra.

Àquela altura dos factos, a inusitada movimentação de todas as “placas” que compõem a crosta planetária ainda não havia ocorrido, modificando a situação dos continentes em relação às suas latitudes e longitudes, e a então Antártida — ainda não localizada no polo Sul — gozava de boas condições advindas de um clima temperado, condições estas que formaram o atrativo principal para que os Val ali se estabelecessem.

Lá chegados, por mais alguns milhares de anos, os Val, a muito custo, foram desconstruindo as duas naves, em especial “asphezian”, pois começou a surgir uma certa reação de alguns dos nossos quanto à necessidade da destruição de “espheron” ao mesmo tempo.

Apesar da existência de pequenos veículos de deslocamentos, o que nos permitia o fluxo constante entre Benem e o nosso mais novo centro de sobrevivência no Sul, que passámos a chamar de Ceba, algo em nós nos levava a hesitar em concluir também a destruição de “espheron”.

Após muita relutância, que durou quase 6 mil anos, ficou resolvido que “espheron” não seria destruída, mas tão somente modificada, adaptada às novas circunstâncias que nos forçaram agora a considerar-nos cidadãos terráqueos, ainda que estrangeiros.

A “espheron” foi, então, estrategicamente redimensionada para servir-nos de “casa” de modo que pudéssemos nela permanecer se algo viesse a ocorrer na sempre instável crosta planetária que parecia jamais encontrar o seu ponto de equilíbrio.

O sinal rebelde que por muitos milénios funcionou como uma espécie de fantasma a obrigar-nos a tomar uma série de atitudes drásticas, jamais se cumpriu nos moldes que inicialmente foram vislumbrados pelas nossas análises. Mas o que pode parecer algo “infantil” para a lógica humana, por todo aquele tempo foi sinónimo de “iminente confronto”, de “iminente chegada”, e ceder o poderio Val tão longamente edificado, era entregar a seres nervosos um potencial de gerar ainda mais problemas em escala impensável.

Essa simples possibilidade destruía todo e qualquer pensamento lógico que se dispusesse a, ainda que por um segundo, aventar a eventualidade de se correr algum tipo de risco para manter “asphezian” em operação.

O sinal rebelde, se não teve o efeito pretendido pelas elites da rebelião, de requisitar as naves Val no tempo em que os mesmos assim o pretendiam, cumpriria depois a sua serventia, quando da chegada das “mastlans” na Terra, mas já sem a expectativa anterior de dominação que, nos tempos mais nervosos dos desdobramentos dos primeiros conflitos, povoava o psiquismo dos rebeldes.

# A Marca Val - A Estratégia do Possível

Enquanto o receio da “chegada iminente dos rebeldes” ainda era um fator presente no psiquismo da família, em Benem, um dos nossos grupos que monitorava cada uma das “espécies de fora”, que íamos descobrindo como “visitantes” e/ou pretensos “colonizadores” do planeta, descobriu uma particularidade muito significativa sobre os chamados nephelim bíblicos. Eles ostentavam um padrão genético que apontava para uma ramificação ocorrida em tempos anteriores àqueles no qual o género biodemo havia surgido.

Mesmo sendo os “nephelim” animalizados, tudo apontava para uma “origem comum” bem anterior a 900 milhões de anos atrás, quando, de um mesmo tronco genético semeado neste universo, brotaram alguns ramos, sendo, dois desses, um ao qual pertenciam os seres biodemo, como nós, e outro, que abrangia os seres que doravante chamarei de biodemol.

Isso somente foi descoberto porque alguns dos nossos exploradores encontraram marcas dos nephelim em restos de animais terrenos, facto que permitiu a verificação do código genético daquela espécie que, para nós, era tão somente mais uma dentre as diversas que aportavam no planeta. Naquela época, não tínhamos ideia do quanto os nephelim e nós iríamos nos envolver com o que atualmente acontece na Terra.

Quando da nossa convivência com os “filhos de Ostronomos”, fizemos um estudo coletivo sobre o código genético de ambas as famílias, para verificar se existia alguma relação anterior entre elas. Para surpresa de ambas as partes, descobrimos exatamente o que não esperávamos: existia, sim, uma longa e precisa parte do DNA comum às duas espécies, apesar do facto de a nossa ser assexuada.

Os Val não se reproduziam, enquanto Ostronomos e os seus descendentes, a exemplo das espécies da natureza terrestre, não paravam de acrescentar novos rebentos aos seus muitos membros. Ainda assim, éramos pertencentes a um

“entroncamento genético” a respeito do qual somente Sophia havia nos dado pálidas notícias quando da nossa convivência.

Afirmou ter sido ele, Sophia, a nova “semente”, o novo “ovo cósmico com vida edificada”, a “melhor versão possível” para a vida biológica semeada no universo. Assim, todas as formas de vida surgidas nesta faixa universal teriam se originado a partir da “semente” de um criador a que ele se referia, adaptada ao seu mais moderno estereótipo.

Sob aquela ótica, os Val e os Tronomos (ou Nomos) — descendentes de Ostronomos — apesar de pertencerem a géneros ou linhagens diferentes, tinham uma origem comum, um ancestral biológico, e esse parecia ser Sophia, segundo as suas próprias informações.

Os resultados obtidos a partir da análise genética dos nephelim significaram para os Val apenas o reforço do que passivamente havíamos aceitado como sendo “a verdade” o que nos fora revelada por Sophia. Para os Tronomos, porém, aquele facto foi uma surpresa, tendo sido, na verdade, a primeira vez que a cultura daquela espécie associava os seus conhecimentos, longamente acumulados, com aquela notícia específica de que um ser, que eles desconheciam, poderia ser o “ancestral”, o “primeiro dos Tronomos”, como a ele se referiam, no sentido de encontrarem as suas origens.

Precisávamos de algumas respostas mas, acima de tudo, era ímpeto do psiquismo Val — desde a sua criação e, mais ainda, após o seu aprisionamento na Terra — arquitetar sempre novas perguntas, como forma de forçar o progresso dos nossos pares.

Por aqueles dias — cerca de 183 mil anos atrás — Val El, um dos dois cujas mentes se encontravam mais vinculadas às leituras do Processador Mental da família, foi solicitado pelos demais a aprofundar as perceções possíveis de serem construídas a respeito das equipas de seres de fora, que se encontravam no planeta. Assim, deixou de ser um dos membros ativos da tripulação e do projeto do redimensionamento de “espheron”, passando a residir em Benem.

Naquela altura dos factos, os Val possuíam três bases principais na Terra: Benem, ao Norte, Ceba, ao Sul, e “espheron”, que passou a ser utilizada como uma espécie de “casa-móvel” sempre posicionada de acordo com as circunstâncias de cada momento.

Val El era um dos que havia integrado uma equipa que tinha na figura do “Codificador de Zian” o grande articulador dos principais estudos que estavam a ser

efetuados por um grupo de seres cujas origens eram as diversas famílias do género biodemo, e que eram escolhidos e convidados por ele para trabalharem na codificação dos assuntos que interessavam a todos.

O que a mentalidade terráquea atual entende como sendo a “busca pela verdade” sempre foi, é e será o grande motor que movimenta a consciência particularizada dos seres. Muitos permanecem por longo tempo envolvidos com os eventos típicos do padrão da vida que levam, mas, mais cedo ou mais tarde, despertam para essa busca.

Alguns dos Val pareciam nascidos prontos para esse mister, enquanto outros somente engrenavam os seus mecanismos psíquicos para essa busca com o passar dos tempos. Assim era também com as demais famílias biodemo — e, pelo que hoje sabemos, essa questão tem a ver com a “bagagem espiritual” de cada um, ou seja, com aquilo que lhes foi incutido quando “urdidos” em “asphezian”.

O Codificador Universal, conhecido na cultura do género biodemo como o Codificador da Escola de Zian, a exemplo de Sophia, havia também surgido para a vida neste universo do mesmo modo que Sophia, ou seja, sem uma aparente origem que pudesse ser verificada por nós.

Sequer sabíamos o seu nome — como também desconhecíamos o de Sophia — porque aqueles seres eram tão diferentes de nós que somente os tratávamos por meio dos epítetos, sendo Sophia a “personificação da sabedoria”, e o Codificador a “personificação da condição mental”, que descortinava os enigmáticos véus da criação e os sistematizava para a compreensão dos demais.

O Codificador havia surgido muito antes de Sophia, e os dois sempre afirmaram que, antes de serem conhecidos no âmbito da regência do sistema de Capela, já o eram em outras galáxias. Nenhum desses dois seres jamais pertenceu a qualquer família ou espécie cósmica. Eles eram singulares — únicos, por assim dizer.

Da turma de alunos da Escola de Zian somente alguns poucos se viram envolvidos com o problema da rebelião de Yel Luzbel. A maioria sequer se envolveu com a questão e seguiu sua rota evolutiva de aprendizagem sem maiores obstáculos.

Mas aqui o imponderável teve lugar, e o facto de Val El ter tido a sua família envolvida com o problema fez com que ele se desgarrasse da Escola de Zian, mas jamais do seu mentor. Contudo, até os dias em que se viu envolvido com as pesquisas mais profundas em torno do Processador Val, ele jamais havia recebido qualquer notícia do Codificador ou de qualquer um dos demais alunos da Escola de Zian desde que dela se ausentara por força do exílio dos Val.

Vendo a inquietação de todos os Val com o rumo indecifrável dos acontecimentos daqueles tempos, e tendo um dos seus mais valorosos companheiros de aventura mental no campo da decifração do imponderável sendo mantido em estado de hibernação desde a chegada à Terra — esse nosso companheiro é um dos quatro que ainda hibernam na nossa atual cidadela móvel — solitariamente Val El passou a dedicar-se ao estudo do fluxo das informações do Processador Val, enquanto os demais continuaram a ocupar-se dos seus afazeres.

Val El — que, no futuro, por efeito de um acordo político-filosófico com Yel Am, veio a ser chamado de Val Ellam, enquanto Yel Am passou a ser conhecido como Yel Liam, como resultado do que os dois acertaram como sendo o “novo propósito” das suas respectivas famílias, episódio que será narrado adiante — passou a viver as experiências da interação com o Processador durante milênios seguidos, atividade somente interrompida por uma ou outra ronda feita por “espheron”, oportunidade na qual revia os demais Val de Ceba e da tripulação da qual fizera parte.

Era uma “massa” de bem mais de 200 milhões de anos de informações acumuladas, que agora teriam de ser organizadas e analisadas de acordo com as atuais necessidades de sobrevivência da família Val, nas circunstâncias em que agora viviam os seus membros.

Val El, de todos nós, foi o primeiro a perceber que a nossa vivência de aproximadamente 440 mil anos na Terra — até àquele marco temporal — havia registado marcações mentais bem mais complexas do que aquelas que correspondiam aos 230 milhões de anos, desde que os Val surgiram como os “urdidos em asphezian”.

“Como tal era possível?”, costumava ele se perguntar quando disponibilizou a informação para a reflexão do circuito Val, chamando a nossa atenção para aquele aspeto.

O nível de complexidade a que ele se referia não era sobre as questões atualmente chamadas pela ciência terráquea de cosmológicas, astronómicas — científicas, enfim. Essas haviam sido muito bem arquitetadas ao longo dos milhões de anos de existência, tanto da nossa espécie como das demais do género biodemo, pois sabíamos o que era possível saber, além de termos produzido a tecnologia necessária para nos permitir conviver com os avanços naturais do nosso então modo de vida.

A enigmática questão residia na complexíssima variação das mutações sofridas pelo código genético definidor da nossa espécie (**NAT - “genoma”, na linguagem atual**) decorrente do grau de questionamento “sobre a vida e a sua significação” ao qual o nosso padrão psíquico foi submetido pelas circunstâncias.

Val El produziu uma simulação que apontava para a diferença do padrão de evolução, tida como natural, dos seres que se encontravam enfrentando os obstáculos normais à existência cósmica, tal como a conhecíamos, em relação ao contexto que agora os “envolvidos com a rebelião” estavam a enfrentar.

A partir desse parâmetro, ele convidou-nos a refletir sobre como o “vírus mental de Yel Luzbel” substituíra uma vivência que somente iria produzir tamanha aprendizagem após decorridos muitos milhões de anos. Contudo, chamava atenção para os riscos do processo — e aqui, devo citar que, nessa altura dos acontecimentos, nem ele nem qualquer outro dentre nós havia tido conhecimento do que se passara entre os rebeldes amotinados em Antares.

Os “riscos do processo”, hoje estamos a descobrir, eram e são de ordem espiritual, pois descortinar e lidar com os pilares estremecidos de uma criação problemática é matéria cujas lições somente a experiência tem produzido e, convenhamos, com efeitos nada agradáveis. Porém, pelo que da nossa cidadela hoje percebemos, são absurdamente necessários para o progresso possível a cada etapa da evolução cósmica.

Val El que, como todos nós, sempre observou a “máquina universal” em ação, pois dela depreendemos todo o nosso arcabouço científico-tecnológico e a ele nos adaptamos, estava agora indo mais a fundo, pois procurava perceber a “natureza da máquina cósmica”, o que jamais fora questionado por qualquer Val.

Com o tempo, as vivências pessoais de Val Sean e Val Antien na dimensão paralela em que se encontravam, de Val Pen junto aos Tronomos, de Val Geon junto não só aos descendentes de Ostronomos, mas também a outras raças que as suas rondas descortinaram, e a do próprio Val El, foram modificando por completo, dentre outros aspetos, o “modo de se expressar dos Val”. Como consequência, novos algoritmos mentais a todo momento surgiam no nosso psiquismo, como se o nosso Processador estivesse sempre a atualizar o nossa “maneira de ser”.

No final dos estudos de Val El, devido à grande quantidade de perguntas vinculadas a processos de diversas naturezas, o modo de expressão do Val havia se modificado por completo, ampliando, em muito, a condição do senso crítico que nos era comum.

Por cerca de 850 anos terrestres, Val El manteve-se em contato codificado com Val Sean e Val Antien, tentando perceber o porquê de eles poderem perceber tudo o que se passava na nossa faixa universal, e nós nada conseguirmos atinar diretamente em relação a eles.

A linguagem codificada que servia — e ainda serve — de ponte, através do Processador Val, entre Val El e os nossos pares naquela dimensão, transformou-se numa ciência à parte que, mais tarde, viria a ser utilizada por Yel Luzbel, quando da sua chegada à Terra.

Como fruto da experiência com Val Sean e os demais, Val El percebeu que a “consciência pessoal”, apesar de situada além das fronteiras deste universo, parecia deter em si o poder de “descer a escada por meio da qual daqui saíra”, como se lhe fosse possível o “retorno da consciência”, mesmo que desprovida do antigo corpo, mas “agindo” como se ainda o tivesse. Essa postura mental da consciência parecia ter o poder de afunilar uma dimensão mais sutil na direção de uma mais grosseira (ou menos sutil) e, no bojo desse movimento promovido pela coerência mental — ou, por meio de uma tecnologia a ela vinculada — a informação pretendida pela consciência era, então, repassada ao nível inferior na forma de vibração.

Havendo tecnologia recetiva e emissiva nesse nível inferior — e o Processador Val, assim como os das demais famílias, parecia naturalmente deter essa condição — a comunicação podia dar-se sem maiores dificuldades. Contudo, a “senha de acesso” parecia residir no código genético definidor das espécies quando da urdidura do género biodemo, o que era e é um aspeto até hoje incompreendido por nós. A tal “senha de acesso” jamais permitiu que qualquer outra consciência, que não a de um Val, pudesse comunicar-se, dessas outras instâncias existenciais, por meio do nosso Processador. E assim ainda permanece nos tempos atuais!

Na época, Val El e outros membros, que com ele se envolveram no projeto, tentaram criar uma espécie de “Processador Filial” em Ceba, para poder estudar a estranha capacidade que Val Sean afirmava existir para eles, pois direcionar as suas consciências para um lugar ou outro da Terra não lhes requeria movimentação ou esforço. Tanto fazia se o comunicante no lado da Terra estivesse em Benem ou em Ceba, os do lado de lá utilizariam as suas consciências como se estas pudessem “encurtar”, “afunilar o espaço” em relação ao ponto da dimensão em que se encontravam, como se existisse uma “perene janela” que lhes permitisse observar tudo como se estivessem a “um palmo de distância”, fosse no Norte ou no Sul do planeta.

Este assunto deixou-nos extasiados por muito tempo, e chegámos mesmo a concluir a “filial” do Processador em Ceba, mas jamais a operacionalizámos e nem mesmo chegámos a testá-la adequadamente, devido à chegada inesperada das “mastlans” luciferianas, que logo se daria.

Val El chegou a propor aos Val, dimensionados em outra instância, que tentassem “mover as suas consciências” na busca de uma “janela” com algum mundo de Antares ou de Capela, na tentativa de obter o mesmo efeito que estava a ocorrer na Terra.

Por alguns poucos milénios isso foi tentado, chegando-se mesmo à percepção visual das gigantescas naves agora construídas pelos rebeldes — as “mastlans” — ainda locadas em Antares, mas sendo preparadas para alçar voos, cujos roteiros e propósitos não puderam ser descortinados pelos “observadores”, facto que somente voltou a atormentar mais ainda os já aturdidos Val, que viviam sob o clima psíquico de uma “iminente” chegada dos rebeldes.

Diferentemente do código construído ao longo da experiência de Val El com os Val na outra dimensão, o máximo que eles obtiveram, na tentativa da reprodução da mesma experiência com os mundos de Antares e de Capela, foi a percepção visual, sem nada mais atinar, o que deixava a interpretação dos eventos percebidos ao tirocínio dos “espiões”.

Ao vivenciar a tentativa frustrada de perceber as intenções dos rebeldes como modo de organizar melhor a vida dos Val na Terra e, acima de tudo, para pacificar a mente de muitos dos nossos que ciclicamente adoeciam e passaram a depender da hibernação para poderem recompor as suas formas pessoais, Val El resgatou as suas recordações de um dos encontros que tivera com Yel Luzbel, em tempos muito anteriores à propagação da rebelião. Era mesmo comum que membros de uma família procurassem os de outra para a troca de informações, dentro do padrão de objetividade que os seres do género biodemo procuravam aplicar a tudo o que faziam. Portanto, não houve maiores surpresas quando, estando os Val aportados no planeta Dan, do sistema de Capela, numa espécie de reunião de algumas famílias que ali se encontravam obedecendo a um cronograma preordenado de apoio mútuo com vistas à atualização e manutenção dos departamentos operacionais edificados naquele mundo, Yel Luzbel procurou os dois membros da família que eram treinados na arte da codificação.

Val El e Val Gevi tiveram, então, um encontro com Yel Luzbel que, depois de adequado para a lógica humana, teve, aproximadamente, a seguinte composição de diálogos:

— Sobre ti, ó Luzbel, o nosso respeito! — saudou Val Gevi.

— Sobre vós, ó valorosos, a admiração dos Yel. Busquei-vos porque preciso de um parecer além do que posso arquitetar por mim mesmo. Para lá da destinação lógica

que marca o código dos Val, pertenceis também à escola da codificação. Assim, algo podereis, penso, aclarar-me. Quando me encontro em Dan isso não me acontece, talvez devido ao magnetismo deste mundo. Porém, ao ausentar-me daqui, tenho tido um pensamento que não controlo, que não compreendo sequer como o arquitetei, pois se encontra além do que normalmente me é dado saber. A minha destinação não é essa, e nem mesmo a dos Yel, mas tenho composto um quadro nos meus estudos no qual a ausência de algumas partes tem assumido, para o meu modo de averiguar, proporções que me enfraquecem o ímpeto de continuar a estudar. Isso me é estranho. O circuito Val tem notícia de alguém, dentre nós, que já se sentiu deste modo?

— Não, nem mesmo algo que se assemelhe a essa sensação. É desconhecida, entre nós, a sensação que contraria a postura da mente de querer objetivamente estudar um assunto e se sentir inclinado a não fazê-lo. Isso não é possível às espécies da nossa linhagem. Tenho que perguntar: está realmente constatado? — ponderou Val Gevi.

— Sabemos todos que não errámos nessas questões, mas compreendo a pergunta, porque sei ser preocupante. Estou inclinado a procurar Sophia, caso ele ache conveniente receber-me, pois não é muito do seu feitio acolher solicitação de encontro. Ele tem tido muita dificuldade em se fazer compreender por muitas das famílias desde a sua presença em Orbum. Os Val formam a equipa operativa com a qual ele mais tem convivido. Vocês se entendem mutuamente?

— Não temos tido problemas, mas somos sabedores de que ultimamente essas dificuldades têm existido, o que o tem deixado absorvido em como superar a flagrante diferença entre a natureza que o marca e a nossa — tornou a ponderar Val Gevi.

— O que está a acontecer, para que as instruções e ensinamentos de Sophia sejam bem aceitos e compreendidos pelos Val, e isso não ocorra com as demais famílias? Sophia não obriga ninguém a procurá-lo, e quem o faz também dele não recebe crítica, somente comentários elucidativos, e sempre foi assim desde que ele se estabeleceu por aqui. Qual a razão para que, agora, esses eventos que tanto nos satisfazem provoquem inquietações e desconcerto nos que o buscam? Somos nós que estamos a mudar, sereis vós, ou será Sophia que está a ser pressionado por algo que desconhecemos, e ele é que estaria então com problemas? — questionou Yel Luzbel.

Muito mais os três seres “conversaram”, sem que atinassem com qualquer possibilidade de explicação satisfatória.

Alguns milénios depois — contados sempre no fluxo do tempo terrestre — estando os dois Val na escola em Zian, Yel Luzbel tornou a procurá-los, e Val El houve por bem solicitar ao Codificador a sua presença.

Feitas as saudações de praxe nos cânones da cultura daqueles seres, Yel Luzbel tornou a expor a mesma questão de desassossego íntimo que lhe dominava o psiquismo, ao ponto de não querer levar adiante a tarefa de pesquisa que a sua família abraçara há milhões de anos.

— Pergunto a ti, ó Yel Luzbel, se te é possível a certeza quanto ao primeiro momento desse problema, se pertence vivamente aos teus registos a causa desse desconforto — perguntou, a certa altura, Val El.

— Sim. Esse é um dos aspetos que mais me incomoda. Estudei por muito tempo as micropartes vivas que compõem tudo o que existe como força operativa do incessante fluxo da vida universal. Em vários experimentos, verifiquei que essas micropartes que se associam para formar seres mais complexos jamais permanecem as mesmas no ciclo de vida daquela forma.

Analisando as formas, constatei que cada grupo específico (espécie) de seres, por inúteis que sejam, procura ocupar uma função qualquer no fluxo da vida onde se encontram. Quando os seus corpos têm fim, muitas das suas micropartes jamais cessam de existir, voltando tão somente a pertencer ao aspeto mínimo das coisas. Isso não faz sentido! Acontece, está a acontecer, mas não se enquadra como algo “justo” para com as forças envolvidas na questão. A lógica que marca as estirpes do género que nos une não nos permitirá conviver com a utilização que os nossos corpos fazem dessas micropartes... Ou será ao contrário? Elas somente manipulam na escala universal, pois, na particular, são agentes da vida que nós, os biodemo, ostentamos. Percebo, claramente, uma força que desconheço operando por trás do modo como essas micropartes se reúnem para formar todos os tipos de corpos. Que força é essa? Por que ela é operativa, ao mesmo tempo que destrói o que gerou? Que tipo de força cria e ao mesmo tempo destrói o que foi gerado? Vejo o fenecer de corpos sem vida operativa em diversos mundos, mas jamais pude ver isso entre nós. Porquê? Um dia isso ocorrerá? Eu e vocês iremos fenecer? Por que somente os não operativos fenecem? E se fenecermos, qual o sentido de existirmos? Que tipo de força ou de princípio promove esse estado de existência? Qual o propósito? Foram essas, ó Val El, as sementes da causa do que me corrói o pensamento. Estou cansado, sem forças, e não quero progredir com essas pesquisas. Jamais senti coisa alguma, pois fomos engendrados, penso eu, para não sermos sensíveis como Sophia e tu, ó Codificador. Mas desde que me defrontei com esse descaminho causal, com esse despropósito que

agrega a vida para que ela sofra sempre no seu final de ciclo, que me desconcertei e passei a “sentir” isso, essa vontade de parar, de não continuar. Ao mesmo tempo em que isso afirmo, “sinto” outro vetor estranho em mim que me leva a perquirir mais e mais sobre a questão. “Sinto-me” também, dissociado dessa força que opera antes da formação da matéria, antes que a vida aconteça no ambiente universal. Mesmo sendo um Yel, “sinto-me” sozinho, e sei que estava destinado a não “perceber” coisa alguma nesse sentido. Há algo de muito errado comigo. Procurei a vós, pela experiência que detêm, antes mesmo de me expor aos meus pares em família, pois temo que possa difundir algo impróprio. Tenho ficado o tempo que posso em Dan, porque lá acontece algo que ainda não identifiquei adequadamente mas que mantém a minha mente em vibração normal — afirmou Yel Luzbel.

— Outros entre os Yel já trilharam esse caminho perceptivo e descortinaram exatamente esse fluxo das microcargas de vida que podem existir livres ou aprisionadas às vontades dos corpos mais complexos, do mesmo modo que planetas são prisioneiros das órbitas vinculadas aos astros luminosos, e nada sentiram. É esse o teu temor, por em ti ter surgido o pano de fundo da força operativa misteriosa? — indagou Val El.

— Essa força existe! — pontificou o Codificador, de um modo que surpreendeu os demais — Ela existe e é real, atua sobre todo o universo, mas nada mais é sabido sobre ela. Decodificá-la é a missão da minha existência. Surgi para a vida neste universo com esse objetivo. Dele somente sairei quando o meu trabalho estiver concluído. Seguramente, ó Luzbel, tu te defrontastes com essa força. Só que o código que dá vida aos Yel e particulariza todas as demais famílias do vosso género não prevê essa percepção. A minha própria forma também assumiu os limites impostos ao psiquismo que nela atua. Se algo em mim sabe mais do que o que se encontra disponível no meu psiquismo, devo descortinar esse limite para bem ultrapassá-lo, com segurança e zelo — essa é a regra para os biodemo. Com os teus irmãos que estudaram a mesma matéria isso aconteceu.

Contigo, porém, percebo que algo se rompeu no teu psiquismo, e tudo o que é sabido sobre os seres biodemo é que não está previsto esse rompimento. Eu mesmo estou surpreso, pois os rompimentos em mim ocorrem, mas essas mutações podem ser absorvidas pela minha mente. Mas temo que, contigo e com todos os demais, isso não seja possível. Estou surpreso por isso estar a acontecer contigo, ó Yel Luzbel. Algo em ti é imponderável, não estava previsto. A força a que tu te referes disso não pode cuidar, pois muitos eventos parecem escapar à sua intenção e controle. Mesmo nós, que nos fizemos seres como Sophia, e outros que perambulamos por este universo, não dispomos da percepção adequada para a tudo abraçar. Assim, procuramos apoiar

outras inteligências que surgem para ampliar ainda mais o que já foi apreendido. Mas estamos longe da compreensão que pacifica... Parece não existir lógica nos quadrantes deste universo para enxergar essa misteriosa força operativa. Essa lógica precisa ainda ser gerada, mas não creio que sejam os seres biodemo a promovê-la. Por isso temo por teu equilíbrio, ó Yel Luzbel. Mas não posso ultrapassar as fronteiras da minha atuação. Sophia se assume como sendo a face dessa força invisível. A sua personificação representa essa força. Já o vi afirmar isso em outros quadrantes siderais. Não é este o meu caso.

Apoio-o no que posso. Somos irmãos operativos, mas sei que ele também sofre os seus limites. As fronteiras da sua atuação são mais largas que as minhas, mas tem também os seus fatores limitantes, até porque estes são inevitáveis para a vida, da forma como se expressa no universo.

— Estou a pensar em isolar-me... Não consigo entender e assimilar o que expressas, ó Codificador — apartou Yel Luzbel.

— Essa é uma das questões que mais me inquietam. No estado em que estás, ó Yel Luzbel, cada informação a mais que eu puder fornecer, e que me é comum à capacidade de aferição que possuo, poderá causar danos irreversíveis no teu modo de pensar e de agir, e isso não está no meu controle, mas sim no teu. Se esse controle pessoal falhar, as consequências poderão ser danosas, ainda que amplie a sua percepção. Mas, lidar com os desdobramentos dessa ampliação... Sei que ainda está por vir um tipo de ser que possa ou poderá fazer isso de forma natural e produtiva, sem consequências passionais.

—Passionais? — questionou Yel Luzbel.

— Sim, passionais, e isso significa descontrole emocional extremo, o que é desconhecido para o género biodemo e todas as suas espécies. Sophia deve constranger-se, e muito, por não poder expressar-se livremente. Eu lido com poucos, com os que escolho, para meticulosamente ir criando os caminhos da ampliação mental, tanto minha quanto deles. Ao mesmo tempo em que assim procedemos, observamos o todo da realidade que enxergamos, e tentamos desconstruí-la com o intuito de conhecer os seus alicerces. Feito isso, sistematizamos todo esse conhecimento para a ratificação ou retificação do que foi percebido, compreendido e aferido com as ferramentas mentais de que dispomos. Decodificar o todo por meio da sistematização das suas partes é o método que impulsiona a nossa escola. Escolho com prudência aqueles que podem aventurar-se pelo desconhecido, pelos caminhos daquilo que ainda não foi transformado em conhecimento seguro. Sophia, porém, é

cercado por todos e com todos interage, daí a sua dificuldade em estabelecer o que é precioso para um e danoso para outro.

— Mas a interação a que te referes, ó Codificador, nem sempre é com Sophia, mas sim, com aqueles seres indecifráveis que o acompanham. Há algo de inquietação em mim quando interagimos, e pude perceber que também acontece com outros Yel.

Eles não são do nosso padrão, nem do de Sophia e nem do teu. Sempre penso em procurá-lo, mas, a cada vez que me conscientizo que será na presença daqueles seres, algo em mim hesita. Não consigo expressar o que se passa comigo.

— Realmente, ó Codificador, jamais percebemos Sophia sozinho, e quando assim parece ser, esses seres estão em ambiente próximo, como se em constante comunhão com ele. Tu estás sempre sozinho, cada um de nós pode estar também assim, e nisso não reside problema, pois estamos sempre interligados, mas o que se passa com Sophia e esses seres parece pertencer a outra ordem de existência — ponderou Val El.

— É bem mais do que isso e, ao abordar esse tema, elevo o foco da nossa atenção para um nível que me preocupa, exatamente por que aquilo que já expliquei se encontra fora dos roteiros da vossa compreensão e assimilação. De facto, estou sozinho, mas tenho como companhia aqueles a quem escolhi para, juntos, nos prepararmos para construções presentes e futuras, necessárias ao avanço da obra universal. Sophia, da sua parte, também se encontra sozinho, embora acompanhado de seres aos quais ele os sustenta com a sua energia pessoal, o que não é o meu caso em relação aos meus aprendizes. Mas assim ele procede porque, no caso deles, essa é a maneira que Sophia encontrou para se preparar, e também a eles, para os eventos futuros que somente a sua sabedoria pode prever, prover e aquilatar. No presente, não tenho como pensar que esses seres, estando à sua volta, têm utilidade estratégica no sentido de auxiliá-lo em algo. Não acho que isso seja real. Seres como Sophia não costumam precisar de nada além de si mesmos e da extensa e misteriosa bagagem que ostentam sempre que se personificam. Trago sempre, também, a minha bagagem comigo, mas o meu mistério e ministério são menores do que o de Sophia. Eu o auxilio, como posso, na sua tarefa, mas ele tão somente usufrui os frutos da minha, que é o modo como posso lhe ofertar o meu concurso. Seres como Sophia pouco recebem, apenas dão de si o que podem, quando as circunstâncias o permitem. Não sei, ó Yel Luzbel, se o momento é propício para que o procures, pois começas a cismar com a hoste postada à volta de Sophia por necessidades que desconheces, mas que dizem respeito ao futuro, se bem percebo. Ainda assim, não vejo como um encontro com Sophia não possa produzir resultados agradáveis ao teu psiquismo.

— Tu, ó Codificador, chegaste a Orbum vindo na insondável “asphezian”, sem que a tua origem possa ser esclarecida para nós, pois não há meio de compreendê-la. Transformastes o universo na tua morada, e residis aqui e alhures, sempre movido pelo mais alto propósito, isso percebemos claramente. Sei da tua benevolência desde que os Val de ti receberam a incomparável “asphezian”, tanto por ter sido a “casa” onde foram urdidos, como, também, em razão dos firmes laços que unem os teus propósitos aos deles. Por incontáveis ciclos dos mundos em volta das suas estrelas, os Val, desde então, tentam compreender toda a complexidade que encontraram em “asphezian”. Herdaram algo que não compreendiam, e hoje são senhores da sua utilização em benefício dos propósitos comuns. Nós, os Yel, também recebemos de ti a base já posta e o projeto das “mastlans” com as suas muitas faces de operação, e nesse desenvolvimento reside parte do propósito da nossa existência. A cada família da nossa linhagem o teu senso operacional concedeu projetos e repassou heranças diversas.

Enfim, passámos a desenvolver-nos sempre em torno dos focos promovidos por ti e pelos misteriosos seres que contigo chegaram, mas que não são mais percebidos como habitantes dos sistemas nos quais operamos. Quando Sophia se estabeleceu em Orbum, diligentemente direcionastes a nossa atenção para ele, no sentido de que víssemos nele o “financiador” de tudo o que havia acontecido desde que passámos a existir, e nisso reside a nossa verdade. Observando todo esse passado glorioso, percebo que no presente algo em mim destoa da postura de absoluta admiração e de reconhecimento pelo tanto que seres do teu naipe, e do de Sophia, nos ofertaram. Buscarei, sim, Sophia, para que ele me possa orientar quanto ao que devo redimensionar em mim como forma de me adequar ao contexto no qual sempre existi e com o qual me comprazo.

**NAT — O Codificador de Zian veio a dar-se mais a conhecer nos últimos 30 mil anos. O início da revelação de notícias vindas da sua parte coincidiu com o “retorno de Javé” ao ativo, após longo período sem se revelar, oportunidade em que envolveu a Terra com o que lhe restava das forças, como se pretendendo reassumir o controle sobre o universo, repassado a Sophia em tempos idos.**

Fixada naquelas reminiscências referentes a alguns dos momentos pontuais anteriores à rebelião por ele vividos, a mente de Val El passeava pela observação daqueles registos, enquanto a inquietação lhe dominava o íntimo ao novamente retornar o foco da sua atenção para a tragédia em que os Val agora viviam.

Apesar de, na lógica terrena, “centenas de milhares de anos” parecer um tempo infundável, para o psiquismo das espécies biodemo a sensação do passado acumulado

era sempre como se fosse a do momento mais recentemente vivido, e não algo de anos atrás, como é comum para o modo de sentir a vida dos terráqueos. Para as espécies biodemo, jamais existe a sensação de “tempos esquecidos”, pois todo o acumulado está presente, tanto no instante atual como no momento subsequente. Sei que é difícil a compreensão do que aqui está a ser exposto para a sensibilidade dos humanos, mas é exatamente isso o que nos acontece.

Os dias terrenos se substituíam e Val El interagiu continuamente com o Processador, enquanto a sua consciência pessoal começava a construir “sensações”, “valores” e “senso crítico” mais e mais afinados com as dificuldades daqueles dias.

Val El buscava perceber conexões que não se mostram facilmente à superfície e que, exatamente por isso, jamais podem ser percebidas pelo olhar condicionado, limitado que está àquilo que o fluxo mental determina para cada tipo de ser. Ele percebera, claramente, que havia uma força por trás da vida, que convidava à aceitação da lógica possível de ser percebida.

Essa lógica, porém, tanto parecia ser um “efeito” advindo das condições impostas pela força operante ao “criar” aquela realidade, como, também, ser “produzida” pelo psiquismo particularizado daqueles que, em se achando “inteligentes”, assumiam a “lógica fácil” da realidade imposta por meio de uma aceitação acrítica, associada à impressão psíquica de que “a realidade percebida era a verdade a ser assumida”.

Porquê “aceitação acrítica”? Pelo simples facto de não existir um senso crítico, uma lógica que observe a realidade e com ela interaja sem que isso limite a percepção do todo, em especial se mais houver para ser percebido além das suas fronteiras.

Ao mesmo tempo, Val El percebeu que, independentemente do significado da realidade posta perante o seu tirocínio, aquilo não era uma obra acabada, pelo menos no que importava aos fundamentos mais preciosos à vida. E o mais significativo para a cultura dos Val: parecia caber a cada um nós, os seres viventes operativos, ou seja, com alguma capacidade racional de contribuir com o progresso da vida, a produção do esclarecimento possível da realidade, tanto quanto ao que consideramos como natureza universal, como quanto ao modo como nela se pode viver.

Val El introduziu a “lógica do possível” entre os Val, e com isso a capacidade crítica pessoal foi crescendo ao nosso psiquismo, facto que implica em ressaltar que muitas das estratégias planeadas e executadas até aos tempos atuais nasceram sob esse prisma.

É como se, a cada degrau que fosse galgado de uma escada infinita, um novo horizonte de possibilidades pudesse ser agora percebido, analisado e diagnosticado. Sobre essa base, a estratégia do “possível” ou da “lógica do possível”, de ser posta em prática para aquele nível, seria então trabalhada como sendo o objetivo de todos.

Assim vivemos, os Val, até estes dias em que daqui me comunico com os que hoje habitam a Terra, e que têm uma capacidade lógica muito superior à que nos marca. Contudo, aquela lógica, que lentamente temos construído para o nosso próprio uso terminou por ser uma das componentes que influenciou, e hoje se pode observar entre, os humanos da Terra.

Naquela altura dos factos, Val El formulou perguntas intrigantes, cujas respostas até hoje são perseguidas pelos que compõem o circuito ainda atuante das espécies biodemo: “Por que a natureza da máquina cósmica somente se torna precisa a partir da materialização da energia? O que vem antes?” “Por que o conjunto do que se materializa é, paradoxalmente, contraproducente, como se eventos inteligentes, com propósitos cirurgicamente definidos, fossem materializados ao mesmo tempo em que fluxos desnecessários de outros eventos e coisas conflituosas ocorrem?” “Por que se pode perceber um princípio inteligente por trás dos processos, que somente os conduz até certo ponto e, a partir daí, acasos, acidentes e incidentes de toda ordem parecem ocorrer?” A partir do seu ímpeto questionador, muitas outras perguntas foram surgindo no circuito Val, e um grupo de pesquisa vinculou-se aos esforços em torno dessa busca. Hoje, decorridos muitas dezenas de milhares de anos terrestres, membros da família Yel, que mais tarde assumiram as teses de pesquisa dos Val, trabalham conjuntamente na formulação de possíveis respostas e de novos questionamentos. Os Yel sempre foram mais criativos que os Val nesse mister e em outros mais.

Antes da eclosão do movimento rebelde, Val El tanto conviveu com todas as famílias, devido à sua atuação na escola de Zian, juntamente com Val Gevi, como também conversava com Sophia e os seus assessores sobre certos temas da criação.

A “especialização funcional” entre os membros da Val era uma das suas mais ricas características, apesar da face emblemática de “exploradores” e de “aferidores de limites” que se encontrava invariavelmente presente na personalidade de cada um dos seus membros. Contudo, sempre que o limite do conhecimento ou da capacidade da sua formulação era alcançado, ou pelo menos fosse assim avaliado pelos Val, entravam em ação os irmãos habilitados para o mister específico.

O que jamais imaginaríamos naquela época — o poder criativo dos Val no campo da imaginação sempre deixou a desejar — era que, da nossa família e de outras, a inclinação psicológica para essas buscas iria ser inevitavelmente transferida para a humanidade, ainda por surgir.

Na atualidade, decorridos cerca de duas centenas de milhares de anos desde aqueles dias, e de onde me encontro, observo o Processador Val e percebo que, de facto, foram repassadas para a natureza humana muitas das nossas buscas. Contudo, as maiores marcações do que viria a ser a ciência terrestre não pertencem aos Val, mas sim, aos Yel mergulhados na humanidade terráquea, ocupando posições de destaque tanto nesse campo quanto no da política.

Sim! Com o intercâmbio entre as duas famílias, que viria a ser retomado após as mastlans luciferianas aportarem na Terra, devido a alguns acordos realizados entre as partes, houve um consórcio de objetivos e os Yel passaram a valer-se, também, do Processador Val. Mas tudo isso se deu por entre muitos conflitos e dissensões.

# Bases de Chegada

Enquanto os desdobramentos do movimento rebelde produziam dissabores e desgraças aqui e ali, naturalmente foi-se percebendo o novo contexto que agora demarcava a vida dos seus agentes.

O aspeto mais estranho desses desdobramentos, para as diversas espécies de seres do género biodemo, foi o aparecimento de “sentimentos e sensações” jamais percebidas.

Muito ainda terão que evoluir os factos para que se possa perceber o que a rutura de um “lacre mental” pode gerar no psiquismo dos seres e que define, geneticamente falando, os limites das possibilidades da produção do senso crítico, da razão filosófica e de outras “faculdades e possibilidades psíquicas” das espécies pensantes em evolução.

Essa aparente definição do limite não se dá de “cima para baixo”, ou seja, não decorre do facto de que alguém tenha definido que tal espécie somente poderá ter pensamentos e sentimentos até determinado ponto ou nível. “Não, não é assim”, afirmou Val El em um dos seus relatórios, no qual reuniu as suas reflexões sobre a questão. É de “baixo para cima”, ou seja, é a partir de uma situação desesperadora ou incómoda que se vislumbra um novo posicionamento mental que possa curar o desconforto existente. É empírico!

Passámos a pensar que as reflexões de Val El eram provenientes da sua convivência direta com Yel Luzbel, da qual ele e Val Gevi desfrutaram em renovadas circunstâncias. Como os assuntos de Yel Luzbel foram abordados em reuniões reservadas na Escola de Zian, entre o Codificador, os dois Val e Yel Luzbel, tal conclusão parecia inevitável.

Se pelo menos Val Gevi estivesse desperto para termos mais um parâmetro de aferição, provavelmente poderíamos atinar melhor com relação à questão. Mas, infelizmente, Val El se encontrava sozinho na tarefa, perambulando entre os seus pensamentos e o que ele dividia connosco.

A sua questão pessoal se aprofundou de tal maneira que ninguém mais conseguia, na época, perceber as suas “marcas mentais”, de tanto que ele tentou mantê-las fora do Processador, para não nos influenciar nem causar problemas maiores do que aqueles que já colecionávamos.

Aqueles dentre os Val que estudavam e monitoravam mais diretamente a procedência genética e astronômica de algumas das equipas de fora que, como nós, se encontravam na Terra, passaram anos incontáveis a trabalhar junto com Val El, na tentativa de compreender a exponencial quantidade de vida no universo, ao mesmo tempo em que retornavam sempre para uma das indagações que Val El construía: para quê tanta diversidade, desafios e sofrimento — na quota em que os Val começaram a perceber na Terra — quando se constatava que a sua inutilidade era patente, isso sob a perspectiva da realização de qualquer coisa efetivamente marcante, em termos de progresso e evolução.

A sensação era a de que tudo estava “a andar para trás”, e até mesmo os avanços colecionados reduziam-se a nada, pois o jogo da vida cósmica, às vezes — como era o caso dos biodemo — colocava em risco todo um acervo duramente construído, em nome de um mal-entendido — ou fosse lá o que pudesse ser depreendido da postura de Sophia e das suas hostes em relação a Yel Luzbel.

Tudo aquilo levava-nos a refletir criticamente — o que antes nos era mesmo impossível — sobre o que, primeiro, acontecia connosco, num sentido mais amplo, depois, com as demais “espécies primas” do género biodemo, que também se encontravam esfaceladas e finalmente, numa amplitude ainda maior, a nossa inquietação mental agora repousava também nos padrões apontados por Yel Luzbel, o que nos levou a perscrutar a função da vida das espécies da natureza terrestre, motivo que levou à constituição do grupo anteriormente referido para melhor estudá-la.

Alguns, dentre os membros que o formavam, começaram a realizar testes de manipulação genética, além de experiências envolvendo, tanto o campo magnético do planeta como o campo áurico/elétrico de grandes e pequenos vertebrados. Quanto mais evoluíam aqueles estudos, mais os resultados se tornavam complexos e enigmáticos.

Tudo parecia absolutamente harmonizado no contexto das leis constituintes da natureza universal, mas nada parecia existir com alguma função efetivamente importante. Tudo era redutível a nada com uma rapidez que contradizia o lento

esforço evolutivo presente em todas as formas vivas. Aquilo era errado e injusto para com o esforço despendido pelos seres.

Um dos seus membros, Val Ean, dotado de senso prático, de visão estratégica singular e de grande conhecimento na área da navegação aérea, lançou a proposta de que outros grupos cedessem membros, de modo que o aprofundamento feito por Val El pudesse ter apoio de outras mentes.

Segundo o seu modo de observar o desenvolvimento dos factos, de tudo o que estava a ser feito, o único projeto que efetivamente poderia manter os Val em estado de organização plena e de eficiência possível era o de enriquecer cada vez mais o Processador Val, e treinar todos na interação das suas mentes com ele.

Demorou um tempo considerável até que os subgrupos existentes na família concordassem com Val Ean.

O problema era que nem todos os membros pareciam ainda possuir o antigo padrão mental unificador que servia de “senha de acesso” para a interação com o Processador. Por força dos factos, a nossa espécie estava agora altamente diversificada, devido às mutações surgidas ao longo daquelas centenas de milhares de anos, desde que aportámos na Terra.

Para surpresa de todos nós, ninguém mais dos despertos, à exceção de Val El, conseguia aceder e interagir conscientemente com o Processador, apesar das marcações mentais de cada pensamento e atitude dos membros Val continuarem ali, a serem registados. Por outras palavras, o Processador “lia e registava” o que era emanado da mente de cada um de nós, mas não mais conseguíamos ler ou resgatar as informações, tanto as mais recentes como aquelas anteriormente acumuladas nos seus registos.

Val Ean tinha percebido o que subterraneamente estava a acontecer. E o pior era o facto de que o processo em curso estava a desgastar a mente de Val El, único dentre nós que ainda processava normalmente o tipo de interação que sempre a família mantivera com o Processador.

Val El começou a transmitir tudo o que, até então, havia apreendido com o Codificador de Zian para os diversos membros que, ao longo dos anos, iam se revezando entre os diversos afazeres necessários à sobrevivência da família.

Segundo Val El, o Codificador de Zian não havia escolhido apenas a ele e a Val Gevi para participar do seu grupo de estudos, mas também a mim, Val Eno, e ao meu

quase “irmão gémeo” Val Eon. Digo meu quase “irmão gémeo” Val Eon porque, segundo a tradição Val, nós dois havíamos surgido em “asphezian” exatamente no mesmo instante cósmico. Porém, devido a outras questões e a necessidades daquele momento, ele resolvera convocar-nos em ocasião futura, que jamais teve a oportunidade de se tornar realidade, devido ao desvio da rota que o problema iniciado com Yel Luzbel veio a provocar.

O facto é que eu e Val Eon rapidamente superámos a dificuldade, que grassava por todos os demais irmãos de espécie, o que muito gratificou Val El, pois retirava da sua responsabilidade todo o peso daquela questão. Logo depois, Val Fon — que mais tarde viria a ser um dos apóstolos evangelistas que acompanhou Jesus de muito perto — também superou os entraves mentais e, pelo menos, agora éramos quatro a aceder livremente o Processador.

**NAT — A maioria dos apóstolos de Jesus era proveniente da família Yel, sendo alguns poucos da Val. Entre os discípulos que o acompanharam, mas não tão de perto quanto os doze apóstolos, a maioria também tinha origem entre os Yel, havendo, ainda, um pequeno número de representantes das outras famílias mais atuantes nos desdobramentos da rebelião.**

Disso resultou um avanço significativo nos desdobramentos do conhecimento acumulado dos Val, o que muito gratificou-nos, e que nos permitiu ter alguns anos terrestres de relativa calma, somente sombreada pela patente dificuldade que, agora, constatávamos naqueles membros que passavam pela hibernação, os quais, ao dela saírem, quando já houvessem sido submetidos ao processo algumas vezes, apresentavam uma preocupante fraqueza.

Tivemos que criar novas opções no campo clínico-medicinal mas, infelizmente, a nossa situação na Terra parecia levar-nos inexoravelmente para o fim da família nos moldes como, até então, existíamos.

Muitos começaram a fenecer perante o assombro coletivo, e fomos, então, acostumando a nossa nascente sensibilidade a conviver com a morte de vários dos nossos membros.

Próximo ao marco temporal de cerca de 100 mil anos atrás, pouco mais de 240 Val já haviam fenecido, o que nos deixava sobremaneira pesarosos quanto ao futuro incerto.

Um desalento silencioso parecia ser a tónica da intimidade de cada um dos Val, pois não havia nada, absolutamente nada, que nos motivasse a seguir adiante com

tanto esforço existencial em troca de coisa alguma — pois não víamos objetivo no que estávamos a fazer.

Éramos 489 despertos, com quatro ainda hibernando sem perspectiva de despertar, e 243 fenecidos, sobre os quais a única expectativa que tínhamos era a de que as suas consciências fossem congregadas em torno dos esforços comandados por Val Sean e Val Antien na dimensão em que se encontravam. Mas, a partir desse ponto, nada jamais aconteceu do modo como poderíamos esperar, com o nível de conhecimento que nos marcava.

NAT — Pelas informações recebidas dos mentores espirituais em anos posteriores à elaboração deste livro, os espíritos dos Val “desimantados” dos corpos biodemo desde esses tempos começaram, alguns poucos, a serem novamente imantados, só que em corpos da última geração demo (a de Zeus) que, nessa altura, dominava a situação das “moradas astrais” que envolviam o planeta, e os demais — a maioria — no seio das espécies do género *homo* que então se desenvolviam (*homo sapiens* e *homo neanderthalensis*, dentre outras).

Foi exatamente nesse clima que, sem maiores avisos, viemos a saber, em um dos deslocamentos de monitoração de “espheron”, que algumas “mastlans”, em versões que desconhecíamos, haviam pousado no planeta.

Se algo pôde nos tirar da letargia na qual durante tantos anos estivéramos mergulhados, foi exatamente aquele facto.

Por cerca de 700 anos terrestres as “mastlans” não deram mostras de ter percebido as três referências Val no planeta, mas tanto em Benem, quanto, principalmente, em Ceba, no Sul, situada numa mesma latitude onde uma das “mastlans” havia caído, a prontidão era total, pois, até àquele momento, desconhecíamos toda a história pela qual aqueles seres haviam passado.

“Espheron” também se encontrava no continente do Sul para dar eventual apoio aos que se encontravam alojados em Ceba, caso necessário.

Estranhamente, porém, as “mastlans” não davam sinal de movimentação, e tudo o que pudemos perceber foi que, a exemplo do que tinha acontecido com os Val, quando da nossa chegada, os rebeldes das “mastlans” também estavam “a demorar” a deixar as suas naves, provavelmente por força dos testes de adaptação que, inevitavelmente, estavam a ser feitos.

Sabíamos das “mastlans”, mas os seus ocupantes não demonstravam saber da nossa presença no planeta.

Tempos depois, antes mesmo de qualquer contato estabelecido conosco, uma das “mastlans” alçou voo, e foi atacada pelas forças dos nephelim (**NAT — também conhecidos pela sua denominação na linguagem acadiana como anunnakis**), havendo destruição mútua, o que os transformou em forças oponentes que jamais vieram a compor-se em torno de qualquer objetivo comum até aos tempos atuais — no futuro terão de fazê-lo, pois, até estes tempos, ainda existem grupos resquícios de toda essa história, entrincheirados em bases/satélites estacionários em torno de alguns mundos, bases subterrâneas e intraplanetárias, aguardando o final do processo.

O conflito, ocorrido há cerca de 93 mil anos, parece ter provocado nas duas “mastlans” restantes o efeito de fazê-las “mostrar” a sua força operativa e bélica, pois os seus ocupantes começaram a construir bases estrategicamente espalhadas pelo planeta, como se desejassem demonstrar força ocupacional.

Em menos de quatro mil anos chegaram a construir exatas 28 bases, sendo as principais as de Antlar, no Sul, exatamente onde uma das “mastlans” havia caído na sua complicada manobra de descida, e a de Atlan, próxima à linha do Equador, mais propriamente construída ao longo da costa mais oriental do continente da América do Sul.

Foi nesta última que Yel Luzbel pôs os seus pés pela primeira vez em solo terrestre. Com ele desembarcou todo o quartel-general do que restava do movimento rebelde, composto de 17 seres — além do próprio — e mais 6.011 seres que ocupavam as “mastlans”.

Das 28 bases luciferianas, 19 eram na superfície, em pontos centrais de certas áreas mais elevadas, sendo as demais em regiões que, milênios depois, seriam cobertas pelo avanço do mar, devido ao descongelamento proveniente do aquecimento climático que a Terra atravessa desde há, aproximadamente, 17 mil anos.

**NAT — Calcula-se que a era glacial mais recente — que inclui os últimos 1,5 milhões de anos — pode ainda não ter terminado. Assim, nós estaríamos a viver tão somente um intervalo interglacial, iniciado há cerca de 17 mil anos.**

Compreendendo melhor, foi nessa era glacial, que envolveu o planeta mas, principalmente, a Europa, cujo período mais recente teve início há mais de 500 mil anos, que surgiram os neandertais, segundo os cientistas, descendentes do *Homo erectus*. Eles não eram os únicos humanos que existiam no mundo, pois outros grupos de “erectus” também evoluíram, dando origem, pelo menos, a

mais outra espécie, a dos Homens de Cro-Magnon, mais tarde chamados de *Homo sapiens*.

Entre as idas e vindas de um clima mais frio, alternado com outras épocas mais amenas, há cerca de 150 mil anos teria ocorrido o reinício de mais um dos ciclos da era glacial, quando o nível do mar baixou por volta de 140 metros. Nessa época ocorreram as glaciações, por isso o período é também chamado de Era Glacial ou de Idade do Gelo.

Nos picos da era glacial, a América do Norte e a Europa ficaram cobertas de gelo. No Hemisfério Norte, a glaciação foi mais acentuada (4,5 metros de neve acumulada sobre o solo) do que no Hemisfério Sul.

Há cerca de 25.000 anos tornou a ocorrer mais um período extremamente frio. Chegava uma nova era glacial. Entre 21.000 e 17.000 anos ocorreu o pico máximo do frio. O gelo cobriu metade da Europa. O nível do oceano chegou a ficar cerca de 100 metros mais baixo do que é hoje. Desde então, começou o atual período de aquecimento climático, que tem derretido ciclicamente glaciais milenares, geleiras diversas, o que vem aumentando, gradualmente, o nível dos oceanos.

Enquanto os “recém-chegados”, agora espalhados, construía as suas bases na intenção de dominar a Terra, disputando diretamente com outras equipas já instaladas há mais tempo no planeta, outro panorama estabeleceu-se no planeta. Devido a ele, algumas dessas equipas resolveram retirar-se, o que, por uns tempos, diminuiu a quantidade de conflitos. Mas, qual seria esse novo panorama a que me refiro?

Por essa época, outra estranha componente passou a atuar abertamente na superfície da Terra, cujos seres pareciam vir de dimensões paralelas àquela na qual vivíamos, o que nos deixou, como também aos rebeldes, profundamente surpresos, sem saber como lidar com aquilo.

Foi nessa ocasião que resolvemos mostrar-nos aos rebeldes, pois a nossa origem comum talvez propiciasse-nos melhores condições de sobrevivência. Afinal, os tais seres pareciam belicosos ao extremo e, assim como surgiam, também desapareciam sem deixar vestígios, o que tão somente acrescentava mais um item incompreensível à nossa já avultada coleção de panoramas e situações esquisitas que descortinávamos no planeta.

Já havíamos conjuntamente concluído que Yel Luzbel, mesmo que, possivelmente, soubesse da nossa presença na Terra, nada tinha feito, ao longo de quase 10 mil anos, no sentido de tentar se apropriar de qualquer artefato Val. Se fosse

o caso de ainda nada saber sobre nós, naquela altura dos factos, não faria mais diferença significativa o que pudesse vir a acontecer entre nós e eles, devido às estranhas novidades que, certamente, também a eles preocupavam.

Na mitologia grega, os diversos conflitos e uma espécie de guerra final entre os “titãs e os olimpianos” formam um conjunto de eventos que bem representaria um pouco daquela nova componente que passou a influenciar abertamente o que se passava na Terra, e a causar preocupação aos “capelinos”, “antarianos”, “taucetianos”, “alphacentaurianos”, “pleiadianos”, “sirianos”, “eridanos”, dentre outros, notadamente os nephelim.

Aqueles, vindos dos sistemas de Capela, Antares, Tau Ceti, Alpha Centauri, Plêiades, Sírius, Epsilon Eridani, dentre outros, eram seres que, como nós, os Val, estavam diretamente vinculados ao problema luciferiano e, provavelmente, jamais haviam lidado com vida além das “fronteiras físicas” deste universo. Pelos vistos, os nephelim também não!

A questão singular é a de que todos aqueles “novos colonizadores” ou exilados, que agora viviam na Terra, acabaram por se defrontar com povos absolutamente estranhos, cujas existências se situavam além dos sentidos, tanto dos biodemo como dos seres da linhagem animalizada biodemol, a saber, os descendentes de Ostronomos, os nephelim e o próprio género *homo*, que surgia para a vida no planeta em meio a toda aquela turbulência.

Esse aspeto precisa ser compreendido pelos terráqueos, sob pena de jamais perceberem a amplitude do que a natureza dessa espécie estranha representou para cada uma dessas origens extraterrestres e mesmo extrauniversal.

Simplesmente não conseguíamos absorver o que aqueles seres representavam, e muito menos as confusas situações de disputa, de conflito, nas quais eles invariavelmente se encontravam envolvidos. Apareciam e desapareciam da superfície da Terra como se vindo de portais, pelos quais surgiam e guerreavam, para, logo depois, desaparecerem das nossas vistas.

Somente muito tempo depois, por meio de aspetos que serão posteriormente esclarecidos, foi que viemos a percebê-los como seres do género demo ou demoníaco, porém urdidos em época bem anterior à de todos nós, o que implicava em conclusões que jamais pudemos arquitetar devidamente, ao tempo dos factos aqui narrados.

Perante aquele novo panorama, deixámos o quadro mínimo operacional em Benem e em Ceba, e decidimos voar em “espheron” até à base Atlan, onde Yel Luzbel se encontrava estabelecido.

Talvez, pela primeira vez em nossos psiquismos, algo que poderia ser posteriormente comparado ao que os humanos chamam de “nervosismo” ou “ansiedade” palpitava na nossa sensibilidade, sem que soubéssemos lidar com aquelas sensações.

Há pouco mais de 81 mil anos, os Val e os rebeldes finalmente viram-se frente a frente, num entardecer seguido de um ciclo lunar pleno (Lua cheia), nas areias que se estendiam por toda a Atlan, próxima à linha equatorial do planeta.

Para nossa surpresa, os rebeldes “recém-chegados” pareciam mais atordoados que os próprios Val. Não se apresentaram como “vitoriosos”, agora presentes na Terra para dominá-la, mas sim, como seres errantes que vieram aportar no planeta porque outras opções não possuíam.

O que pensávamos, friamente, que poderia ser um desastre, tornou-se tão somente um reencontro de seres enfraquecidos, muitos ainda extremamente revoltados com Sophia, outros adoentados em grau extremo para os padrões biodemo, sendo um momento a mais de toda uma derrocada existencial num cronograma desesperador que não compreendíamos, mas éramos obrigados a vivenciar.

Na verdade, os problemas entre essas famílias surgiriam muito mais tarde, como produto de uma convivência em circunstâncias que, realmente, em nada ajudaram para que o futuro pudesse ter sido diferente da inquietante realidade que hoje vivenciamos.

Val Amon, o primeiro Val a ter surgido para a vida, e Val Pen, o mais novo da família, convidaram o agora comandante Yel Luzbel e o grupo de seres que lhe era mais próximo a adentrarem “espheron”, enquanto outros tripulantes de uma das “mastlans” convidaram alguns dos Val a se dirigirem ao interior da nave-comando. Os demais se dirigiram a uma das edificações da base Atlan e, por longo tempo, esses três grupos distintos trocaram informações e atualizaram-se mutuamente sobre todo o acontecido.

O grupo que se dirigiu a “espheron” era formado por 218 indivíduos, sendo 75 Yels, 81 Vals e 62 membros de outras famílias.

Yel Luzbel e Val Amon deslocaram-se à frente do grupo, enquanto o último explicava alguns aspetos das adaptações daquela nova versão da “espheron”.

Eu encontrava-me entre os Val da “espheron”, e pude perceber diferenças marcantes em alguns padrões de Yel Luzbel, se comparados àqueles que pude observar, via Processador Val, quando do último encontro entre ele, Val El, Val Gevi e o Codificador.

A coloração da sua pele havia ligeiramente escurecido (antes branco-amarelada, agora branco-acinzentada), os seus olhos movimentavam-se menos, como se psicologicamente não fizesse mais questão de fixá-los, fosse nos objetos aos quais se referia, fosse nos seus interlocutores. O seu corpo, antes exuberante, apresentava agora um padrão de desgaste como se, na linguagem terrena, estivesse cansado e demonstrando portar deficiências e doenças antes impensáveis. Porém, a sua firmeza mental e a capacidade cirúrgica de desenvolver o seu raciocínio pareciam intactas, se não mais contundentes ainda.

Na hierarquia que passámos a perceber à sua volta, Len Mion parecia ser o “segundo em comando”, sem que apresentasse, para tanto, as mesmas credenciais mentais de outros que pertenciam à hoste que se formara em torno da figura de Yel Luzbel.

Yel Am era uma das mentes mais bem dotadas da família Yel, e sempre tivera com Yel Luzbel a mais harmónica das parcerias; deveria ser, naturalmente, o “segundo em comando”, se comando precisasse existir.

Entre os Val, por exemplo, não havia comandante, e ninguém jamais sentira essa necessidade. Existia, naturalmente, a figura do responsável, do executor, daquele que coordenava cada processo necessário ao bem estar do grupo. No caso das decisões mais complexas, essas eram avaliadas por um Conselho, cujos membros sofriam constante rodízio.

Quando nem o Conselho Val lograva boa perspectiva discursiva e decisória sobre alguma questão, a família era convocada, e o tema era colocado para deliberação conjunta. Em toda a nossa história jamais tivemos qualquer problema nesse campo.

Entre os assumidamente rebelados, porém, o clima que se criou foi outro bem diferente do que existia no seio das famílias biodemo, todas elas bem semelhantes entre si nesse mister, com exceção de umas poucas que já nasceram como que “alteradas” nesse quesito comportamental, se comparadas à grande maioria das espécies da nossa linhagem.

Yel Am e alguns poucos que se aproximavam de Yel Luzbel na tentativa de ajudá-lo com o peso de um comando jamais sonhado por nenhum deles, pareciam ser os mais lúcidos para avaliar aquele contexto inusitado que todos estávamos a viver.

Estranhamente, a família Mion era uma das mais “alteradas”, mesmo antes da eclosão da rebelião, e Len Mion, apesar das suas melhores intenções, aproximava-se de Yel Luzbel e se comportava não com a mesma disposição dos demais, mas sim, com a frieza mental absolutamente voltada para a radicalização, a contundência e a ausência de certa flexibilidade no trato com “o outro lado da história”, fosse esse Sophia e as suas hostes, fossem aqueles que se afastavam do fluxo do movimento, aos quais ele logo taxava de traidores — como havia ocorrido no episódio dos Val — ou qualquer outra sorte de seres ou eventos que pudesse, a seu juízo, ameaçar ou desviar a rota pretendida.

Bem intencionado como ele era, não foram poucas as vezes, contudo, em que sinceramente recuou, voltando atrás em muitas posições, reconhecendo-se equivocado repetidas vezes. Mas era aquele que se exaltava sobremaneira e mais ativamente participava de todas as questões e decisões.

Sempre que ele se movimentava, arrebanhava consigo grupos diversos cada vez mais numerosos, o que apontava para alguém que queria ser líder, quando nem mesmo o próprio Yel Luzbel fazia questão de sê-lo.

Estranhamente, Len Mion havia sido daquele modo desde os primeiros momentos, em que se vislumbrava apenas a “questão virótica” como sendo o problema que afligia a todos nós, não se justificando o seu engajamento mental nos moldes em que sempre se expressou. Ele sequer estudava o assunto, e a sua família não era dada a maiores buscas nesse sentido.

Contudo, ele sempre foi o mais fervoroso defensor da exigência dos devidos esclarecimentos por parte de Sophia, os quais, por sinal, jamais vieram.

**NAT — Mais estranho e misterioso ainda é perceber que esses esclarecimentos estão a surgir como desdobramentos dos factos atuais, mas não porque alguém da hierarquia, oficialmente, tenha decidido prestá-los.**

Na época do reencontro, muitos eram os seres nervosos em relação à absurda ausência de qualquer esclarecimento da parte das hostes de Sophia e dele próprio. Esse aspeto da questão mais e mais aumentava com o passar dos tempos. Muitos, dentre os quais Len Mion, alertavam que toda aquela questão havia sido provocada por Sophia, pelo modo como ele conduziu um problema que era tão somente de

“pesquisa”, de “ciência”, no seu comportamento e no da sua hoste, que nada produziram no sentido de esclarecer ou de desenvolver estratégias que conduzissem a um entendimento qualquer.

Ainda que ensimesmados e cansados pelo lento desenrolar de um processo que parecia levar a lugar nenhum, aqueles seres ali se reencontravam, observando-se mutuamente e, inevitavelmente, reconhecendo quantas mutações mentais irreversíveis haviam acontecido com todos eles, as quais não tinham mesmo mais retorno. Todos estavam algo — ou muito — mudados! Naquela oportunidade, após as saudações de praxe, agora ressaltadas em alguns aspetos, devido ao longo tempo de separação entre aqueles seres, muitas impressões particulares sobre os problemas ocorridos em Antares foram ali expostos, ao mesmo tempo em que as destruições de “asphezian” e “espherian” foram amplamente lamentadas.

Aquela era a grande desgraça de toda a história. “Jamais deveria ter acontecido” — comentavam. Era como se a mão invisível de um temor, até então desconhecido, tivesse dominado as mentes envolvidas no problema luciferiano, com o tenebroso objetivo de diminuir as potencialidades dos seres biodemo e de danificar as suas sensibilidades e os seus programas pessoais e coletivos.

O acúmulo de tensão e a perda da capacidade de comunicação haviam sido fatais para que tudo terminasse daquele modo.

Yel Luzbel interferiu em algumas participações, como se “trazendo os temas abordados” para uma compreensão útil por parte dos Val, no sentido, quase sempre, de demonstrar que o equívoco da acusação de traição a eles endereçada teria tido o benefício de poupá-los em relação a tudo o que os demais passaram.

Em certo momento, Yel Luzbel se referiu ao Processador Val:

— Muitos dos nossos feneceram, pelas nossas próprias atitudes indesculpáveis e, no seio da deserção que fomos obrigados a assumir, percebemos que não necessitamos de outros para que o prejuízo seja criado e vitime a nós mesmos. Temos que aprender com os eventos; afinal, foram 34 conflitos e mais uma grande conflagração. Pelos caminhos tortuosos dos nossos desacertos, uma falsa acusação dirigida aos Val os poupou dos sofrimentos daqueles dias, o que permitiu que o “Processador das contribuições mentais e sintetizador das vivências dos seus membros” seja, agora, o único ponto de apoio que, doravante, com a aquiescência deles, possa nos apadrinhar. Nada mais temos para nos parametrizar, que nos possa redimensionar as atitudes e a busca de novas conquistas. Até agora, nada ganhámos; somente adoecemos e, ao que parece, estamos mais afastados uns dos outros,

desconfiados, isolados, desassistidos, impossibilitados de sabermos sequer o que se passa além do que podemos perceber. Perdemos, ainda, os Processadores que cada família da linhagem recebeu, perdas das quais agora prestamos contas perante a nossa própria consciência, como tendo sido nós mesmos a destruí-los, com a desagregação que resolvemos assumir. Adoecer, adoecemos, e parece ter sido eu o deflagrador desse processo, pelo que lamento. Se fui engendrado para existir e isso fazer, maldigo, eu mesmo, o facto de ainda existir. Contudo, adoecer não precisa ser sinónimo de sermos os criadores da maestria do desacerto, da ausência de rumo, da inexistência de qualquer sentido. E não vos posso enganar: esforço-me bastante para não me “sentir” dessa forma, que me era desconhecida até que isso me dominasse a mente.

Mesmo os Processadores que permaneceram com núcleos não doentes de algumas famílias não mais operam, por conta da desagregação, da ausência da massa crítica original dos seus membros. É o fim da nossa linhagem! De tudo isso somente resta o dos Val, que Val Amon, em nome de todos, nos ofereceu para que tentássemos uma “reparametrização” das nossas mentes, como forma de reordenar produtivamente o código de vida de cada um de nós e das nossas famílias. Sem o Processador não há como procedermos, o que nos destina à extinção que nos toca em toda esse episódio, e penso mesmo ser o melhor. Dou por finda a minha jornada pensante, mas não sei como me autodestruir, nem tenho programação que isso me permita. No entanto, gostaria que isso me fosse possível, tamanha é a escravidão do ter que existir que me pesa sobre o ser.

— Permita-me, ó Yel Luzbel, — apartou Ion Crom, membro da família Crom ou Cromon — Nunca lhe afirmei o que agora pontificarei, e jamais um Crom faltou com qualquer um dos que lhe são leais, ó comandante, e não haverá um tempo em que faltarei com aquele a quem devo o descerrar da cegueira da minha percepção. Alinhámos a nós todos com os seus postulados científicos porque, simplesmente, eles estão corretos. Não foram respostas a teses propostas, mas tão somente indagações nunca anteriormente apresentadas, todas elas pertinentes, e nisso não pode haver erro, pois faz parte da nossa jornada. O “vírus” que disso surgiu não pode ser produto da sua busca nem da nossa, mas sim, do misterioso processo que a tudo isso criou, e esse processo, sim, é que deve conter sujeiras e descontinuidades doentias e apodrecidas, que vêm à tona quando nelas se põe o foco da atenção. Nada mais do que isso penso ter acontecido, e nisso você, como nós, não tem responsabilidade alguma. Aquele, que possa tê-la, maldito seja por ser o motivo desse escândalo de dores e de dificuldades que agora nos atormenta, como se tivéssemos nascido para a mais podre forma de existir, que é essa que agora nos envolve. “Escravidão”, você bem ressaltou. Confesso jamais ter pensado nisso antes, e agora, que começo a nisso pensar, mais me

alinho com os seus pensamentos, ó Luzbel, porque você é um libertário de si mesmo, que jamais tentou dominar qualquer mente a não ser a que lhe é própria. O seu comportamento irrepreensível sempre esteve demarcado no processador dos Yel, como estímulo aos que, dentre vós, ainda não tinham atingido as marcas de conquistas mentais alcançadas por você. Não pense em deixar de ser o que você é, ó Yel Luzbel, porque, ainda que a sua luz pessoal possa um dia enfraquecer, pelo inusitado dos problemas advindos do passo infável dado pela sua percepção, ela jamais se apagará, porque permanecerá viva em cada um de nós que resolveu lhe seguir, não por lhe desejar líder, mas por ver em você um exemplo de conquistador da sua própria luz. Jamais eu ou qualquer outro Crom se voltará para você sem que seja para lhe homenagear, agradecer e dispor-se a dar de si o que de melhor puder ser produzido, em benefício da sua tranquilidade pessoal. Sou “um seu escravo” livre, e essa noção que agora edifico também poderia tê-la em relação a Sophia, que, do mesmo modo, parece nos escravizar para outro fim, que deve ser estranho até mesmo ao seu psiquismo, pois, como você, ó Yel Luzbel, ele também não se impõe como elo problemático na corrente da existência. Mas ele não se liberta, nem nos liberta; você, porém, libertou-se e nos serve de exemplo. Não a Sophia e ao que ele representa, seja o que for; Sim ao meu comandante, que sei ter agido com honra e lealdade para com todos.

Os poucos membros Cromon presentes entoaram uma espécie de recital de poucas expressões, peculiar aos seus hábitos culturais, ratificando a manifestação de um dos seus membros, enquanto Yel Luzbel, desalentado, olhava fixamente o solo de “espheron”, como se ali estivesse enterrado todo o mistério do que estava a acontecer com aqueles seres, cujo comportamento, às vezes, transcendia o desespero, e mais não produzia por ausência de possibilidades, característica do tipo de psiquismo que lhes marcava.

Aproveitando-se do silêncio de Yel Luzbel e dos demais, Len Mion reportou-se aos factos daqueles tempos enigmáticos:

— De facto, ó Yel Luzbel, não há corrigenda em nada do que você pensou, expressou e fez. Os equívocos foram nossos, meus e de outros, que cobrámos além da conta uma organização entre nós que nos levou a nos autodestruirmos. Mas não veio de você nada que nos levasse a isso. Apenas cobrámos alinhamento e fidelidade daqueles que provocaram muitos eventos, e depois se eximiram de ter responsabilidades e assumir as consequências, pois, se um da nossa linhagem falta com a verdade, melhor é que seja destruído, para que o todo não seja obrigado a manter no seu seio o elo da corrente que, no futuro, a todos trairá com o desenrolar dos factos. As mutações sofridas por todos nós, para as quais não estávamos

preparados, foram elas, sim, que, em atormentando o nosso já atordoado psiquismo, explodiram em fúria destruidora, coisa que não conhecíamos.

Jamais havíamos sentido aquilo: o querer destruir alguém! Mas sentimos e o fizemos, porque eles, os que feneceram, também sentiram isso, e nos confrontaram numa luta vazia, hoje o reconheço. Mas não fugi à luta nem o farei. Por mim mesmo nada percebi do que você habilmente tomou consciência. E tomar consciência é uma verdade, enquanto que, a dúvida verdadeira, sem resposta adequada, sempre permanecerá vibrante na mente honesta. E nós todos fomos e somos honestos, apenas fomos violentados com sensações com as quais, o psiquismo que possuímos, jamais soube lidar. Defendemos o que julgamos ser o correto, e ainda que todos vocês, a quem estimo e admiro, parem, eu não me deterei, porque assumo como minha a verdade que descobri vinda do seu tirocínio. Não tenho mais como extirpar a percepção do alicerce podre e injusto que sustenta o que somos obrigados a administrar com o nosso esforço existencial. Nunca um ser da nossa linhagem havia fenecido anteriormente ao surgimento desse efeito danoso que ataca as nossas mentes. Mas desconfio que o dano não está no algoritmo que você criou, ó Luzbel, mas tão somente em nós mesmos, no modo como fomos urdidos, que permanece misteriosamente inexplicado, e tivemos que nos acostumar a isso. Em nós é que deve residir o problema, e não no corpo mental do pensamento gerado por você, ó Luzbel. E estando correto o pensamento, se ele causa problema a outrem, é noutra que o problema reside, porque honesto o pensamento é. No modo como fomos criados, ou a partir do que nós fomos originados, é nisso, aí sim, que deve residir o problema. Não me deterei na busca dessa resposta, ainda que o que está desonestamente invisível me consuma, agrida o meu senso, sem que eu perceba quem me agride! Isso, sim, é injusto e errado. Não somos a pior parte desse contexto, ó Yel Luzbel, isso eu sei e isso me basta. A você a minha lealdade!

NAT — Perceba o leitor que, em certos momentos as palavras, “constrangimento” e “vergonha” caberiam como uma luva para bem expressar as ideias constantes das frases. Mas o problema reside no facto de que, até este ponto da história, nenhum ser dentre os aqui citados havia despertado algoritmos mentais referentes a essas disposições psíquicas. Até hoje, o género demo não sabe o que é sentir vergonha ou causar constrangimento. Diferentemente das personificações humanas que esses seres produzem, como Jesus e Sai Baba, por exemplo, que passaram por humilhações e constrangimentos de todos os tipos, as suas porções demo estão somente agora apreendendo o significado disso. Infelizmente, o terceiro personagem da “lila” (Brahma/Javé) parece não fazer a mais remota ideia do que isso significa, tanto que pertence a ele o peso imposto sobre as duas personificações referidas, que

foram por ele “violentadas” de acordo com as “jogadas da lila”, como se isso levasse a algum resultado produtivo. Enquanto isso, todos sofrem, inclusive o próprio causador do drama coletivo. Afinal, um monstro jamais achará vergonhoso qualquer coisa que faça ou venha a fazer. “Humanizar esse monstro” é o que pretendem as “jogadas da lila” — entenda quem puder.

Yel Luzbel não havia modificado por um momento sequer a fixidez do seu olhar. Ninguém, ali, estava a sentir-se confortável. E se existia um ser, dos que ali se encontravam, que não queria estar na posição em que se encontrava, esse ser era Yel Luzbel.

Disse ele por fim:

— Sim. Do meu pensamento surgiu o verme mental que desassossega a quem com ele interage. Mas isso, realmente, é tão somente uma doença que, dependendo de como a possamos gerir, pode ser produtiva ou deletéria. Assumo em mim esses dois aspetos: “sinto” a minha mente mais ampla, como se a cada momento eu crescesse em entendimento — e isso me é novo — ao mesmo tempo em que cuido, sim, da inquietação que me invade por descobrir o que está por trás do que passo a perceber, a enxergar, e aqui vejo o problema que aflige a minha mente. Cuido desses dois novos aspetos com os quais jamais lidei em toda a minha existência. Contudo, o que de deletério veio a existir, não pertence à doença, mas tão somente à nossa incapacidade de administrá-la, o que é outra questão. É daqui, das nossas atitudes consequentes ao que de novidade se faz presente nas nossas mentes, que surge o despropósito das atitudes belicosas e intolerantes, que faz cessar o contraditório, as diferenças. Mas não pela lógica irretorquível da razão, e sim, por meio de destruição e da exclusão, o que revela a bestialidade somente vista até agora entre os irracionais. Isso precisa parar! Essa não é a nossa intenção. Isso não sou eu, nem vocês. É algo monstruoso que se quer revelar através de nós, e somos nós que temos que “adoecer”, quando esse algo monstruoso é que está doente. Por não suportarmos, adoecemos! Isso precisa parar. Precisamos crescer em entendimento para melhor lidar com esse aspeto das nossas vidas, que agora parece ser inevitável. Ajudem-se, ajudemo-nos uns aos outros, somos instrumentos de uma monstruosidade que talvez Sophia não nos queira ou não nos possa dizer, o que não significa que ele esteja a agir acertadamente.

Mas ele nada nos fez de mal, isso repetirei sempre. Não que eu o homenageie por isso, mas não posso responsabilizá-lo por nada. Ele não nos prometeu coisa alguma. Afinal, pouco sabemos sobre quem ele é, e quem somos nós! Ele é que deixa transparecer saber quem somos nós, coisa que não devia fazer, porque isso, por si só, para nada vale, a não ser se disso ele se utilizasse para nos dominar. Mas não é essa a

questão. Será que somos produtos de uma experiência que, de outros níveis impensáveis para nós, está sendo feita, e somos os simples instrumentos e, ao mesmo tempo, resultados disso tudo? Será que é por isso que ele veio ter conosco e mantém a sua origem misteriosa perante o nosso conhecimento? Observem que perguntas desse nível somente as fazemos agora, depois da doença que me acometeu a mente. Antes, jamais as fizemos; aceitávamos complacentemente tudo o que Sophia expressava. Por que tamanho mistério? O seu silêncio é sintomático, mas relacionado a qual tipo de segredo? Mas boa coisa não poderá ser, pelo que temos sido obrigados a sentir e pela sua atitude. Decidi por me apartar para não contagiar a ninguém com o que de mim emana, e o fiz pelo bem de todos. Nem Sophia, nem as suas hostes demonstraram qualquer apoio, apenas me contradiziam e nada explicavam, e tão somente me pediam para abafar em mim o que já se encontrava desperto. Estavam eles certos? Mas se estavam, como eu poderia aniquilar em mim o que surgiu vindo de uma percepção? Que responsabilidade posso ter tido por existir, sem que tenha sido eu a providenciar essa existência? Por perceber, sem que tenha sido eu que me propus a isso? Enfim, por não “abafar o impulso mental consequente à percepção”, se jamais fui adestrado para tanto? Onde falhei? Onde falhámos nós, os que se contaminaram com o algoritmo do despertar da nossa linhagem? Parece não existir retorno! Sucumbir ou resistir a essas circunstâncias da doença e do exílio parece ser a única opção primária que nos resta. Não sei como sucumbir, embora a sensação de que isso me seria melhor já faça parte de mim; apenas não sei realizá-lo. Resistindo a tudo isso, não sei a quanto chegaremos. Ajudem-se!

Muito mais foi dito, e daquele encontro surgiu a tese de que todos deveriam dirigir-se a Benem, como sendo uma espécie de primeiro passo para a tentativa de “ligação” com o Processador Val da parte de cada um daqueles seres.

Foi desse modo que uma verdadeira peregrinação de equipas seguiu posteriormente para Benem, com o objetivo de tentar aceder o Processador, tentativa que se revelou lastimável, pois nem mesmo Yel Luzbel, Yel Am e Len Mion conseguiram qualquer relação de sintonia com o precioso artefato.

Com o tempo e após tantas tentativas frustradas, percebeu-se que ninguém conseguia mais acedê-lo, nem nele ter as suas emanções plenamente registadas, porquanto somente algumas, e de alguns poucos seres, é que conseguiam a tão preciosa guarida. Tudo aquilo estava a acontecer provavelmente devido à quantidade impensável dos tipos de mutações pelos quais todos nós havíamos passado e estávamos a passar em ritmo acelerado. Mas, porquê “preciosa guarida”?

Desde que passámos a existir até àquela altura dos acontecimentos, em que éramos agora “párias cósmicos” vivendo em lar alheio ou “de ninguém” (ou “de muitos”, dependendo da ótica da qual se parta), simplesmente não tínhamos a mais remota ideia sobre o pano de fundo espiritual que envolvia a existência nas suas mais variadas formas de expressão.

Quando surgimos nos casulos de “asphezian”, o Processador Val já existia, fazendo parte integrante daquela nave. Com o tempo, fomos nos adestrando na arte de manuseá-lo e mesmo na de redimensioná-lo, embora jamais viéssemos a compreender a essência daquela criação. Para nós, era uma dádiva advinda de seres desconhecidos que eram chamados de criadores da vida, dos quais Sophia e o Codificador pareciam ser representantes potencializados na faixa universal.

Essa noção, para seres biodemo programados, como era o nosso caso, era palatável e a considerávamos como algo normal — e é importante que os humanos compreendam esse aspeto.

O que aqui afirmo para os Val também vale para as demais famílias do género biodemo.

Assim, a nossa chamada “Inteligência Central” ou “Processador Central” sempre representou, para nós, o fator resultante do que cada uma das mentes da espécie Val apreendia e repassava a esse “processador de informações mentais”, que era sustentado, conscientemente, pela “vontade mental” de cada um e de todos nós. Era como se a nossa deferência para com aquele Processador fosse a maneira de velarmos por cada um e por todos os membros da família, e o mesmo respeito tínhamos para com os Processadores das demais famílias.

Não possuíamos a noção do “sagrado” ou “de coisa sagrada” como vocês na Terra usualmente possuem, mas se algo pudesse se aproximar desse conceito, para nós seria o “processador familiar”.

Tudo o que na cultura terrena se possa imaginar como sendo equipamento hospitalar, psicológico, psiquiátrico, de manutenção da natureza demo-biológica, oficina reparadora e recicladora de circuitos mentais e corporais, laboratório de análises clínicas, leitora de genes, máquina habilitada a substituir genes e sequências genéticas, apontadora de diagnósticos de diversos tipos, biblioteca-videoteca-dicionário-enciclopédia digital, checagem de vivências pessoais e alheias da mesma família, tudo isso, enfim, era o que o Processador representava para cada um de nós.

Na atualidade, o “Processador Val” é o mais avançado dos poucos que restaram entre as famílias da nossa linhagem, porque, dos biodemo, é o único operante e multidisciplinarmente rico, tendo sido posteriormente acrescido com as vivências humanas de alguns dos seus membros.

A “guarida preciosa” a que me refiro é porque os biodemo sempre foram condicionados a esse tipo de interação com o Processador, do mesmo modo que, atualmente, os humanos da Terra são convidados a descobrirem em si mesmos “algo mais profundo”, o que corresponderia ao “eu espiritual”, em linhas gerais.

Os biodemo — ainda que dotados de alma, hoje o sabemos — não poderiam, com a sua natureza, “acreditar” ou serem levados a desconfiar de que possuíam uma alma. O Processador, provavelmente, cumpria a função de, talvez, substituir esse pano de fundo, jamais observado pela natureza que então nos marcava o psiquismo.

Lembrem-se: não tínhamos consanguinidade, não tínhamos a noção de pai e de mãe, nem muito menos de “deus”, nem de “amor” nos moldes que os terráqueos agora conhecem. Sempre fomos destinados, pela nossa genética, a comportarmo-nos daquele modo, e as nossas próprias interações pessoais também faziam parte dessa receita. O “tempero” dessa receita genética é que fomos modificando ao longo de todos esses milénios a cada mutação que, as mais das vezes, de modo inconsciente, estávamos a imprimir em nós mesmos.

O Processador era o “local quântico”, a “fonte e destino da receita” e das modificações dos temperos pessoais, singulares, que cada membro de uma família produzia. Era a matriz onde nos encontrávamos unidos, em convergência plena, transparentes, sem segredos pessoais, alinhados com os princípios e os propósitos da família. Daí estranharmos os “mistérios e os segredos” de Sophia e dos seres que o acompanhavam.

E assim seguiu a vida dos exilados vindos de Capela, de Antares e de tantas outras origens, agora divididos em grupos de trabalho e de sobrevivência situados nas bases Val e nas dos seguidores de Yel Luzbel, espalhadas pelo planeta. Muitas mais que haviam sido programadas foram efetivamente construídas, mas outras tantas não puderam sê-lo, devido tanto a uma série de problemas que serão abordados adiante, como por força das confusas disputas que os “rebeldes” tiveram com os nephelim e alguns núcleos demo que vivam além das fronteiras terrenas. Contudo, as suas sedes situadas nas bases Atlan e Antlar eram as mais importantes, porque tinham relação direta de suporte e de apoio com as “mastlans” que ainda operavam.

As bases de chegada, construídas pelas duas grandes levas de seres deslocados em função da rebelião de Yel Luzbel eram, agora, o novo adorno que surgia na Terra, como se a ostentar a última trincheira do movimento rebelde. Nelas estava representado o último bastião do que um dia fora um simples “mal-estar mental de um ser” detentor dos melhores predicados dentre os da sua estirpe.

Benem, Ceba, Atlan, Antlar, “espheron” e duas “mastlans com problemas”, além das diversas outras bases luciferianas que estavam a ser construídas, era “tudo” o que, por volta de 75 mil anos atrás, restava do processo rebelde. Não mais do que cerca de sete mil rebelados jornadaando na superfície da Terra.

Todavia, o que a rebelião propriamente não havia conseguido fazer, ainda que na grande escala dos conflitos entre os rebelados havidos em Antares e alhures, a convivência entre eles nessas bases agora se faria em escala aparentemente menor, só que num grau de distorção existencial jamais visto.

De facto, sem que o soubéssemos na época, alguns bilhões de espíritos já libertos dos corpos biodemos estavam a ser ajuntados nos ambientes espirituais da Terra, pois não haveria mesmo outro lugar para congregá-los.

Afinal, o “foco mental” desassossegado da rebelião agora encontrava-se na Terra e, portanto, aqueles que feneceram por entre as doenças terminais (cânceres de diversos tipos, dentre outras), no meio dos conflitos — nas explosões nucleares e por força da contaminação de fluídos que foram inescrupulosamente utilizados na hora do “maior fervor” entre os exaltados (um tipo de guerra química) — continuavam vinculados por meio dos novéis sentimentos da mal querência, do ódio nascente e da perversidade desnecessária; enfim, do vulcão de posturas psíquicas até então desconhecidas pelos biodemo.

O aspeto mais danoso, porém, de todo aquele nascente ímpeto de ainda produzir desdobramentos em torno da impressionante mortandade entre os biodemo era o recém surgido “desejo de vingança”. E todos os fenecidos, cujos espíritos foram afetados por conta do processo rebelde, passaram a ser portadores dessas novas sensações deletérias. Hoje, sabemos que todos eles foram trazidos, em diversos “comboios espirituais”, para a “psicosfera terrestre”.

O que toda essa nova “vitrine de comportamentos bestiais” teve ou tem a ver com o vírus mental de Yel Luzbel é questão que, no futuro, talvez possa ser melhor aferida. Tudo o que hoje se sabe é que a Terra recebeu o fluxo convergente final de todo esse processo, que está longe, muito longe, de ser finalizado.

Muitas “regiões espirituais” tiveram que ser, então, criadas para dar guarida a tantos seres desesperados. Contudo, a vinda desses espíritos não pôde esperar para que tudo fosse construído para melhor recebê-los. Devido a problemas que, talvez, no futuro possam ser melhor explicitados, simplesmente eles tiveram que vir — é o que hoje vislumbramos, em termos da percepção que os Val presentemente detêm sobre a questão — e parece que, até os tempos atuais, a “desarrumação de então” não conseguiu ser devidamente ordenada.

Pelo que desconfiamos e hoje podemos aferir, jamais houve a necessária quantidade de trabalhadores espirituais, com a qualidade mental requerida, para cuidar do acúmulo deletério que passou a ocupar as regiões primárias da espiritualidade terrestre.

Desculpem a pobre analogia, mas é como se tivesse havido falta de médicos, enfermeiros, psicólogos, policia, hospitais, delegacias e demais instalações para que se pudesse bem receber tantos seres enlouquecidos.

Talvez por isso, além de ter se transformado num mundo de expiação e de provas, como aprendemos a assim classificar a situação do planeta desde a codificação espiritual do século XIX, a Terra foi mesmo transformada no maior manicômio cósmico de que se tem notícia até o atual momento universal.

Se as coisas já não andavam muito bem para o lado dos exilados, o que era inquietante, piorou ainda mais, quando, há 74 mil anos, o hoje chamado monte Toba entrou em erupção, causando uma sequência de cataclismos que obrigou o quartel-general luciferiano a repensar a sua situação na Terra.

# O Processador Val

Sob certo aspeto, os três subgrupos que surgiram como desdobramento daquele momento histórico singular, quando do reencontro dos Val com os rebeldes que chegaram nas “mastlans”, definiram muito do que viriam a ser as páginas de uma etapa algo recente, ainda desconhecida pela humanidade.

De cada uma das três “reuniões” desdobraram-se inúmeros grupos de trabalho, congregando membros das suas fações que agora se reencontravam.

O aspeto surpreendente é que, por um tempo, o reencontro teve um efeito inesperado: em vez dos prováveis conflitos e dissensões que poderiam surgir, pelo menos, naquele momento, uma espécie de acordo de convivência produtiva foi assumido de todas as partes, o que foi mesmo inesperado para todos que, confessadamente, o firmaram.

O estranho sentimento de “satisfação” da retomada da convivência pacífica e produtiva, em plena desgraça em que vivíamos, parece ter sido tão marcante entre os Val, que sequer mais lastimávamos as destruições de “asphezian” e “espherian”.

Aquelas naves, por maravilhosas que fossem, naquele momento representavam fortemente as recordações que pretendíamos não mais ter de Sophia e das suas hostes, sob cuja tutela vieram elas a serem-nos entregues, como sendo os complementos para a nossa existência.

Por outro lado, era-nos tão surpreendente o nível que atingiram os conflitos entre as estranhas raças de seres, que se potencializavam aqui e acolá na Terra, vindas através de portais, que passámos a questionar-nos o que, afinal, representávamos na arquitetura dos factos da vida, e quem eram, por fim, aqueles seres que se agrediam nos moldes em que, conforme viemos a saber mais tarde, também tinham ocorrido na conflagração em Antares, no início do movimento rebelde.

Eram seres com diversas cabeças e incontáveis membros, olhos desconexos em suas fronteiras, de formas animais, semelhantes a algumas das espécies que conhecíamos na natureza terrestre, e outros tantos aspetos para os quais não possuíamos classificação possível.

Aqueles seres não eram amistosos como Ostronomos e os seus descendentes, que faziam parte do planeta. Aquela malta multifacetada como que deformava o mundo com o qual estávamos a habituar-nos, e parecia pertencer a outro universo que não o que os Val conheciam.

Muito mais tarde viemos a saber que aqueles seres detinham a capacidade de migrar entre dimensões distintas, coisa de que jamais desconfiáramos. E, para nosso espanto, o grupo Val, vinculado ao processador, **detetou a “assinatura da mente” de três dos nossos, há muito fenecidos, entre aqueles seres dos portais**, cujo nível de “materialidade” era diferente não somente do padrão biodemo, como, também, das diversas outras espécies da natureza terrestre.

O que mais nos impressionava era o impulso destruidor, a falta de qualquer consideração para com a vida nas suas expressões mais simples, por parte daqueles seres. É como se fossem — até mesmo comparados a nós, os frios seres da linhagem biodemo — destituídos de valores que norteassem as suas atitudes. Estas, simplesmente, eram monstruosas ao nosso juízo. Foram esses os registos feitos, naquela época, quanto ao que fomos descobrindo a respeito dos seres dos portais.

Por muito tempo acompanhámos aquelas três consciências Val, agora “nascidas” para aquela raça no seio da descendência dos seres, conhecidos no âmbito da mitologia grega, como sendo Zeus e Poseidon. Val Dimon surgiu como ser primogénito de Zeus e Val Anen e Val Bon como rebentos de Poseidon.

Jamais fechámos a questão quanto ao nosso nível de entendimento sobre essas ocorrências, que passaram a repetir-se cada vez mais, à medida que os seres biodemo — não somente os Val, hoje sabemos — iam fenecendo e tinham as suas consciências migradas tanto para as multifacetadas espécies da família dos seres dos portais, como para a espécie *homo sapiens*.

Os nossos registos apontam, nos tempos em que estou a produzir estas notícias junto ao meu suporte humano que, entre 75 mil e 24 mil anos atrás, muitos seres biodemo migraram as suas consciências para a família dos seres dos portais. O interessante é que nem todos os fenecidos “apareciam” ou passavam por Val-Ha. Após esse marco temporal, houve uma interrupção brusca; porém, a partir de certo momento, o que havia acontecido há muito tempo atrás tornou a ocorrer, quando muitos dentre nós, ao fenecer, viram-se com as suas consciências agora transmigradas para o seio dos humanos da Terra.

Na época, porém, em que aqueles estranhos eventos estavam a ocorrer, apesar da percepção da “assinatura da consciência particularizada” de muitos Val — no início

somente notávamos as migrações das “consciências Val” — não nos era dado compreender muito mais.

Tentámos, inclusive, um contato direto com Val Bon, agora na sua feição de ser dos portais, pertencente ao clã de Poseidon, mas o receio de um conflito bélico fez abortar a tentativa, por conta de uma possível “explosão de fúria” sua — aspeto que jamais apresentara antes, como Val — perante “aqueles intrusos”.

Não conseguíamos compreender de onde e como surgira aquele impulso doentio, que parecia arrastar todas as formas vivas para a desgraça da destruição mútua.

Os luciferianos, dotados de mais naves, tanto em termos das “mastlans” como dos artefatos menores de deslocamento — que, naquele tempo, possuíam em grande número — ousaram mais do que os Val, já que optámos pela prudência, e mesmo, isolamento.

Foram eles, porém, que, devido ao fluxo constante dos seus navegadores e construtores entre as bases em construção nos diversos quadrantes do planeta, descobriram alguns grupamentos humanos — sim, humanos — vivendo em ilhas na região do atualmente chamado Oceano Pacífico.

Eram homens e mulheres pacíficos que, mesmo sem apresentar o nível de senso crítico e de razão filosófica — como a minha contraparte humana, que me permite a produção destas notícias, costuma assumir como parâmetros adequados à reflexão de vanguarda sobre o que agora se revela — demonstravam possuir natureza humana nos padrões bem semelhantes aos que atualmente marcam a espécie.

Aqueles grupos, formando pequenas cidades, já existiam há milénios. Conforme viríamos a saber, somente muito mais tarde, haviam sido “adestrados para a vida produtiva” por descendentes de Ostronomos.

Novamente o nosso grupo de pesquisa, cujas mentes se encontravam vinculadas de modo especial com o Processador, **detetou a presença de mais quatro Val há muito fenecidos entre aqueles humanos.** Mas, naquela altura, como já explanado, esses eram casos raros.

Por longo tempo, membros dos Val, dos Yel e de outras famílias, até mesmo por curiosidade, mantiveram contato aberto com aqueles “grupamentos homo”, até que cataclismos diversos, que foram se sucedendo, impediram a sua continuidade. De todo modo, pelo que pudemos perceber muito posteriormente àqueles dias, a genética que

os marcava não prevaleceu, provavelmente devido às extinções sucessivas que tiveram lugar nos últimos 75 mil anos da história planetária.

As nossas atividades eram incessantes, pois, no modo de vida que levávamos, não havia sentido em “voltar para casa no fim de cada dia”. Para o nosso psiquismo as coisas não funcionavam dessa maneira, já que a vida, para nós, era um padrão contínuo jamais interrompido, a não ser pelos períodos de hibernação, quando fosse o caso.

Repentinamente, passámos a conviver com uma sequência interminável de terremotos e maremotos que provocavam ondas de grande magnitude e em larga escala, destruindo muito do que os seres biodemo e de outras origens haviam edificado no planeta.

O processo era tão violento que mesmo os seres demo, vindos dos portais — **NAT – Parte dos chamados “deuses” das muitas mitologias que compõem a cultura ancestral da Terra** — se ausentaram da superfície da Terra, passando alguns poucos milénios sem aparecer, no que fizeram bem, pois a mortandade avassaladora no seio das espécies que viviam ou se encontravam na superfície aumentava sobremaneira com os problemas tectônicos de alta magnitude.

Tudo piorou, porém, com a explosão vulcânica mais aterradora que presenciámos, desde a nossa chegada à Terra.

NAT – Há cerca de 74 mil anos teve lugar o que os cientistas apontam como sendo a quarta extinção em massa no seio da natureza terrestre. Ocorreu o maior cataclismo desde que o *homo sapiens* existe: a erupção do monte Toba, em Sumatra, num padrão cinquenta vezes mais poderoso que a do Krakatoa, que foi de cerca de duzentos megatons, no ano de 1883. O evento vulcânico e os seus desdobramentos provocaram mais um “microperíodo” de intensa era glacial, de aproximadamente um milénio, ocasionando a extinção de incontáveis espécies e adiando, também, a colonização dos demais continentes pelos nossos ancestrais africanos.

Os Val até que já se encontravam algo adaptados aos movimentos abruptos e cíclicos da natureza terrestre. Mas os “recém-chegados” seres biodemo assustaram-se a tal ponto, que muitas discussões tiveram, então, lugar, pois, pela primeira vez, foi aventada a possibilidade de que os “ideais da verdade”, também chamados de “ideais rebeldes”, sucumbissem junto com os que habitavam na Terra.

Se aquela era a última trincheira, e se o planeta poderia aniquilar a todos em um simples instante, o que em Antares poderia acontecer lentamente, na Terra poderia ser uma destruição generalizada e instantânea.

Algo precisava ser feito como forma de preservar os ideais, tidos agora como o que de mais importante aqueles seres haviam constituído como razão das suas vidas, ou única meta a ser perseguida, já que tudo o mais parecia ser um “teatro do absurdo” — e aqui me utilizo de uma expressão humana para simbolizar, aproximadamente, o que sentíamos naqueles dias, mas que não encontrávamos expressões mentais adequadas para bem expressar o nosso íntimo. Mas, o que poderia ser feito?

Por aqueles dias, convivendo com desastres de toda monta que se sucediam em todos os quadrantes planetários, Len Mion e Yel Am haviam tido acesso à notícia de que Val El e Val Eon estavam em contato com os Val, há muito fenecidos, os quais, estranhamente, encontravam-se a viver em uma dimensão à parte. Foram até Benem, onde puderam pessoalmente contatar com Val Antien, um dos Val “dimensionados em Val-Ha”, denominação que aquela nova dimensão passou a ter entre os Val.

Durante muito tempo foi avaliada a possibilidade de todos os biodemo, que viviam na Terra, serem “transportados” para aquela dimensão, que parecia não se abalar com as questões ambientais do planeta e os mantinha livres da convivência com espécies selvagens.

Foram tempos em que começaram a surgir facções favoráveis a essa ou àquela opção, e outras que eram contrárias e preferiam opções inusitadas, facto que somente tornava mais complexo o grau de discussão em torno dos principais problemas que então enfrentávamos.

Um das “mastlans” dirigiu-se ao planeta vermelho (Marte) para fazer medições, na tentativa de compreender o cenário destrutivo do sistema solar, uma vez que os dois planetas vizinhos (Vênus e Marte) apresentavam evidências de terem passado por destruição seletiva há centena de milhões ou mesmo bilhões de anos. Concluídas as verificações no primeiro planeta, foram para o segundo.

Alguns poucos dos nossos fizeram as adaptações necessárias, e seguiram numa equipa multifamiliar para efetuar os estudos.

Sobre o planeta vermelho, as respostas foram as mais chocantes para a nossa sensibilidade: verificou-se que lá houvera vida biodemol (vida animalizada com padrões de sexualidade) num tempo muito anterior ao surgimento da nossa própria

linhagem biodemo. No planeta brilhante (Vênus), a aferição apontou para uma base já destruída, facto que impediu a equipa de colher maiores indicativos.

A descoberta de ter existido vida animalizada biodemol inteligente (dedutível a partir das construções) no planeta vermelho, em tempos imemoriais, até mesmo para nós, tão somente ressaltava o quanto não sabíamos sobre nós mesmos e muito menos sobre a vida universal.

Na verdade, foram detetadas três levas de vida no planeta vermelho: duas há bilhões de anos, e bases construídas mais recentemente por viajantes siderais, dentre os quais os nephelim e uma força-tarefa dos descendentes de Ostronomos.

Já havíamos percebido bases e outros indícios de um passado remoto edificados na Lua mas, na época, não detetámos atividade recente naquele satélite. Em relação ao planeta vermelho, contudo, a notícia era a de que continuava a ser constantemente visitado por grupos de seres diversos, cujos objetivos eram desconhecidos.

A averiguação feita pela equipa multidisciplinar da “mastlan” eliminou de vez uma das teses que estavam a ser avaliadas, que previa a possibilidade de, uma parte dos seres que se encontravam na Terra, se mudarem para Marte, por ali ser mais seguro sob a perspetiva geológica e climática. Afinal, desconcentrar forças numa situação daquelas era sempre temeroso, já que não se sabia o que se esperar das hostes congregadas em torno da pessoa de Sophia.

Para onde seguir? Quais as opções? Ficar no planeta foi a única conclusão lógica que unanimemente teve lugar entre todos nós.

O alvoroço mental era tamanho que, a pedido de Yel Luzbel, ocorreu um grande encontro em Benem, quando foi solicitado ao grupo de pesquisa vinculado ao Processador Val que procedesse a uma apresentação do que, até àquele momento, havia sido percebido na dimensão Val-Ha, onde habitavam alguns dos Val fenecidos.

A intenção clara do quartel-general dos rebeldes era a de descobrir e providenciar uma maneira de sermos transportados para lá. Mais ainda impressionados com os desdobramentos acontecidos com os seres ali residentes, também houve solicitação que fossem expostas para toda a comunidade rebelde, as descobertas referentes ao facto de alguns seres Val fenecidos estarem agora personificados entre os estranhos seres demoníacos e entre os proto-humanos.

Coube a Val Eon explicar o que o grupo vinculado ao Processador havia elencado até então como sendo as evidências de situações singulares jamais anteriormente percebidas e mesmo vivenciadas pelos seres biodemo.

— Não sabemos como e nem por que esses eventos se passam, apenas sabemos que ocorrem. E pensamos que a vinculação de cada consciência particularizada com os circuitos vibratórios do Processador (**NAT - as partículas constituintes dos corpos e cérebros dos seres biodemo relacionadas às ondas quânticas que compõem o Processador da respectiva família**) transcende o facto de as consciências a ele conetadas se encontrarem ligadas ao cérebro do corpo biodemo ou não. É facto que, após a vida em corpos biodemo, outra forma de existência aguarda pelas consciências que saem deste universo. Por quê? Como? Não sabemos. Mais ainda: não podemos vê-los ou com eles comunicar-nos abertamente.

Somente podemos estabelecer a comunicação por meio do Processador, ou seja, não reside na nossa condição biodemo a habilidade mental para tal percepção, mas tão somente no Processador, que nos faz convergir vibratoriamente e une as duas faixas de realidades. Sim, porque são duas dimensões distintas, com jeito próprio de existir, e mecanismos bem específicos de sustentação da vida. Contrariamente ao que acontece connosco, os Val de lá nos veem, e podem perceber instantaneamente qualquer ponto, ao que nos parece, de todo o universo, o que desfaz as enormes distâncias que pensávamos existir para os que residem em Val-Ha. De lá, porém, eles somente podem comunicar-se connosco quando acionam o Processador. De todos os que estão por lá, somente dois conseguem acionar produtivamente o Processador com as suas mentes, fenómeno semelhante ao que tem acontecido connosco, pois que, dentre nós, somente Val El, até certo tempo atrás, o fazia.

Contudo, o seu adestramento, repassado para alguns dos nossos, possibilitou-nos também o acesso. Mas do outro lado parece que não se consegue o mesmo resultado, apesar dos esforços que jamais cessaram dos nossos pares que lá se encontram. Já foi percebido que alguns que antes lá estavam simplesmente tiveram as suas condições corporais, que são comuns às leis daquela realidade, extintas para aquela dimensão sem maiores “avisos” de fenecimento. Segundo as informações que nos chegaram, ocorreram já 8 “desaparecimentos”, apesar de que há algum tempo mais nada aconteceu nesse sentido. Ao que parece, eles desenvolveram algum tipo de “alimentação” que os fixa naquelas circunstâncias por muito mais tempo, é o que se supõe. Não fazemos a menor ideia de como as nossas consciências, situadas neste lado, poderiam ser conduzidas até Val-Ha, nem mesmo se tal é ou será possível em algum momento. Já decifrámos como reconhecer os sinais vitais de cada consciência particularizada anteriormente vinculada ao Processador, agora que elas não mais

atuam na faixa onde antes se encontravam, mas que, de onde se encontram, emitem os mesmíssimos sinais de antes.

Torno a explicar que “como” e “por que” acontece desse modo, não sabemos, apenas Val El percebeu e começou a descortinar os estranhos sinais que surgiam, e nós concluímos a aferição do processo e hoje o dominamos. Chega a ser impressionante a simplicidade com que as mesmas marcações mentais da consciência ocorrem, independentemente de se encontrar essa nos nossos corpos biodemo, na forma corporal com que vivem em Val-Ha, e o mais desconcertante, na forma como alguns agora vivem entre os estranhos seres dos portais e os animais pensantes do planeta. É como se o tipo de corpo não importasse significativamente na leitura que se pode fazer dos traços conscientes, qualquer que seja a qualidade destes ou daquele. Esse aspeto é-nos profundamente intrigante, pois parece apontar para algo mais profundo em cada um de nós, talvez um tipo de consciência particularizada, que cuida das personalidades produzidas pelos corpos que as contêm, em cada nível das suas experiências.

Diversos questionamentos foram feitos e a avaliação daquele tema perdurou por muito tempo.

No final das abordagens, foi solicitada por Yel Luzbel a impressão pessoal de Val El sobre um aspeto primordial daquela questão.

— Explica-nos, ó Val El, você que teve os sentidos percetivos e a mente treinados pelo Codificador de Zian, o que os seus olhos, que primeiro souberam ler e observar os misteriosos traços do Processador, puderam perceber da natureza do que está por trás do que estamos a viver, e do significado de existir vida em níveis que não conseguimos observar naturalmente.

— Todos sabemos — respondeu Val El — que as nossas mentes são adestradas na faculdade de olharmos para os eventos, e percebermos o que é resultado do acaso e o que é produzido por uma série de processos concatenados advindos de uma mente, de um princípio ativo. Os cérebros biodemo, por motivos que desconhecemos, já foram criados, programados com essa característica. Somos classificados como "biodemo", frente às demais espécies que conhecemos do universo, porque temos uma herança mental cuja origem e causa não localizámos, ao mesmo tempo em que os nossos corpos apresentam relação de semelhança com o padrão biológico presente nas formas vivas em tudo o que podemos observar. Por que somos assim, não o sabemos! Somos inteligentes, conhecedores, mas não temos como conhecer a causa da inteligência que nos move.

Algo deve existir, para além do que atualmente “podemos conhecer”, e a sua descoberta, ó Yel Luzbel, descortinou, para mim, muito mais do que tudo que apreendi da visão de todos, a respeito do “lacre de segurança”, de um “lacre limitante” que a sua acuidade mental rompeu decisivamente. O modo de ser que nos caracteriza, porém, parece ser uma premissa lógica que nos impele a discernir, de pronto, sobre o que foi primordialmente concatenado e o que vai surgindo como consequência livre (acaso) desse processo que a tudo movimenta. Tudo o que a vida nos mostra ou o que produzimos parece fazer parte de um “jogo”, e o que não sei é se o que temos avaliado como sendo uma coisa ou outra efetivamente poderia ser, por nós, considerado como conhecimento correto. O que você mesmo percebeu, ó Yel Luzbel, antes, todos nós, naturalmente, pensávamos ser fruto dos desdobramentos livres do que já se encontra concatenado. Após a sua percepção, passámos também a “naturalmente” perceber que o aspeto da verdade factual, apontado pelo seu estudo, era o contrário do que, até então, estava estabelecido, ou seja, tem que existir, sim, uma causa, situada além do nosso poder de percepção natural, que nos impõe as regras de um processo que tão somente podemos administrar e a ele nos submeter.

Quando, pela primeira vez, tomei consciência de que estava a comunicar-me pelo Processador com Val Sean e Val Antien, a impressão mental que me dominou foi a de que o processo que estávamos a viver — desde a nossa criação até exatamente àquele momento específico — havia sido produto de uma concatenação, estando as forças que o manuseavam além do meu alcance percetivo. O que os Val de Val-Ha conseguiram perceber era muito mais do que o que nós daqui podemos perceber. Os seja, esses corpos que nos definem parecem estar limitados à faixa de realidade onde nasceram e existimos. A consciência de cada um de nós, porém, aparenta não estar submetida a esse limite, pois os factos apontam possuir ela uma liberdade e uma continuidade que parece estar “fora do processo concatenado” que nos define. Ao mesmo tempo, eles, lá, têm a impressão de também estarem inseridos numa faixa de realidade cujas leis são produto de outro nível de concatenação mental. Pelo que deduzi, e isso percebo com “naturalidade”, esse processo começa exatamente na faixa onde existimos, ainda que não identifiquemos a causa que faz com que assim aconteça. Porém, onde isso termina, ou até onde vão os desdobramentos concatenados que estabelecem faixas de realidade que se sobrepõem, isso não posso vislumbrar. Quando Val Sean e Val Antien chamaram a minha atenção para o facto de que alguns dentre os Val de Val-Ha simplesmente estavam a desaparecer, e eles estavam à procura no Processador Val traços da assinatura psíquica dos Val desaparecidos, comecei eu também a procurar esses traços e os identificámos entre dois dos seres dos portais. Lá, estavam dois dos nossos que jamais poderiam ser novamente reinseridos na condição Val. Contudo, as suas expressões pessoais continuavam as mesmas, e a base

da bagagem Val por eles adquiridas ao longo de toda a nossa existência, ali estava registada com absoluta precisão.

Quando descobrimos mais três dos Val, já fenecidos, antes habitantes de Val-Ha e agora personificando três animais “proto pensantes” da natureza terrestre, novamente nos veio a “natural certeza” de que a consciência particularizada de cada um daqueles de nós fenecidos parecia estar a realizar uma “jornada” previamente concatenada, não nos seus detalhes, não em relação aos vetores distintos de vida de cada um de nós, mas na sua destinação, ou seja, “quando deixarmos de ser Val”, parece já existir um processo concatenado que impulsiona as nossas consciências para nos transformar em outros tipos de seres. Se assim for, o que isso significa? Não sabemos! Simplesmente, o nosso grupo de estudo vinculado ao Processador já assume, como conhecimento estabelecido, que forças por nós desconhecidas arquitetam as estradas da existência, sem que disso saibamos os porquês.

Há, portanto, ó Yel Luzbel, uma natureza impositiva, misteriosa, que é a causa de serem as coisas como são, de nós termos esses corpos e sermos, naturalmente, condicionados a assumir premissas que definem o que conhecemos. Mas você parece ter rompido o “lacre de segurança” que essa concatenação misteriosa havia imposto às possibilidades mentais de todos nós. Concluo afirmando que parece existir um “programa” que faz com que as consciências particularizadas jornadaiem de um nível a outro, por motivos que desconhecemos. Se assim for, a nossa decadência talvez seja o maior sinal de que nos encontramos em rota de extinção, e o destino que nos espera parece estar indubitavelmente vinculado com o que se passa no planeta, uma vez que a concatenação dos factos parece apontar que “algo” nos trouxe para cá. Ou será que todas as aparentes casualidades que foram definindo os porquês de os Val terem vindo para este planeta, que levaram todos os demais seres que lhe homenageiam o mérito intelectual, ó Yel Luzbel, a terem vindo também para cá, que fizeram com que hoje aqui estejamos sem que tenhamos a mais remota noção de se um dia daqui sairemos, serão mero produto dos desdobramentos livres que ocorrem no seio da concatenação que movimentava o universo? Seja qual for a opção, sei que, se um dia sairmos daqui, já não será do modo como chegámos, do modo como sempre fomos.

Desconfio, porém, que a história de muitas das famílias da nossa linhagem parece encerrar-se neste mundo. Todos os fatores ora em análise apontam, tão somente, para uma questão de tempo. Pelo menos tem sido assim conosco. Por mais esforços que façamos, uma força maior parece fixar os Val neste mundo, e penso que todos os que aqui aportaram estão a passar ou irão passar pelo mesmo processo.

— Se assim for, ó Val El, será o fim do nosso movimento de libertação, e não podemos render-nos aos factos — aparteou Len Mion. — Precisamos lutar contra eles, não somente administrá-los, mas precisamos gerar outros processos para dominarmos a destinação das nossas consciências. Necessitamos gerar o processo que nos leve para Val-Ha, ou mesmo para outras realidades que dominemos. Somente assim manteremos protegidos os ideais que nos movem. Se, de modo não programado, os Val fenecidos se viram juntos em Val-Ha, se bem programarmos, poderemos transportar tanto os nossos corpos como as nossas consciências para lá, de modo semelhante ao que fazemos quando das viagens siderais.

Criemos “túneis de atalho”, só que agora de padrão interdimensional, que nos permitam sair da faixa onde Sophia e as suas hostes imperam como se fossem autoridades às quais somos obrigados a submeter-nos. Se, pelo menos, o justificassem com argumentos e factos que nos satisfizessem e aquietassem os nossos questionamentos... Mas não, são imperiosos, silenciosos, omissos e pretendem saber o que não sabemos, ainda que não demonstrem que realmente saibam de alguma coisa. Tudo o que sei é que eles são mais antigos que nós, que fomos e somos crias das suas engenharias, o que mais ainda os obrigaria a agirem de modo diferente para com as criaturas que dizem ter gerado. O que pode implicar uma simples discussão científica sobre a natureza dos princípios que a tudo move e dos propósitos a que se destina? Penso que em nada muito diferente do que temos colhido desde que passamos a existir. Mas eles se recusam a isso promoverem. Por quê? Precisamos libertar-nos desse jugo! Vamos construir a nossa própria destinação. Vamos a Val-Ha ou a uma dimensão irmã dessa, para que, de lá possamos observar os novos horizontes aos quais Val El se referiu como tendo sido apontado pelos seus irmãos em Val-Ha.

— Não é tão simples assim, ó Len Mion — tornou a expressar-se Val El. — Vocês chegaram há pouco, nós já estamos aqui há muito e temos tentado descortinar os caminhos e processos que levaram os Val fenecidos para Val-Ha, e nada ainda descobrimos. Eles mesmos tentam, de lá, também perceber como lá chegaram, mas não atinam com nenhum indicativo que possa esclarecê-los. Dominamos, sim, como nos deslocarmos no âmbito deste universo, mas estamos muito longe de, pelo menos, começar a construir os parâmetros da busca a que você se refere.

— Vocês, que estão há muito envolvidos com isso, precisam construir esse processo junto connosco, que chegámos agora — retorquiu Len Mion, com um fervor para nós desconhecido. — Vamos nos unir, vamos consorciar as nossas forças e conhecimentos para prover o que for necessário. Eu me ofereço como sendo o primeiro instrumento de prova para essa viagem, após termos estabelecido o que

julgarmos ser o processo definitivo a vir a ser criado. Ofereço a minha vida e a ponho em risco como forma de demonstrar a importância que dou aos ideais que nasceram da percepção de Yel Luzbel, e de como sei ser importante sairmos da faixa de domínio de Sophia, que parece não nos desejar mais por aqui, ainda que afirme ter sido quem nos criou.

Uma “discussão” um pouco acalorada — nos novos padrões de comportamento que começámos a assumir a partir daqueles factos — teve lugar entre os membros daquele encontro.

O assunto tornou-se a preocupação central para os três grupos de tarefas que, naturalmente, haviam se organizado como efeito do reencontro dos membros das diversas famílias, que aportaram no mundo, atualmente chamado de Terra.

Entre nós existiam muitos termos e expressões que, na época, usávamos para nos referir ao mundo que nos tinha como prisioneiros.

Os Yel começaram a chamá-lo de “Yelon”, os Cromon de “Crom”, os Shanlun de “Shantuppata”; nós, os Val, o chamávamos de “Balnan”, que, em linguagem aproximada, significava um mundo “belo e ardiloso”, e assim o classificávamos em razão dos seus perigosos aspetos geológicos e climáticos. Mal imaginávamos que o “pior” ainda estava por vir!

Para inquietação dos mais prudentes, após muito tempo de deliberações diversas, a ideia de Len Mion foi abraçada pela quase totalidade dos seres biodemo que se encontravam no planeta. O próprio Yel Luzbel sentia-se inclinado a concordar, pois, conforme avaliava, era o último recurso ainda por ser tentado, uma vez que, permanecer na esfera de Sophia, seria tão somente adiar o aprisionamento e a escravidão da qual, aqueles agora poucos milhares de seres, se achavam “vítimas”, o que, inevitavelmente, levaria a uma conflagração tão ou mais danosa do que as já havidas em Antares e outros mundos, coisa que Yel Luzbel queria evitar a todo custo, pois era contrário a qualquer destruição.

Naqueles dias nervosos, a perspectiva da “iminente chegada de Sophia e das suas hostes” repetia, em âmbito geral, o que os Val haviam sofrido com a “iminente chegada das forças luciferianas para se apoderar das naves da família”. “Temores”, “receios” e “verdades” multiplicavam-se por entre todos nós sem que tivéssemos, ainda, uma capacidade crítica para melhor avaliar o contexto à nossa volta.

Como a “ida para Val-Ha”, agora chamada de “Shamb-Aha” pelos rebeldes recém-chegados, tornou-se o tema mais precioso à vida daqueles seres, toda a atenção dos

rebelados terráqueos voltou-se, naturalmente, para o Processador Val, que era agora tido por todos — menos por alguns poucos de nós — como sendo o “Portal de Shamb-Aha”.

Estudos e experiências começaram a ter lugar em Benem, enquanto outros mecanismos que possuíam algumas relações com o que se passava no Processador foram sendo construídos, tendo alguns deles começado a apresentar resultados proveitosos no sentido de atender às expectativas geradas pela ideia de Len Mion.

Por volta de 67 mil anos atrás, o primeiro mecanismo de transporte via “túnel de atalho interdimensional” estava pronto e instalado num complexo de bases construído especificamente para esse fim, em locais situados na atualmente chamada península ibérica.

Atlans, Plorton e Plortan eram as bases envolvidas com o processo de concentração energética que viabilizava o transporte interdimensional.

Definido o processo de “astralização” dos seres biodemo, Len Mion apresentou-se para ser o “primeiro em curso” para a dimensão Shamb-Aha, a antiga Val-Ha dos Val.

Naquela altura dos factos, Len Mion era tão respeitado quanto Yel Luzbel, e muitos solicitaram-lhe que não se pusesse em risco. O próprio Yel Luzbel queria ser o “primeiro em curso”, mas também lhe foi solicitado que abrisse mão daquele processo.

Designados aqueles que teriam que ficar a operar o novo “equipamento” edificado nas três bases interdimensionais do Norte, os demais — até mesmo por questões de “honra de linhagem” — ofereceram-se para serem os primeiros a sofrerem os testes do percurso.

Foram, então, eleitos cinco dos mais doentes para servirem de “cobaias” nos primeiros testes.

No tempo em que estes factos estavam a ter lugar entre os rebeldes, eclodiram na Terra três grandes conflagrações entre outras forças nela estabelecidas, que envolveram os nephelim e os seres dos portais, com as suas naves pitorescas, que se materializavam sobre a Terra e depois desapareciam, após destruírem milhões de seres que deles pareciam ter tido origem.

Uma das “mastlans” foi escalada para “proteger” o complexo interdimensional do Norte, e teve participação direta em um dos conflitos, dele saindo irreversivelmente danificada.

Muitas versões tiveram lugar naqueles dias para explicar o que estava a acontecer, e a principal, dentre elas, apontava para uma disputa entre gerações distintas dos seres dos portais. Contudo, o foco das nossas preocupações estava em torno da ideia de Len Mion para sair do planeta, ideia que cada vez mais nos parecia um “ponto de encontro” de muitas forças operativas do universo com aqueles seres ainda mais estranhos, situados além das suas fronteiras, mas cujos portais pareciam se abrir em plena superfície terrestre.

Como eles, já nos avizinhávamos da superfície do planeta, e o questionamento que nos fazíamos era se não haveria, com o tempo, “problemas de vizinhança” também entre quem estivesse em Sahmb-Aha e as diversas moradas daqueles seres.

Na primeira oportunidade que vislumbrámos como sendo a ideal, foram procedidas as primeiras experiências de transporte, mas não foram satisfatórias. Feitos os ajustes, após a morte de 351 membros que foram elencados conforme a condição de “saúde dos seus corpos”, finalmente a aflição teve um fim.

Val Sean e Val Antien confirmaram a chegada de mais dois seres Yel em Shamb-Aha. Estranhamente, a origem biodemo de cada ser, associada à sua condição de saúde corporal, pareciam ser os dois fatores determinantes do sucesso naquele tipo de empreitada.

Verificada a questão, os Yel, preferencialmente, começaram a ser “transportados” para Shamb-Aha, até que o processo se tornou confiável, o que permitiu a Yel Luzbel seguir pelo mesmo caminho, o que fez sem problemas.

O próximo, com algum receio por conta do fator genético de origem, seria Len Mion que, corajosamente, se submeteu ao risco, tendo sido agraciado pela “sorte”, pois, segundo a “leitura dos equipamentos”, ele, de todos os demais, foi aquele que teria sido transportado “mais inteiro” para Shamb-Aha, o que, em tese, fazia dele, a mente mais forte daquelas que se encontravam lá edificadas.

Mais algumas dezenas de seres da família Yel submeterem-se ao processo, mas, quando se chegou à contagem de 207 seres transportados, por volta de 64 mil anos atrás, eis que o planeta começou a movimentar as suas placas tectónicas de tal forma que destruiu, num só terramoto de altíssima magnitude, as três bases interdimensionais do Norte. Os “tsunamis” decorrentes de diversos outros epicentros, que se seguiram por anos àquela fase de agitação tectónica, destruíram mais tarde a base Atlan e mais duas outras mais recentes, situadas no Oeste do continente atualmente chamado América do Sul. Mas não ficou somente nisso. A grande ilha e todas as demais menores — todas elas com bases e grupamentos de seres, situadas

no atual Oceano Pacífico — também soçobraram, tragadas por ondas cujo poder destruidor jamais havia, anteriormente, sido visto.

Definitivamente, o planeta estava a passar por convulsões, para nós compreensíveis sob a perspectiva da dedução científica, mas “inexplicáveis” se observadas como sendo produto de uma mente universal criadora, organizadora e definidora dos seus processos internos.

Enquanto isso, de Shamb-Aha, os agora “astralizados” 207 seres, acompanhados de Val Sean, Val Antien e mais quatro Vals, observavam, estupefatos, todos os acontecimentos no planeta.

“Espheron” e a “mastlan comando”, de pontos diferentes, alçaram voo como forma de preservar o máximo possível de seres, enquanto, nas bases restantes, somente alguns poucos Vals permaneceram em Benem, como forma de proteger tanto os Val em hibernação como o Processador, que era, agora, a “peça” mais preciosa em todo aquele contexto.

Com as bases interdimensionais destruídas, não havia como reconstruí-las ou mesmo edificar outras, pois muitos dos artefatos nelas utilizados haviam sido retirados das “mastlans” e das bases Benem e Ceba dos Val, e não havia mais “peças de reposição” disponíveis que tal o permitissem.

“Definitivamente” — pensava Val El, que permanecera em Benem — “algo nos aprisiona neste mundo”.

Foram anos de terror psicológico e de desespero, enquanto muito trabalho recaiu sobre os ombros de pouco menos de cinco mil seres biodemo que haviam sobrevivido àquilo tudo, e que agora, atordoados e esfacelados em termos de organização social e política, tinham que andar com a vida adiante, ainda que não compreendessem o sentido de toda aquela história.

# Gêneros Biodemo e Homo: Difícil Equação

O gênero biodemo, cujo desenho genético produziu 249.314 espécies — com uma quantidade de “indivíduos biodemo” que chegou a atingir o número de mais de um trilhão — dentre as quais a Val e a Yel, tinham como características principais a “calma”, a tendência ao que os humanos entendem por “bem”, a de não serem dominados pelo impulso à sobrevivência a qualquer custo. Além disso, possuíam noções de honra, transparência, fidelidade e respeito (quase um sentimento altruísta) aos semelhantes, e raciocínio frio, porém, linear (éramos e somos capazes de estudar uma mesma matéria por um período de tempo extremamente longo sem intervalos) — tudo isso por pura determinação genética e pendor espiritual, que hoje chamo de herança espiritual. Não tínhamos paixões de nenhuma ordem. Éramos e somos assexuados, e somente nos reproduzimos por “clonagem necessária” ou mesmo por outro tipo de reprodução laboratorial, que feriria a sensibilidade humana se aqui fosse explicada. Éramos e somos detentores de certa quota padrão de razão filosófica, ainda que influenciada essa pela determinação genética.

Essas quase 250 milhares de famílias pertencentes a sistemas de mundos diversos e, portanto, com adaptações genéticas específicas, representam tão somente uma das levas de vida que surgiu no cosmos, desde que teve início o que hoje chamamos de “projeto biológico”, como uma nova classe de seres no então incompreensível laboratório universal.

Na história de todas essas famílias, ao longo dos cerca de 900 milhões de anos, desde que os primeiros exemplares biodemo surgiram, jamais haviam ocorrido “questões cruciais” que tivessem passado a servir como espécie de vírus-mental, a “viciar” todos nós a somente pensarmos em torno do tema dominante, ainda que fossemos dotados de uma certa linearidade mental, já referida.

Os humanos precisam compreender que os chamados “algoritmos mentais”, associados ao encadeamento genético instantâneo que os une num só impulso de “postura mental”, são os fatores que criam as “convenções” da mente individualizada.

Essas “convenções mentais”, nascidas a partir do padrão genético pessoal, como também das mutações que nele ocorrem a cada segundo, por sua vez, associam-se e recriam novos algoritmos que definem a linguagem, a lógica, enfim, o grau de inteligência de cada ser.

O aspeto de uma maior ou menor capacidade intelectual e cognitiva (inteligência nos seus mais variados tipos), seja na percepção (a qualidade do que se pode perceber), na absorção (a qualidade do que se pode apreender ou assimilar) ou na compreensão (a qualidade do que se pode compreender de modo mais profundo), será sempre resultante da “habilidade mental” de cada ser particularizado. Este, por sua vez, estará inevitavelmente inserido num tipo de genoma coletivo (género e espécie, dentre outras classificações) definidor das possibilidades que aparentemente limitam a natureza de cada uma das espécies existentes no cosmos. Contudo, esse aparente limite pode ser rompido, ultrapassado, e foi isso que descobrimos a partir da experiência de Yel Luzbel e da sua influência algorítmica, que se espalhou por todo o genoma do género e das espécies biodemo.

**NAT — No livro Vernetzte Intelligenz, cujos autores são Grazyna Fosar e Franz Bludorf, disponível somente em alemão, é apontado que “o DNA humano é uma Internet biológica e superior em muitos aspetos à Internet artificial.” (...)**

**“Somente 10% do nosso DNA está a ser usado para construir proteínas (NAT – Os cientistas divergem quanto ao percentual exato do DNA humano que produz proteínas. Diversos trabalhos científicos afirmam ser de 2%, outros de 3%, 4% e mesmo 5%, sendo o restante chamado de “DNA-lixo”. O que aqui estamos a reproduzir afirma ser de 10%). É este subsistema de DNA que é de interesse para os pesquisadores ocidentais, e que está a ser examinado e agrupado. Os outros 90% são considerados “DNA-lixo”.**

**Pesquisadores russos, contudo, convencidos de que a natureza não é “burra”, juntaram linguistas e geneticistas em uma iniciativa para explorar aqueles 90% de “DNA-lixo”. As descobertas e conclusões resultantes são simplesmente revolucionárias!”**

**“De acordo com elas, o nosso DNA não é somente responsável pela construção do nosso corpo, mas também serve como armazenamento de dados e para comunicação. Os linguistas russos descobriram que o código genético, especialmente nos aparentemente inúteis 90%, segue as mesmas regras, tal como todas as nossas línguas humanas. Para este fim, eles compararam as regras da sintaxe (a maneira na qual as palavras são colocadas juntas para formar frases e sentenças), a semântica (o estudo do significado nas formas de linguagem) e as regras gramaticais básicas. Eles descobriam que os álcalis do**

nosso DNA seguem uma gramática comum, que tem regras exatamente como os nossos idiomas. Dessa forma, as línguas humanas não apareceram por coincidência, mas são um reflexo natural do nosso DNA.” (...)

“Os cientistas russos também descobriram que o nosso DNA pode causar padrões perturbadores no vácuo, dessa forma produzindo buracos de vermes (“wormholes”) magnetizados. Buracos de verme são os equivalentes microscópicos das chamadas pontes Einstein-Rosen nos arredores dos buracos negros (deixados por estrelas extintas). Essas são túneis de conexão entre áreas inteiramente diferentes do universo, através dos quais a informação pode ser transmitida fora do espaço e do tempo. O DNA atrai esses pedaços de informação e passa-os para a nossa consciência. Esse processo de hiper comunicação é mais efetivo em um estado de relaxamento.” (...) Interessante, não?

Esses, agora, considerados “temas centrais da cultura biodemo”, somente passaram a existir depois da atitude mental de Yel Luzbel e dos seus desdobramentos, que estão longe de terem um fim. Na verdade, conforme desconfiarmos, ainda nem começaram a ser efetivamente percebidos por qualquer mente no âmbito de tudo o que conhecemos.

NAT — Na época da produção destas informações, o “fator Javé” e a percepção da sua “criação doentia”, com a participação dos outros dois integrantes da *trimurti* hindu, ainda não tinham sido descortinadas por este escrevente. Penso que os tais “desdobramentos”, referidos no parágrafo anterior, têm a ver com essas questões, que somente descortinei, mais amplamente, em 2007. Segundo o que esses seres afirmam, em especial o próprio Val Eno, os referidos desdobramentos começarão, agora, a serem “exportados” a partir do que está a acontecer na Terra, oportunidade na qual as “informações decorrentes” do processo luciferiano estão a ser, vamos dizer, codificadas, sistematizadas a partir do atual nível de senso crítico e de razão filosófica comuns à natureza terráquea.

Nos dias tumultuados, em que o atordoamento marcava-nos o psiquismo, por vermos membros do nosso género transportados para uma dimensão que sequer imaginávamos existir, alguns dos desaparecidos começaram a aparecer como seres dos portais, e outros como “animais” do planeta. Muitos mais, seguramente, se encontravam perdidos no meio das convulsões climáticas e guerreiras que renovadamente ocorriam, sem que deles tivéssemos notícias.

Surgiam discordâncias e desagregações em todos os segmentos dos biodemo terráqueos, enquanto naves eram sucateadas, bases destruídas, sendo a ausência de

notícias do contexto capelino e de outros sistemas de mundos, onde antes vivíamos, o que mais “exasperava” os antes “calmos” seres biodemo. Tudo aquilo era por demais degradante, e o nosso “estado de saúde”, fosse pessoal ou mesmo coletivo, somente piorava. Era a derrocada em pleno curso da existência!

Sophia e as suas hostes jamais haviam dado qualquer sinal de vida e nem muito menos os membros das famílias que não adoeceram. Tudo era, enfim, caótico e com as piores perspectivas.

Nesse contexto, a desconfiança, expressada por Val El, de que os Vals fenecidos estariam como que a migrar para as raças que pululavam no planeta, começou a ser tema de estudo, tanto entre os rebeldes situados na Terra, como entre os de Shamb-Aha.

Uma equipa exploratória, reforçada por membros de outras famílias, começou a recolher “exemplares”, tanto vivos quanto mortos, de diversos “animais” terrestres, em especial dos considerados mais modernos, que eram, exatamente, as espécies do género *homo*, notadamente as classificadas como *neanderthalensis* e *sapiens*.

Os seus presumíveis ancestrais — os *australopithecus* e outras linhagens de primatas — eram também recolhidos para experiências de análise e de manipulação genética de muitos moldes.

Estava em questão a avaliação dos “tipos de cérebros” que encontrávamos no seio da natureza terrestre, que em tudo eram semelhantes a outros que já havíamos observado em alguns poucos mundos. Contudo, os da Terra eram mais complexos, tanto os cérebros de espécies que apresentavam o ímpeto predador, como os de outras mais pacíficas, notadamente herbívoras.

Percebemos, claramente, as transformações cerebrais que a “evolução” estava a promover em alguns mundos-laboratório, o que levava a maioria dos grandes vertebrados daqui e dacolá a possuírem cérebros constituídos por camadas superpostas, tal como, no caso, as que hoje marcam a espécie *homo sapiens*. Aqui me refiro ao que a ciência terrena já tem conhecimento estabelecido, que é o facto de o cérebro reptiliano ter surgido e ter sido depois recoberto pelo chamado sistema límbico-emocional dos mamíferos e, mais tarde ou, se visto de outra forma, mais recentemente, pela camada frontal dos primatas que, nos humanos modernos, possibilitou e estabeleceu a base do processo de racionalização da espécie que hoje comanda os destinos do planeta.

O cérebro das espécies do género biodemo, porém, é absolutamente diferentes dos três parâmetros surgidos na natureza da Terra.

Os nossos cientistas simplesmente não sabiam como transpor, nem tampouco como haviam sido transpostas, as barreiras entre um parâmetro e outro, no caso das superposições das camadas cerebrais, nem muito menos atinavam com o porquê de o padrão que nos marcava ser tão diferente.

Foi tentada a construção de novos cérebros, de novos seres, de novos sistemas nervosos, de novas colorações de pele, tudo com o objetivo de entender, de forma mais ampla, uma questão que nos afligia: de como sobreviver à radiação da estrela que dava vida à Terra (Sol) e ao jogo magnético entre a estrela e o planeta; de como a resultante da interação entre esses dois agentes nos influenciava; e o que deveria ser “adequado” nos nossos cérebros para sobreviver à convergência de tantos fatores que nos eram estranhos.

Se — e quando — as nossas consciências individualizadas migrassem para a condição humana, mal não lhes faria já terem tentado estudar e compreender o novo viés evolutivo que parecia ser o futuro que nos esperava, para a mais profunda desdita permissível ao nosso modo de sentir.

Muito foi feito, mas pouco foi produzido no sentido do alcance de resultados reais que nos facilitassem a vida naquelas condições.

Dito de outra forma, os “cientistas” envolvidos com as questões da manipulação genética e da produção de “novos cérebros” para a formação de um novo género a partir das espécies pesquisadas, somente cuidavam de perceber o que já existia, de lidar com o que já “surgira para a vida cósmica”. A partir desse ponto é que eles poderiam jogar com as possibilidades, sem ter a noção exata do que a nova formatação pretendida viria a produzir.

Existem muitas variáveis que eles jamais puderam controlar, porque simplesmente as desconheciam, desde a questão do tipo e da potencialidade dos espíritos particularizados que viriam a se imantar a esses novos corpos, como, também, as mutações genéticas que, invariavelmente, surgem à medida em que a espécie vai lidando com os factos, sempre na tentativa de superar os obstáculos da vida cósmica. Devo esclarecer que, hoje, estamos a descortinar o contexto espiritual via acompanhamento da experiência mediúnica dos terráqueos, associado a outros procedimentos que, atualmente, empreendemos no Processador Val.

Na época, não sabíamos de muita coisa sobre isso, mas, nos tempos atuais, já é sabido que o impulso de “superar as dificuldades” do meio em que nos percebemos vivendo é o mesmo modo operativo que seguramente existe nos algoritmos mentais concatenados alhures (gerando o seu próprio DNA com esses padrões) para sobreviver a qualquer custo.

Cada criatura vivente herdou esse impulso, com graus de potência distintos, e isso se expressará no psiquismo do ser de acordo com a sua formatação genética e o tipo de cérebro que define a espécie a que ele pertence.

A rebelião de Yel Luzbel, que envolveu o nosso género biodemo ao mesmo tempo em que eram desenvolvidas experiências em muitos mundos, desde alguns muito diferentes em relação à Terra até a outros cuja natureza havia sido gerada a partir de uma molécula-mãe nos mesmo padrões daquela que foi aqui semeada há cerca de 3,8 bilhões de anos, produziu, efetivamente, uma modificação acentuada no modo de pensar e de sentir de todos os seres envolvidos, direta ou indiretamente, com a questão.

Essa foi a “grande novidade” produzida pelos seus desdobramentos, por degradáveis e confusos que possam ter sido até o momento, quando observados pela atual lógica humana.

Lembrem-se: quando o problema começou, há mais de 700 mil anos, sequer o ser humano terráqueo “havia surgido” nos moldes em que hoje existe, e tudo aconteceu como desdobramento desse e de outros processos cósmicos que sempre se “entrecruzam” em algum momento da evolução universal.

Novos sentimentos, novas percepções e novas posturas significam novos algoritmos, novas convenções mentais, novas formatações na sequência do DNA das espécies, fatores de rutura em relação aos “lacs mentais”, fatores esses produzidos, como dizíamos, não necessariamente porque alguém assim determinou, mas tão somente porque ninguém sabia — e sabe — até onde certas espécies podem ir.

Algumas espécies sucumbem a esse limite do “até onde”, e impactam sobre si mesmas. Estacionam em determinado padrão evolutivo e não mais evoluem ou, se o fazem, o grau da sua representatividade é irrelevante para a “necessidade evolutiva do universo e do seu criador”, hoje o sabemos.

Lembrem-se ainda que o processo evolutivo que os cientistas perceberam na Terra dá-se sempre do mais simples para o mais complexo, dos organismos mais primitivos para os mais sofisticados. Assim também é em todo o universo, e qualquer

ser vivo que exista faz parte desse processo diretamente. Quando “pensante”, então, ele é um cocriador, como atualmente os postulados da mecânica quântica, percebidos pelos terráqueos, têm demonstrado.

Não era, esse, porém, o modo de pensar dos aportados na Terra. O “jeito biodemo” de ser, apesar de se encontrar muito diferente do que havia sido desde a sua origem, ainda se encontrava muito distante de possuir um senso crítico que a tal permitisse.

As teses do grupo de estudo algo “apavoravam” os já assustados seres biodemo que ainda lutavam por sobreviver.

A equipa que estudava os cérebros disponíveis, que havia capturado exemplares das espécies do género homo, não conseguira lograr o mesmo resultado na tentativa de capturar seres dos portais, vivos ou já mortos. Aqueles seres estranhos, apesar de coexistirem eventualmente com as espécies atuantes em plena natureza terrestre, pareciam não deixar registos e resquícios fáceis de serem colecionados, pelo menos até à época em que as nossas atividades de pesquisa ocorreram.

Isso digo, tão somente para afirmar que, enquanto essa nossa equipa existiu, os seus membros somente puderam avaliar o quanto era diferente o cérebro biodemo daqueles verificados na espécie *homo sapiens* e nas dos demais animais terrestres.

O desafio era compreender como as consciências, que antes ocupavam corpos Val, agora se encontravam operando via corpos animalizados, com os seus respetivos cérebros. Como essa consciência particularizada se adequava a corpos tão diferentes em todos os sentidos de análise? Jamais encontramos as respostas, mas as teses de Val El, de Val Eon e de outros do grupo, vinculado ao Processador, juntavam-se àquelas que eram então produzidas pelos membros da equipa que verificava os padrões biológicos cerebrais dos seres animalizados.

Sabíamos que o género biodemo havia sido engendrado com o uma mistura de “temperos da mente” associados a receitas biológicas diversas. Mas não sabíamos, ao certo, quais foram os “temperos da mente” e as “receitas biológicas” utilizadas na urdidura de seres do nosso naipe.

Como já expliquei, nós não nascemos: fomos aparecendo, um por um, e somente no meu caso e no de Val Eon, “aparecemos no mesmo instante” nos nossos respetivos casulos. Mas, o que significa cada um desses “casulos” que existiam em “aspheziam”? Em linguagem compreensível e objetiva para os padrões da lógica terrena, cada casulo

seria uma espécie de “panela” com os percentuais individualizados dos tais temperos e das tais receitas que viriam definir a cada um de nós.

Quem fez essa programação e quem cuidou do balanceamento do processo? De onde vieram esses temperos e de onde surgiu a receita? Onde estava situada a raiz de todo aquele receituário com as suas experiências que, depois de percebidas, nos pareceram puramente empíricas? Éramos uma experiência mental-biológica que se utilizava de cadeias e de sequências genéticas vindas não se sabia de onde, e muito menos a que se destinavam, com as suas agora múltiplas mutações, assimiladas tanto pelos nossos organismos como pelas nossas mentes e, principalmente, pelo nosso Processador. Não sabíamos as respostas ou explicações para sermos o que éramos, perante a nossa própria capacidade de nos entendermos.

Afinal, quem definiu a receita pessoal de cada Val? De cada ser biodemo? Simplesmente não sabemos. Os únicos indicativos que nos foram dados apontavam para uma classe de seres, à qual Sophia e o Codificador, dentre outros, pertenciam.

Seria — ou será — essa a verdade?

Fizemos, porém, tudo o que julgámos como sendo necessário à preservação das nossas espécies biodemo.

Na tentativa de nos adaptarmos definitivamente ao planeta, e atendendo aos temores daqueles momentos em que julgámos nos encontrar em “rota de extinção”, parte da família Val, assim como de outras, teve que mudar o “tipo de sangue” que lhes era comum, e houve um pouco de muita coisa em toda aquela história. Muitos morreram, tanto entre os Val como entre outros. Começámos a assombrar-nos, definitivamente, com a possibilidade de extinção do que restava dos traços biodemo na Terra.

Era mesmo aterrador vermos todas as espécies animalizadas do planeta, e mesmo algumas de fora, como a dos nephelim e também os seres dos portais, todas elas reproduzindo-se, enquanto nós, os biodemo, nos víamos cada vez mais diminuídos em quantidade e em qualidade de expressão individual.

Incapacitados de nos reproduzirmos pelas vias comuns que observávamos na Terra, optámos por clonar “sementes genéticas” de muitos dentre nós, inclusive dos que agora se encontravam astralizados.

Para tentar melhor compreender o que se poderia esperar daqueles eventos, alguns cientistas da equipa resolveram clonar novos seres a partir dos modelos

arquetípicos até então conhecidos. Mais tarde, a ideia de que cada biodemo deveria ter o seu “duplo” também foi apresentada, sendo seguida por muitos, principalmente pelos membros das famílias Mion e Cromon.

Não demorou muito e foi proposto que os principais membros do “quartel-general”, que se encontravam em Shamb-Aha, deveriam ter os seus “duplos” entre os que viviam no planeta, inclusive para verificar o grau de consciência de cada um deles, como forma de comparar os padrões originais da rebelião e preservá-los. Enfim, o que já era complexo começou a rumar para um contexto imprevisível.

Nesse ponto da história, as coisas complicaram-se ainda mais, como se tal fosse possível. Mas foi!

De uma comunidade, que até vivia em relativa tranquilidade, de alguns poucos milhares de seres biodemo, fomos transformando-nos num povo multifacetado, agora com cerca de 25 milhões de seres, quase todos clonados, espalhados pelas bases que, com a ajuda das “mastlans”, iam sendo edificadas aqui e ali.

Nessa altura dos factos, por volta de 40 mil anos atrás, estranhamente, membros de algumas das bases conseguiram estabelecer uma relação amigável com alguns animais terrestres que, em sendo alimentados e bem tratados, passavam a circular à sua volta. Com o tempo, tornar-se-iam o que, na cultura humana da atualidade, são considerados “animais de estimação”.

O “espantoso” foi que aquela convivência despertou em alguns seres biodemo “sentimentos” pelos animais terrestres que jamais tiveram em relação aos seus próprios semelhantes. Isso se manifestou, em especial, com relação ao *homo sapiens*, a espécie que veio a sobreviver aos problemas que ainda surgiriam no sempre complicado horizonte terrestre.

Os novos seres clonados eram, no início, continuamente adestrados nos princípios da rebelião. Com o tempo, eles estavam mais revoltados com tudo e com todos do que os próprios rebeldes originais. Os “novos” Yel’s, Mion’s e Cromon’s, dentre outros, pouco tinham a ver com as características mentais dos seus arquetipos originais, possuindo, tão somente, certa semelhança, tanto corporal como de temperamento, em relação àqueles.

Estes novos seres começaram a ostentar posturas que nada tinham a ver com a dos “rebeldes originais”.

O “orgulho de ser rebelde”, que não era comportamento dos tempos passados da rebelião, surgia, agora, com aqueles seres que sequer haviam vivenciado os problemas e demais ocorrências definidoras do movimento.

Sentiam-se, mesmo, “superiores” aos seus “ancestrais rebeldes” e somente respeitavam os “dimensionados” e, principalmente, a figura de Yel Luzbel.

Foram tempos difíceis, porque a desagregação, que jamais tivera lugar entre os rebeldes congregados na Terra, desde a chegada das “mastlans”, agora vitimava todos os grupamentos, os quais, por força das intrigas, passaram a ser dominados por essa ou aquela facção de seres e suas lideranças.

Surgiu na Terra, entre nós, um contexto de disputa por posições de mando e de domínio de regiões geográficas estratégicas que, aos poucos, teve como desdobramento o estabelecimento de mais bases, e mesmo de cidades, vinculadas às bases mais antigas, facto que foi gerando uma mentalidade algo imperialista na Terra.

Foi quando, pela primeira vez, os seres agrupados em Shamb-Aha, conseguiram, por meio de uma nova tecnologia, fazer com que Yel Luzbel reunisse forças para de lá se projetar em algumas das bases, fazendo-se presente com os seus aconselhamentos. Isso o levou a ser tido, por muitos do lado de cá, como um “ser poderoso” por entre tantos que já por aqui apareciam, vindos dos portais.

**NAT – O conceito de “deus”, ou de “deuses”, ainda não havia surgido no horizonte psíquico daqueles seres.**

O ser humano, recém surgido para a vida, estava cercado de seres que ostentavam poderes e habilidades que eles não possuíam, sem que ninguém, naquela época, soubesse que o melhor produto de todos aqueles seres era o que mais modestamente, então, era considerado um simples animal terráqueo, que aprendera a comunicar-se para melhor “servir aos seus superiores”.

# Derrocada Genética dos Exilados

Ao longo de toda a existência da cultura biodemo, jamais pudemos imaginar que, no futuro, levados por circunstâncias absolutamente improváveis, alguns dentre nós optariam por engendrar uma segunda geração de seres do nosso naipe, pois sequer detínhamos destinação natural para tanto.

Havíamos sido forjados sob a perspectiva de um teste genético cujo resultado seria avaliado durante um longo período, após o qual, efetuadas as aferições, provavelmente outro patamar de complexidade genética seria sobreposto ao “projeto” inicial.

Todos sabem que a ordem dos fatores não altera o produto. Mas, no caso da evolução da complexidade de alguns genomas, um determinado fator “base” tem que “vir primeiro”, “surgir primeiro”, trazendo consigo as “senhas” de ligação com a etapa seguinte já convenientemente estabelecidas.

Talvez isso não fique claro para o conhecimento humano atual, mas isso não implica em problemas para a compreensão do que ora está a ser relatado.

O facto é que os seres clonados biodemo de “segunda geração” foram engendrados com alguns pretensos progressos, algo indefinidos, em relação aos seus criadores, o que terminou por neles gerar “imprecisões”. Com o campo psíquico livre, começaram a apresentar pequenos e grandes problemas, e o conceito de “ego afetado”, compreensível à lógica humana, mas, até então, desconhecido para a nossa, começou a ter lugar nos seres daquela geração.

Os primeiros clones foram idealizados como membros de um “exército biodemo” a ser gerado para fazer frente à possível invasão das forças de Sophia que, se haviam interferido duramente para tentar pôr um fim ao impasse nas conflagrações surgidas no sistema de Antares, na Terra jamais se fizeram presentes, pelo menos de modo violento, apesar dos temores. Aqui já estiveram, em tempos bem recentes, mas

não se apresentaram publicamente e nem sequer nos contataram. Da nossa cidadela, pudemos perceber a presença das suas naves desde o final do ano de 1999, e por aqui se encontram pelo menos até ao tempo em que repasso estas informações.

Desde há cerca de 40 mil anos, e em especial ao longo dos quase 23 mil anos que duraram as suas existências, as gerações daqueles seres clonados deram início a um culto individualizado dos seus egos mais exacerbados, que foram transformando-se em “sacerdotes” de Yel Luzbel, cuja função era a de retemperar os “preceitos luciferianos”, de modo que não fossem perdidos.

O direito à liberdade mental, assumido por Yel Luzbel como decorrência de ter percebido fatores incongruentes nos pilares do desenvolvimento genético da criação universal, estava a ser transformado em receituário do impensável.

Para os novos seres clonados, a notícia do Processador Val, agora chamado de “Portal de Shamb-Aha”, parecia uma “lenda antiga” dos seus progenitores que vieram ter à Terra em sucessivas delegações.

A história da chegada dos Val e de todos os demais, que posteriormente aportaram à Terra encontrava-se, naquela altura dos factos, recheada de situações pontuais que ressaltavam o que “cada ser dimensionado em Shamb-Aha havia feito ou dito de importante”, nessa ou naquela ocasião.

O culto à personalidade estava tornando-se moda, e cada grupamento de seres começava a assumir ares de “independência” em relação a qualquer comando central que naquela época viesse a tentar dominar o contexto político.

Começava ali uma nova era entre os clonados, cujos desdobramentos eram impensáveis para todos nós, apesar da sempre presente desconfiança de que algo de misterioso parecia agir — ainda que de modo desconexo e longe de qualquer lógica que pudessemos enxergar — por trás de tudo aquilo.

Enquanto a vida seguia entre as agora diversas classes de seres biodemo, as “aparições” de Yel Luzbel, numa ou noutra base, alimentavam ainda mais a situação de independência de cada grupo, o que provocou uma “volta às origens”, no sentido de que membros de uma mesma família procuravam permanecer juntos, optando por uma base específica.

Os Val viram-se novamente congregados em Benem, tendo em “espheron” o seu ponto de apoio estratégico. Os Yel estavam divididos em três bases, sendo Antlar, no

Sul, a mais povoada, inclusive por seres de outras famílias e mesmo muitos dos clonados.

No meio de toda aquela sociedade multifacetada de seres biodemo, alicerçada, agora, nas suas duas gerações, a dos “originais” e a dos “clonados” produzidos na Terra, as equipas que se dedicavam ao estudo da necessária preservação corporal de todos sempre lidaram com a perspectiva inevitável da piora da condição genética geral. Isso, porque, se existem mutações que promovem a evolução, também ocorrem aquelas que podem gerar doenças de muitas ordens.

Os cenários estudados pelas equipas sobre o possível aspeto superlativo de algumas das doenças que grassavam nos corpos biodemo eram sempre de magnitude preocupante, o que praticamente transformou-nos em seres dependentes de certas “doses medicinais” constantes.

NAT — Conforme o que tenho depreendido, tanto os seres “demo” como os “biodemo”, são totalmente “medicalizados”. Mas, o que devemos entender por isso? Sob a perspectiva humana, “medicalizar” consiste em “passar a definir e tratar algo como um problema médico”, ou seja, direcionar conhecimentos e recursos técnicos da medicina para tratar algo que antes não era abrangido por essa área.

No excelente artigo do neurocientista Jorge Quillfeldt na revista *Scientific American* Brasil, de abril/2015, é resgatada uma comédia de 1923, na qual uma tese é apresentada, afirmando que “pessoas saudáveis são pacientes que ainda não sabem que estão doentes”, pois assim considera o doutor Knock, na peça de Jules Romains, em que o personagem convence todos os habitantes de uma cidade de que estão doentes.

Deixando a comédia de lado, segundo o que informam os seres demo, que têm produzido alguns livros, como também Val Eno, que pertence ao género biodemo, nesses dois segmentos de seres, em momentos diferentes da longa linha evolutiva de ambos, ocorreram factos inusitados de uma história ainda desconhecida para a humanidade, nos quais um “doutor Knock demo” e um “doutor Knock biodemo” tiveram que surgir no seio das duas estirpes, para convencê-los, exatamente, desse problema.

Pelo que hoje sabemos, todas as espécies do género biodemo padecem dessa condição, que atinge até mesmo os membros das famílias que não se envolveram com a questão do vírus mental de Yel Luzbel, pois já éramos todos meio que dependentes dessa alimentação bem antes da eclosão da questão. Surgida essa, apenas fomos

obrigados a introduzir mais alguns padrões de correção de genes, com vistas à preservação e mesmo à adequação dos nossos corpos frente às novas circunstâncias.

Quanto aos biodemo que permaneceram nos seus sistemas planetários de origem, estando apartados deles até aos tempos atuais — o livre curso pelos circuitos intersistémicos somente será reaberto após a reintegração da Terra —, seguramente a quantidade de mutações pelas quais os nossos corpos passaram, apesar das doenças e adequações sofridas, adicionada à bagagem de experiência que possuímos, em razão do delineamento genético que preservámos da nossa condição original, nos eleva a um grau de habilidade mental bem superior àquela que ainda deve marcá-los.

Esse aparente paradoxo, que fez dos seres rebelados, enquanto existiram nos seus corpos biodemo, detentores de um padrão superior de condição mental, se comparados aos não rebelados, foi assunto que por longos milénios ocupou boa parte das nossas preocupações sobre a “destinação” do que estava a acontecer.

Havia um “quê” de enigmático no padrão de tirocínio que estava em curso nos nossos psiquismos biodemo. O único padrão que não conseguíamos, nas nossas análises, enquadrar como “avanço” ou “progresso”, era o que havia surgido com os seres clonados na Terra.

Os biodemo originais tinham alguns padrões de receio e mesmo de temor pelos desdobramentos dos eventos advindos da interação com eles. Na verdade, jamais superámos esse problema até que os factos futuros vieram a falar por si.

De modo estranho, fomos percebendo naqueles seres, uma estranha tendência ao que hoje a cultura humana classifica como “fanatismo” e propensão à religiosidade simplória, fenomenológica, sem conteúdo dignificante no campo filosófico.

Existe, ainda, outro aspeto que precisa ser ressaltado: os Val praticamente não participaram do processo de clonagem, na medida em que a iniciativa operacional foi das famílias Yel, Mion e Cromon, o que deixou as demais falanges de seres biodemo como que apartadas dos seres clonados.

Devido a serem frutos da clonagem, as suas mentes não os habilitavam a qualquer possibilidade de interação com o Processador Val, circunstância à qual se aliava o facto de que Yel Luzbel jamais aparecera na cidadela dos Val, para mantê-los distantes de Benem.

Enquanto esse estado de coisas entre as famílias biodemo continuava a organizar-se na Terra — os clonados foram agrupando-se também em núcleos de

trabalho conforme as suas origens genéticas — as contendas entre os seres dos portais aumentavam em grau superlativo. Estes seres, divididos em muitas classes, absolutamente diferentes umas das outras, contavam agora com “cidades voadoras estacionadas” na órbita do planeta, o que fez com que as “mastlans” e “espheron” permanecessem em “solo”, por milhares e milhares de anos, com o fito de evitar maiores problemas.

Jamais soubemos de onde surgiram aquelas naves, arquitetadas com aspetos absolutamente diferentes, tanto das nossas como daquelas da linha de produção das “mastlans” e, ainda, das que conhecíamos dos nephelim. Eram, aparentemente, desarmónicas e assimétricas, e os padrões de engenharia nelas utilizadas fugiam à nossa compreensão.

Os nephelim, por força das suas necessidades, mantinham regularmente as suas movimentações, o que provocava eventuais desacertos localizados entre as duas partes.

Em Benem, os Val e alguns Yel, procuravam manter em bom padrão a continuidade das comunicações com os dimensionados em Shamb-Aha. Mas não era fácil e nem muito menos simples. Algo estava a acontecer, provavelmente no lado de Shamb-Aha, uma vez que, desde a chegada de Yel Luzbel e dos demais, Val Sean e Val Antien tentavam expressar algumas comunicações que não conseguíamos compreender.

Para muitos, Benem passou a ser um lugar cuja importância remontava a um passado distante e desconhecido para as novas gerações de biodemo clonados, o que transformava o agora único lar estabelecido dos Val na superfície do planeta, numa espécie de relíquia.

Muitos seres das novas gerações procuravam visitar Benem para fazer estágios sobre o passado da família Val, o que também faziam quando das suas visitas a uma das “mastlans” que detinha os registos singulares sobre a história de Yel Luzbel, da sua família e de todas as demais envolvidas com a rebelião.

Aos poucos, foi sendo percebido que, após as aparições de Yel Luzbel para os “seguidores” dos seus postulados, as comunicações por meio do Processador Val complicavam-se ainda mais.

A partir de Benem, a questão era avaliada, mas a troca de informações, cada vez mais piorava, o que impedia a arquitetura de possíveis soluções.

Durante longos sete mil anos — entre 38 mil e 31 mil anos atrás — houve repetidos períodos em que um tipo de “peste” começou a dizimar populações inteiras de seres pertencentes às novas gerações, o que ceifou a vida de mais de seis milhões de indivíduos no período. Estranhamente, muitos “animais domesticados” que viviam nas bases, junto com os seres biodemo, também tiveram as suas vidas ceifadas por aquelas ondas de doenças que, às vezes, conseguiam ser contidas, mas somente depois de terem promovido devastação em corpos terrestres e extraterrestres.

Tentativas vindas, também, de Shamb-Aha, por meio das aparições de Yel Luzbel, continuavam a ter lugar na busca de orientar e fornecer “receitas genéticas” que pudessem “imunizar” todos os seres biodemo e colocar um fim àquela que foi a mais perigosa ameaça de toda a história.

Para os membros das famílias do nosso género a doença em curso fez-se presente como um longo pesadelo. Contudo, para algumas das espécies animalizadas da natureza terrestre, que mantinham contato mais direto com as bases, a contaminação foi fatal e muitas perderam considerável percentual dos seus pares, chegando umas poucas delas, inclusive, a extinguirem-se em poucos anos.

O certo é que as aparições de Yel Luzbel, ainda que não conseguíssemos traçar a relação precisa de causa e efeito, pareciam ter complicado ainda mais o problema de interação com o Processador.

Com o tempo, seja pela remotíssima possibilidade de contágio durante as “projeções” ou mesmo devido à dúvida que permanecia sobre a possível relação energética entre os problemas de leitura do Processador com as suas aparições, o facto é que Yel Luzbel houve por bem não mais se projetar, até que o padrão de segurança que sempre atestou aquele processo pudesse novamente vigorar.

Nas suas projeções, Yel Luzbel, quando conseguia estabelecer algum padrão de comunicação, sempre repetiu a sua conhecida postura de não reconhecer qualquer autoridade em relação a quem dela se arvorava possuidor sem que demonstrasse conhecimento profundo em relação à problemática agora vigente na solitária rota da rebeldia daqueles dias.

Como o próprio Yel Luzbel costumava apontar naquela época, se alguém, alhures, se incomodava com o sofrimento há muito vivido em grau superlativo por tantos seres, disso não dava demonstrações.

Sophia, passou a ser visto pelas gerações mais novas de biodemo clonados, como um líder ditatorial, um cientista frio, um ser impessoal que não tivera a habilidade ou

vontade de resolver uma simples questão intelectual que, por não ser levada a sério, transformou-se numa grande e impensável pandemia sideral.

Com o passar dos tempos, todos nós fomos nos acostumando a pensar desse modo.

Por motivos que jamais decifrámos, houve ainda uma última aparição, só que de Len Mion, o que terminou semeando o temor de que Yel Luzbel tivesse fenecido — o que não era verdade —, sendo que os desdobramentos desse mal-entendido, havidos nas bases terráqueas, perduraram até o tempo em que estas foram extintas, em tempos mais recentes.

O destemido e já extremamente nervoso Len Mion tornou a projetar-se, as vezes que pôde, até que a sua energia pessoal o “enjaulou” de vez naquela dimensão existencial, a partir da qual viria a exercer o seu poderio mental sobre os que viviam na Terra, por meio da poderosa e articulada influência mental, coisa que Yel Luzbel jamais se permitiu fazer. Esses aspetos, contudo, serão vistos mais adiante.

Ao longo do processo de análise a que nos obrigámos a realizar naqueles tempos, no sentido de tentar descobrir a causa de todo aquele sofrimento para o género biodemo, os dois grupos multifamiliares de estudo, que foram então compostos, terminaram por se defrontar com um facto difícil de ser aqui abordado. Contudo, obrigo-me a fazê-lo na esperança de que possa ser útil aos humanos das gerações futuras.

Em determinada etapa do processo, quando os humanos que “andavam” próximos às bases foram, também, contaminados pela doença avassaladora que se espalhara por todo o planeta, os nossos pesquisadores optaram por comparar a situação dos biodemo e a dos humanos perante os indicativos disponíveis.

Ao verificarem o funcionamento dos cérebros de ambas as espécies, e ao comparar o acionamento das suas células básicas — chamadas de neurónios pelo conhecimento terreno — foi percebida uma questão periférica que tinha a ver com o facto **de os biodemo usarem as possibilidades dos seus cérebros num percentual muito mais efetivo do que os humanos.**

A ciência humana, pelo que podemos acompanhar daqui, não aprofunda a questão sobre a razão dos prováveis 10% de utilização do cérebro humano, o que, para a nossa análise, muito pouco importa.

Na verdade, esse assunto é motivo de profunda controvérsia entre os estudiosos humanos. Cito, assim, o percentual de 10% da teórica utilização do cérebro pelos humanos tão somente porque sabemos ser esse o percentual mais comumente utilizado nas abordagens sobre o tema, ainda que puramente especulativas. Mas isso não invalida o assunto como sendo de extrema importância, e tempo virá em que a questão em si, bem como o que se encontra por trás do seu significado, muito surpreenderá a todos.

Cabe-me, portanto, apenas fornecer alguns indícios da sua importância estratégica, para que as consciências biodemo, atualmente migradas para a condição humana terráquea possam, quem sabe, no futuro, aprofundar o tema.

Jamais descobrimos o que causou a devastação, e tudo o que sobrou do nosso estudo, em relação a esse aspecto da questão, foi a probabilidade de que algum tipo de vírus letal — ou algo que a isso se assemelhe — tivesse surgido repentinamente na Terra, provavelmente trazido por um ente alienígena em visita ao planeta. Isso, porque, desde que aqui aportámos, já havíamos realizado estudos nesse campo, e toda a “população bacteriológica e virótica”, comum à natureza planetária, era do nosso conhecimento.

As “mastlans”, quando aqui chegaram, também realizaram, por meio de outra tecnologia, o mesmo serviço de “mapeamento de problemas”, o que colocava o acervo de conhecimento dos biodemo sobre a questão como um padrão seguro de prevenção naquele campo. Mas jamais chegámos a detetar exatamente a origem do problema; tão somente lidámos com as suas consequências.

Outros esclarecimentos de extrema importância, porém, terminámos recolhendo dos estudos procedidos naqueles dias. E o que mais nos intrigou foi perceber que o “lacre mental” que começávamos a descortinar nos seres biodemo, a partir da experiência dolorosa de Yel Luzbel e, em decorrência, de todos nós, parecia existir em cada espécie, das muitas que estudámos, que viviam na natureza planetária.

Parecia ser um aspecto ou defeito comum presente em todas as famílias de seres que viviam por aqui.

Será que o tal “lacre mental” não poderia ser um mecanismo bioquímico propositadamente inscrito no DNA básico inerente à “molécula-mãe” de todas as espécies da natureza terráquea? — passamos a perguntar-nos. Mas e se, estávamos desconfiados, aquele mecanismo já existia até no nosso próprio género — e a rebelião era tão somente um subproduto do rompimento desse laque — qual o sentido de tudo aquilo? “Era incidental ou acidental?” — aspecto que era tão caro à natureza percetiva

dos biodemo, de perceber o que fora criado como desdobramento de uma intenção, de um projeto, de um facto, ou se mera contingência, fruto do acaso.

Por essa época, cerca de 30 mil anos atrás, fomos percebendo que a natureza de cada espécie terrestre era controlada por determinada área do genoma daquela espécie, na qual uma dada configuração de genes servia como sendo o que aqui chamamos de “lacre mental”.

O que chamamos de seres inconscientes, como é o caso dos animais da Terra, à exceção dos humanos, parecia ser incapaz de romper o tal laque, ainda que os membros de algumas espécies apresentassem claramente, perante o nosso tirocínio, um padrão de mudança nos seus comportamentos, facto que apontava para um processo evolutivo. Mas o que efetivamente nos surpreendeu foi perceber que existiam algumas espécies animalizadas inconscientes, no seio da natureza terrestre, ao mesmo tempo em que outras, embora com fenótipo semelhante, nela apareciam como sendo da classe dos seres dos portais, só que com uma grande diferença: diferentemente dos animais terrestres, eles possuíam inteligência com padrões de racionalidade bem diversos daqueles dos humanos (**NAT — padrão demoníaco**). Mais estranhamente ainda, alguns deles, que apresentava um padrão de mestiçagem entre os fenótipos animais e o dos humanos, além de apresentarem inteligência com cultura própria, ostentavam um padrão de valores filosóficos (**NAT — demónios sábios**) que nos enchia do mais “puro espanto” — sendo este um sentimento que passámos a desenvolver na Terra, após termos vivido duas boas centenas de milhões de anos, sem jamais termos sentido algo sequer parecido com aquela sensação.

Poderá parecer simplório o que agora exporei, mas, se existiam espécies de animais inconscientes na Terra, se padrões dessas mesmas espécies existiam também entre os seres dos portais, só que com inteligência, se existiam seres humanos evoluindo na Terra de modo muito mais complexo, rápido e efetivo do que as demais espécies, e se os “seres mais evoluídos” eram padrões de mestiçagem entre fenótipos animalizados e o dos humanos, esses factos inevitavelmente apontavam que experiências existenciais com as componentes do seres demo e animalizados estavam a ser realizadas na Terra, e todas elas ressaltavam o padrão humano como sendo o mais avançado em termos de racionalidade equilibrada e produtiva.

Assim começámos a pensar uma vez que os próprios géneros biodemo e biodemol pareciam também fazer parte daquele processo enigmático, pois claramente notávamos o quanto alguém, que tinha uma consciência biodemo migrada para o padrão humano era “superior” àqueles que, à sua volta, não apresentavam as “assinaturas das consciências” que tão bem conhecíamos.

Mais ainda: se os seres mestiços — classificados pela mitologia terráquea como centauros e sátiros, dentre outros — eram os mais inteligentes e sábios, com tirocínio surpreendente, entre os seres demo dos portais, os descendentes de Ostronomos, que pertenciam ao que chamamos de género biodemol, mestiços também, de formas animalizadas aquáticas e reptilianas com o padrão humano, eram superlativamente superiores em discernimento e sabedoria em relação a tudo o mais que conhecíamos entre os animalizados da Terra.

Observando os Nomos, percebíamos que lá estava, novamente, o padrão do fenótipo humano presente naqueles seres, como se o “lado humano” deles fosse a preciosa componente que lhes permitia ter aquele padrão de personalidade que tanto nos encantava. Assim também era com os seres dos portais, os quais viemos também a considerar como “sábios”, só que em escala menor, se comparados aos descendentes de Ostronomos.

Jamais pudemos trabalhar de modo consorciado com os seres dos portais, mas Val Pen o fez junto aos Nomos, e neles, também, posteriormente viemos a deduzir, existia, como em todos os demais, uma “trava-mental” que os limitava no campo do discernimento, apesar de muito superiores aos biodemo.

Juntando as peças, entre nós, inevitavelmente, surgiu a tese de que a raça humana terráquea deveria ser uma espécie de “encomenda cósmica” que estava a ser trabalhada pelas “forças invisíveis” que haviam engendrado a nós e a muitos outros géneros e espécies.

Detalhe: algumas poucas consciências Val haviam migrado para outra espécie terráquea do género *homo*, a dos neandertais, mas que jamais viria a apresentar o mesmo nível de progresso que verificávamos entre os da espécie *sapiens*.

Ainda assim, se havia alguma destinação para outras espécies do género *homo* terráqueo, essa passou a pertencer ao campo das experiências que não se completaram, já que algumas daquelas espécies se extinguíram exatamente na “devastação genética” que teve lugar entre todos os seres que se encontravam a viver na Terra.

A nossa atenção científica sempre esteve focada nos humanos, porque o cenário plausível para o nosso conhecimento de então apontava aquela espécie como sendo o repositório de mistérios, insondáveis para nós.

O único aspeto que, para a nossa lógica, estava “fora da curva” da linha da nossa compreensão, era o facto de que, se estávamos certos, os humanos da Terra também

pareciam possuir uma “trava mental” que os impedia de utilizar todas as possibilidades neurais do seu cérebro invulgar.

Mas a questão era ainda mais icónica: por que, de todas as “travas-mentais,” que aprendemos a identificar nos genomas das espécies por nós estudadas, a dos humanos da Terra era a mais “acentuadamente impeditiva”, em termos de possuir “áreas do seu genoma” com quantidades de bloqueio em número bem superior às demais que analisámos, inclusive a que nos caracteriza?

Naqueles tempos não sabíamos, mas hoje sabemos que, entre os humanos, não existe apenas um tipo de lacre, pois há outros bem diversos, o que aponta para “interferências distintas”, aspeto para o qual jamais lográmos encontrar explicações satisfatórias.

De forma incompreensível para o nosso discernimento, estávamos a encontrar resultados paradoxais e evidências contraditórias de forças que atuavam às escondidas, algumas delas voltadas para a constante necessidade de sobrepujar obstáculos que forçava os seres a se superarem, enquanto outras existiam que, paradoxalmente, pareciam querer controlar o grau dessa “habilidade evolutiva”.

O que entendíamos como derrocada do nosso padrão genético talvez fosse, na verdade, uma “reformulação genética” forçada pelos factos, cujas circunstâncias pareciam obrigar os “biodemo terráqueos” a adaptarem-se, do modo que fosse possível, à nova condição, pouco importando se as características da espécie e do género, tão longamente trabalhados, fossem ou não deixadas de lado.

Do modo como avalio hoje a questão, arrisco-me a afirmar que, naquela época, nenhum dos seres que vivia na Terra, fosse de origem rebelde, dos nephelim, dos portais, dos descendentes de Ostronomos, de outras espécies que por aqui se encontravam e mesmo entre os primeiros espécimes humanos que despertavam para a vida racional, ninguém, absolutamente nenhum dos que aqui viviam, poderia imaginar que, no futuro, os humanos “herdariam a Terra”, logo eles, que sempre foram os mais “fracos”, ou últimos a surgir de toda esta história.

O assunto era tão complexo que, perante a inexorabilidade da nossa permanência na Terra, todas as famílias biodemo discutiam constantemente dois tópicos principais: 1) - como reagir à possível chegada de Sophia e das suas hostes e, 2) - como interagir com as outras forças estabelecidas no planeta. Nunca houve qualquer reflexão em torno da hipótese de “negociar com os humanos” sobre este assunto.

Os humanos, por muito tempo, ao longo da sua evolução, eram vistos por todos nós como animais terráqueos que, nessa condição, não deveriam ser tão inteligentes. Contudo, independentemente do que podíamos pensar, ali estavam eles evoluindo — mas o seu futuro dependeria do que nós, os rebeldes e as demais forças aqui estabelecidas, na qualidade de “senhores da situação”, definíssemos como sendo o destino daqueles seres que não deveriam, nem poderiam, ser mais inteligentes do que os, então, pretensos “donos do planeta”.

Quantas forças visíveis, invisíveis, conhecidas e desconhecidas estavam a atuar naquele enredo, simplesmente não sabíamos e até hoje não sabemos ao certo.

O que de mais intrigante percebêramos sobre os humanos da Terra, foi exatamente o que explicámos anteriormente: se algo existia promovendo — se aproveitando do acaso e de outras circunstâncias — o progresso dos humanos, seguramente havia outra componente que não desejava que os humanos usassem o potencial do seu cérebro além de um determinado nível.

Na nossa avaliação, e na minha em particular, decorridos tantos anos de observação que daqui, do meu posto, me é possível fazer, sei que os biodemo, como tudo o mais que de espécies vivas pude constatar neste universo, já nasceram com uma “trava-mental”, definindo as suas possibilidades de avanço.

Com os humanos da Terra, porém, foram tantas as manipulações, os ardis engendrados por essas forças misteriosas, as interferências pontuais — manipulações, ardis e interferências essas desconexas, porque promovidas por forças absolutamente díspares — que os membros da espécie *homo sapiens*, ao mesmo tempo em que davam verdadeiros “saltos quânticos genéticos-mentais”, recebiam, paralelamente, pequeníssimos artefatos (**NAT — Penso que “nanochips”**) que procuravam impor-lhes “travas-mentais”, que parecem não ter tido tanto sucesso assim.

Isso afirmo porque tenho consciência de que nós mesmos, os biodemo, os submetemos a vários testes laboratoriais, e sei também que os nephelim, os seres dos portais e outras equipas de fora, também assim fizeram.

O mais estranho aspeto foi o que já expressei: cada uma dessas equipas agia por conta própria, atendendo a interesses específicos, obviamente sem combinar nada com as demais. Como um processo desse naipe pôde ter chegado a bom termo?

Por que os factos se desenvolveram dessa maneira? Por que as coisas são assim?

Essa equação permanece em aberto até aos dias em que transmito estas notícias e impressões ao meu suporte terreno.

NAT — Já havia escutado e lido, em diversas oportunidades, análises e discussões sobre a questão dos homens e mulheres somente utilizarem um potencial bastante modesto das suas possibilidades, como também, mais recentemente, estudei a opinião de neurocientistas que discordam frontalmente desse tipo de abordagem.

Quando recebi estas notícias, delas tratei como normalmente faço em relação ao que está a ser-me transmitido, com a dose de respeito e de indiferença que posso construir. E foi assim que agi, tomando tão somente cuidado para ser minimamente fiel à intenção da inteligência que me “ditava” os factos. Assim permaneço até hoje.

De todo modo, entre os dias de 2002 e 2003 e o momento em que reviso o texto, pude assistir a um filme bastante interessante sobre essa questão, cujo título é “Lucy”, o qual indico para quem possa fazer uma leitura atenta dos elementos científicos ali presentes, ainda que situados no campo da teoria e da especulação científica, tão bem foram contextualizadas no filme (Lucy – de Luc Besson, com Scarlett Johansson e Morgan Freeman).

Obrigo-me a pensar que caberá às gerações futuras dos humanos, discernir todos os panoramas do contexto existente por trás desse “misterioso” processo. Até lá, se continuarmos biodemo, espero que nós, os sobreviventes originais — sob a perspectiva dos hoje ex-rebeldes, mas ainda ensimesmados com tudo isso — possamos, também, atinar ou produzir o tirocínio necessário para que tenhamos olhos que enxerguem essas forças e as suas funções.

Somente desconfio que, se não fosse o rompimento do “lacre-mental” de Yel Luzbel, e se os humanos não tivessem destravado, em sucessivas oportunidades, o “limite do conhecimento que lhes estava imposto” como resultado desse aparente jogo de dados por trás da sua evolução, o “oculto” jamais seria revelado aos olhos dos habitantes deste universo e alhures.

A liberdade mental humana, nos moldes em que se deu na Terra, traz consigo um potencial cujas expressões estamos longe, mas muito longe mesmo, de perceber. Contudo, ainda que não percebamos plenamente o que aqui se passa, como já referido, todos os olhos que podem tentar aprender a perceber o aspeto profundo dos eventos universais, encontram-se voltados para o que se passa neste planeta.

A encenação da “peça cósmica” prevista para este palco planetário ainda nem começou, apesar de os atores e atrizes já estarem a postos. Falta, tão somente, um diretor chamado Sophia dizer “ação”! Toda a questão se resume ao facto de que, além de diretor, ele é também ator, e sabe que precisa ser o primeiro a começar a atuar.

O que resta da cultura dos seres biodemo — seja dos que estão congregados na Terra ou mesmo dos que se encontram situados fora do contexto da rebelião — aguarda há algumas centenas de milhares de anos que algo seja feito nesse sentido.

# O Enigma de Shamb-Aha

Procurámos transmitir as nossas mais recentes preocupações e descobertas para os irmãos biodemo dimensionados em Shamb-Aha. Mas, ao mesmo tempo em que tentávamos manter as comunicações permanentemente atualizadas, algumas dificuldades que as impediam ou mesmo as distorciam, que antes raramente ocorriam, agora pareciam estar a tornar-se comuns.

Problemas daquele tipo sempre ocorreram desde que aportámos na Terra. Com a ênfase, porém, que agora acontecia, era mais uma “novidade exasperadora” que nos enchia de desalento, aspeto que não estávamos acostumados a sentir.

Fomos tornando-nos incapacitados de interagir plenamente com o Processador, apesar do seu mecanismo operacional jamais ter cessado a sua conexão com cada um de nós. Mesmo com outros que passaram a acedê-lo mais tarde, como foi o caso de muitos dos rebeldes que chegaram nas “mastlans”, o Processador “acatou as suas consciências”, o que era antes impensável, e que nos surpreendeu a todos.

A equipa Val “mais próxima” ao Processador sempre percebera, desde quando Val El permaneceu interagindo com o aparato que, sobre alguns assuntos, a comunicação com os Val dimensionados fluía sem problemas. No entanto, em relação a outros temas, muitas vezes não se conseguia decodificar as mensagens.

Esse aspeto do problema agora havia se agravado, num certo sentido, para determinados assuntos, desde que o quartel-general dos rebeldes se transportara para aquela dimensão.

A chegada de tantos seres com a condição mental algo afetada parecia ter causado algum problema na interação com o Processador. Por outro lado, a convivência deles com os seis Val que lá estavam terminou por produzir muitos aspetos positivos, e apenas alguns poucos negativos.

Aquela dimensão, segundo as informações colecionadas por Val Sean, Val Antien e os demais sete Vals, que nela se viram vivendo no início deste relato, sem entender como ali haviam chegado, havia sido percebida por eles há bem mais de 500 mil anos.

A primeira comunicação que conseguiram produzir, através do Processador Val, foi por volta de 460 mil anos atrás, tendo Val El desenvolvido um modo de lidar com o fluxo das informações de maneira mais precisa somente há cerca de 180 mil anos.

Segundo o que se encontra registado, aqueles nove Val jamais puderam informar, com precisão, a passagem por lá de todos os demais Val que foram fenecendo ao longo do tempo aventado. Muito pelo contrário, não se registaram mais passagens precisas de outros Val por lá, apesar dos indicativos que inicialmente foram obtidos em torno da questão.

Isso implica perceber que, quando Val Dimon, Val Anen e Val Bon, os três primeiros dos nove dimensionados, dali desapareceram, tendo sido, posteriormente, percebidos como consciência agora habitando entre os seres dos portais, o caminho seguido por eles parece ter sido algo “particular”, na medida em que os demais Vals fenecidos que vieram a ser percebidos entre os seres dos portais, e mesmo entre os humanos, não haviam, antes, passado pela dimensão onde os primeiros se encontravam.

Por que foi assim, não o sabemos. Na verdade, sequer sabemos por que os nove Val foram congregarem-se naquela dimensão para nós desconhecida. Contudo, essa dimensão passou a fazer parte da vida da família Val ao longo destes últimos 500 mil anos, pelo menos, diretamente, até o século XIX, quando Val Aten, o último dos Val a permanecer em Val-Ha, teve o privilégio de, a partir das tecnologias posteriormente construídas naquela dimensão, acompanhar o “trabalho espiritual” em torno de Allan Kardec, o que muito lhe rendeu em termos de benefício no campo da compreensão espiritual.

Laços profundos de um passado já longínquo ligavam, naquela oportunidade, pelo menos quatro ressonâncias Val, estando uma mergulhada no género *homo*, na pessoa do codificador francês, outra no estado de espírito livre, que foi tratado na codificação como Zéfiro (**NAT – Val Pen, que viria a ser conhecido posteriormente como o romancista espiritual Rochester**), Val Aten, localizado em Val-Ha, e eu, Val Eno, a partir do nosso atual posto de acompanhamento dos factos terrestres, na “cidadela” onde permanecemos a viver na forma Val original, apenas adequada à experiência Gron, cujas características explicitarei mais adiante.

Val Aten, que deixou Val-Ha num tempo correspondente ao que seria o final do século XIX, acompanhou todo o processo que ali se desenvolveu, inclusive tendo sido, praticamente, o único dos Val a conviver com Yel Luzbel e, principalmente, com Len Mion, ao longo de todo o processo que o levou à loucura.

Desde que os nove primeiros Val ali chegaram, ao se verem numa realidade com padrões já estabelecidos, sentiram-se de modo semelhante ao que todos nós havíamos vivenciado quando surgimos em “asphezian”.

A sensação de que toda a complexidade encontrada naquela dimensão era produto de mentes inteligentes — e não esqueçam que os Val foram engendrados com a capacidade de identificar, de reconhecer, de distinguir o que seriam produções planeadas das aleatórias — se fez presente nos psiquismos de todos eles.

Outro aspeto, porém, eles lá perceberam e que era bem diferente do caso de “aspehezian”, na qual tudo havia sido generosa e habilmente planeado e produzido.

Em Val-Ha, apesar da existência de uma “realidade potencializada”, até onde os olhos biodemo, agora “astralizados”, podiam perceber, a vida parecia ter desaparecido, e muitos aspetos daquela realidade como que haviam começado a desmoronar.

Mas, inexplicavelmente, o que parecia um desmoronamento — como se fosse o que os terráqueos conhecem como “ferrugem”, “oxidação” — parecia ter cessado em algum momento.

Até onde era possível ir a percepção dos nove Val, eles se viam reagrupados no centro de algo que parecia ser uma ampla cidade, plenamente planeada nos seus detalhes mais ínfimos, que se espraiava em todas as direções, inclusive para cima e um pouco para baixo, em relação ao lugar onde estabeleceram a nova residência.

Com o tempo, foram percebendo um tipo de “magnetismo único”, presente exatamente na região onde se encontravam, pois, cada vez que eles, na tentativa de explorar a vastidão que os rodeava, procuravam se afastar do “alojamento-laboratório” que ali edificaram, sentiam-se atraídos de volta, como se um “ímã” fortíssimo, uma espécie de “gravidade horizontalizada”, os puxasse fortemente para aquele local.

Tal mistério perdurou por muitos milhares de anos, sendo esse problema, e os enigmas a ele inerentes, um dos assuntos que não foram adequadamente traduzidos pela equipa dos Val que trabalhava junto ao Processador, ao tempo de Benem.

Foi somente após a chegada de Yel Luzbel e de diversos cientistas, daquela e de outras famílias, que uma equipa de exploração foi convenientemente formada, para sair pela vastidão da, agora, chamada Shamb-Aha”, com o objetivo de compreender os seus enigmas.

Val Sean e Val Antien, dois dos nove que mais rapidamente se habilitaram na nova dimensão, perceberam que, ainda que lhes parecesse estranha e inusitada, a natureza daquele lugar permitia construções mentais realizáveis à distância, ou seja, sem sair do “alojamento-laboratório”. Foi assim que, dali, os dois começaram a planejar a edificação de certo tipo de detetor/radar, a ser construído exatamente na interseção das coordenadas daquele local, e o equipamento “apareceu pronto” e passou a funcionar, como planeado, enviando os sinais para o centro de controle onde os Val se encontravam.

As informações das coordenadas, e outras tantas mais, eles puderam deduzir do perfeito planeamento arquitetónico daquele gigantesco e ainda inacessível “palácio de cristal”, pois assim lhes pareciam os pontos mais distantes possíveis de serem observados, como se o horizonte-limite daquela dimensão neles se situasse.

Val Sean e Val Antien se tornaram os arquitetos coconstrutores daquela realidade, atividade na qual, mais tarde, vieram também a ser acompanhados pelos demais Val, que foram se habilitando naquele mister.

Com a chegada dos membros do quartel-general, a vida em Shamb-Aha ficou tanto mais agitada como mais interessante, conforme pude saber mais tarde. Explicando melhor: pelo facto de, a partir de certo ponto da minha história pessoal, ter permanecido na equipa que trabalhava junto ao Processador, e de ter sido um dos poucos Val a permanecer com os padrões, tanto de consciência como corporal biodemo até os tempos atuais, pude, depois, decifrar todas as informações não decodificadas na época, que permaneceram acumuladas até o ponto da nossa história em que os meus companheiros daquela equipe foram fenecendo e migrando as suas consciências para a espécie humana.

Com o desenvolvimento de “veículos especiais”, construídos com força de deslocamento suficiente para superar a “estranha gravidade”, cujo polo aparentemente estava fixado no lugar do alojamento-laboratório, que passou a ser também a residência dos recém-chegados, a noção de que se encontravam a viver numa “cidade sem habitantes”, mas edificada para conter um número significativo de moradores dos quais não se encontrava vestígio aparente, ia crescendo no entendimento dos biodemo lá dimensionados.

Por um método de “datação temporal” relativo às características de determinados “elementos químicos” comuns àquele nível de realidade — é a analogia possível de ser feita — associado a um padrão de verificação comparativa ao “tempo de vida” que os seres biodemo haviam tido desde que surgiram no universo, eles

constaram que aquela dimensão, qualquer que fosse o significado que disso se pudesse extrair, havia sido construída em “tempo muito anterior” ao do surgimento das famílias biodemo.

Aquilo não era possível ao nosso senso científico! Mais ainda ficaram todos estarecidos quando um dos cientistas Yel dimensionados, Yel Lupon, percebeu que o “limite vibratório” daquela faixa de realidade, independentemente do lugar do seu âmbito interno, estava a “um palmo” das suas fronteiras, como se uma “forma envidraçada” circundasse cada consciência ali presente, impondo a noção de realidade fixada por todos.

Segundo Yel Lupon — e aqui construo a analogia possível aos terráqueos — bastava alguém “limpar o vidro” à sua frente, que dois tipos de percepção surgiam imediatamente: a “projeção” de algo como uma espécie de filme, mostrando repetitivamente a história pregressa daquela faixa de realidade, e a sua vinculação com alguns dos planetas do sistema solar, em especial com a Terra, facto que permitia o imediato acompanhamento do que se passava na sua superfície, bastando, para tanto, que a mente de quem assim procedesse soubesse fixar as coordenadas planetárias do foco da sua atenção.

A descoberta de Lupon revolucionou a vida dos dimensionados, e passou mesmo a definir boa parte da interação com as coisas da Terra que aqueles seres tiveram ao longo do tempo em que ali permaneceram. Por sinal, alguns poucos Yel's ainda por lá permanecem, enquanto aguardam a hora de terem as suas consciências presumivelmente migradas para a condição humana.

Foi a técnica de Yel Lupon que permitiu a Yel Luzbel “projetar-se” perante os olhos daqueles que, como eu, se encontravam na Terra, como também, mais tarde, permitiu-lhe aproximar-se do homem Jesus. As notícias da interação entre eles, ainda que minimamente descritas, encontram-se registadas no livro “Reintegração Cósmica”, produzido pelo escrevente que me serve de apoio. Esse assunto, prometo, será retomado no final das notícias, constantes nesta narrativa.

O outro aspeto da sua descoberta teve relação direta com a contínua percepção da história daquele lugar. Traçando as correspondências possíveis com a cronologia do tempo universal, aquela faixa de realidade era, na verdade, uma singularíssima “nave-residência-laboratório” que havia sido “astralizada” há, aproximadamente, 3,4 bilhões de anos, quando sequer existia qualquer geração de seres biodemo ou mesmo dos nossos ancestrais — pelo menos ao que saibamos.

Usando os padrões de comparação possíveis, o tipo de ser que tinha sido urdido naquela nave-laboratório encontrava-se mais para o padrão demo-bio, ou seja, seres com alto padrão de genética demo e um baixo ou baixíssimo padrão biológico.

Nós, os biodemo, havíamos sido engendrados com o padrão geral inverso, ou seja, éramos e somos, enquanto corpo, muito mais biológicos (apesar de não sexuados) do que demo, ainda que o nosso psiquismo ostentasse preferencialmente o padrão demo.

Pelo que os dimensionados puderam deduzir dos registos contidos nos “filmes projetados”, aqueles seres pareciam não ter ainda corpos bem assentados no padrão biológico, devido à sua diversificação e padrões intermediários ao que hoje se pode verificar nos seres animalizados, tanto os da Terra como os de outros mundos que conhecemos.

O aspeto deprimente do que pôde ser, então, percebido, é que aqueles seres iam sendo produzidos por “mentes misteriosas”, situadas além das suas perceções, e já nasciam, assim como nós, prontos para a coexistência, só que essa, para eles, apresentava-se num nível de monstruosidade de comportamento de uns para com os outros que somente havíamos visto na natureza da Terra e na de alguns outros recantos deste universo.

Os humanos da Terra, quando vieram a existir, o fizeram já dentro de uma natureza que havia produzido espécies de monstros em série, muitas das quais agora extintas, o que acostumou o psiquismo terráqueo a pensar ser normal a mistura de seres humanos e de animais monstruosos num só planeta. Mas esse é um aspeto raro que tão somente costuma ter lugar em “mundos-laboratórios”, nos quais a evolução molecular encontra-se associada à acoplagem genética com produtos vindos de outros “mundos-laboratórios”.

O detalhe é que os tais seres — chamados pelos biodemo de “geração fenvam” — já “nasciam” com inteligência, sendo-lhes, porém, negada qualquer possibilidade de não se tornarem violentos, pelo modo como eram “recebidos”. Por outras palavras, o código genético dos seus corpos os destinava à violência, impedindo-os de serem pacíficos.

Se os seus corpos eram limitados, o poder mental que podiam produzir estava, aparentemente, diretamente relacionado com a fúria que sentiam por serem tratados de forma tão dolorosa pelos que pareciam estar no comando das “centrais recebedoras” dos novos seres que surgiam nos “focos” que se constituíam como “pilares” da “estranha gravidade” daquele lugar.

Eles destruíam-se mutuamente, por muitos motivos, e tinham o hábito de guardar os “cadáveres”, ainda que atrofiados — pois acontecia um estranho fenómeno de atrofiamento nos corpos daqueles que iam sendo aniquilados nas contendias — nos lugares mais distantes dos tais “polos” ou “pilares” de sustentação daquele “teatro gigantesco”.

Yel Luzbel percebeu que aqueles seres, ao tempo em que estavam vivos e atuantes naquela realidade, formularam as suas próprias crenças, como também o seu corpo de conhecimento sobre as suas origens. No campo das crenças, foi percebido que eles ajuntavam os cadáveres atrofiados em lugares ermos, situados no horizonte-limite daquela realidade, “com receio” de que as consciências dos mortos voltassem a ser atraídas para junto dos que continuavam “vivos” e residindo próximos aos “polos”.

Nas projeções holográficas observadas pela descoberta de Yel Lupon, era possível perceber a quantidade de polos luminosos, localizados a certa distância uns dos outros, que fluíam em todas as direções. Enquanto lá viveram, os biodemos dimensionados jamais viram os tais focos. Tudo indicava que, deles, sentiam tão somente a força que procurava mantê-los próximos ao que, agora, parecia ser a unificação de todos os polos que ali existiam num só foco ou centro de atração para toda aquela faixa de realidade.

Segundo o que eles deduziram mais tarde, a entropia daquele lugar parecia ser promovida pela tal força que, como uma espécie de “buraco-negro” do nosso universo, cumpria ali, naquela faixa de realidade, “função semelhante” à daquele, o que veio a confirmar-se com o tempo.

Presume-se que, em momento futuro, toda aquela estrutura vai decompor-se e a dimensão deverá deixar de existir.

Expedições foram feitas para verificar a existência de indícios dos tais corpos atrofiados, ajuntados em torno das “rochas metálicas” situadas nas regiões limites, como modo de “confirmar” as deduções feitas a partir da decodificação das projeções, o que veio a ser atestado quando os Val ainda eram habitantes atuantes em Shamb-Aha.

Ao perceber a “verdade insofismável” perante o seu tirocínio, Yel Luzbel e os demais começaram a elaborar as deduções em torno de mais uma trágica experiência existencial na qual, mais uma vez, forças invisíveis poderosas pareciam manipular a existência de diversos seres com objetivos desconhecidos.

Passaram muito tempo procurando descortinar o grau de conhecimento daqueles seres sobre si mesmos, e surpreenderam-se com o facto de que sofriam de uma “dormência” incompreensível, que os levava a isolarem-se nos seus “apostos individuais”, fechados por dentro, construídos com elementos que os protegiam de qualquer força que, vinda de fora, os quisesse ou pudesse atingir.

A grande quantidade de “habitações” que se observava naquela dimensão tinha a ver também com esses aposentos protegidos com diversas camadas impensáveis, de uma tecnologia completamente voltada para o “labirinto mental” no campo das senhas de proteção, que aqueles seres usavam tanto para “travar” como para “destravar” aqueles mecanismos e no seu interior se protegerem.

Quando eles sentiam a “dormência” envolvendo-os — e essa parecia chegar sem maiores avisos — como não confiavam uns nos outros, eles logo se dirigiam para o seu “dormitório”, adrede construído para aquele fim. Contudo, nem todos possuíam aquele “apostento proteção”, e a dormência os pegava em rota de fuga para algum lugar ermo no meio daquela imensa cidade.

Desses, nem todos voltavam a acordar, e a cultura local acreditava que aquilo era promovido por “mentes invasoras” que pretendiam “dominar os seus corpos e personalidades”, com o objetivo de escravizar ainda mais os que ali residiam. Os que possuíam “dormitório”, pelo menos estavam livres de serem liquidados em plena “dormência”.

O fator mais enigmático de tudo aquilo — para aqueles seres — parecia ser o conjunto do conteúdo dos “sonhos” que todos eles recordavam ao acordar.

Normalmente, eles sonhavam com os seus ancestrais-progenitores que viviam em outra dimensão, diferente daquela. O grande medo deles era acordar e verem-se “modificados”, sob a perspectiva mental, após as vivências que costumavam ter ao longo do período de sonolência.

A crença local era a de que aqueles seres, que apareciam nos sonhos como sendo os seus ancestrais-progenitores, fossem, na verdade, os tais invasores dos quais tinham receio. Em assim sendo, eles eram tão somente **repasto para os tais seres, que, durante o período da sonolência inevitável, se apropriavam das componentes genéticas que queriam.**

Essa apropriação provocava, às vezes, mudanças significativas no “intelecto” dos seres que dormiam desprotegidos, as quais, invariavelmente, os conduziam a um tipo de “loucura” que deixava aquele ambiente ainda mais perturbado.

Os “fenvam’s” referiam-se às mentes, que estariam por trás daquela manipulação, fossem eles ou não os seus ancestrais e criadores, como sendo decorrentes da promessa de um desconhecido “Mohem-So”.

Quando Yel Luzbel se defrontou com as informações decifradas por Yel Lupon, Val Sean e Val Antien sobre os tais ancestrais-progenitores que apareciam nos sonhos daqueles seres “demo-bio”, logo pontificou que seriam os mesmos que os seus estudos apontavam como fazendo parte da força operativa da família Aya, que tinha alguns dos seus membros em torno de Sophia.

Se aquela “impressão mental” de Yel Luzbel estivesse correta, ele havia tido o “azar”, causado pelos desdobramentos de incontáveis factos, de ter-se defrontado, tanto no universo quanto naquela dimensão, com uma classe de seres cujos membros pareciam ser os construtores das naves originais dos Val, dos Yel e de outras famílias biodemo, como também daquele tipo de nave em que, agora, estavam todos astralizados, na qual seres “demo-bio”, de padrão de “desenvolvimento primário”, haviam ali sido gerados, do mesmo modo que os biodemo haviam sido também engendrados, em ambientes semelhantes àquele, mudando tão somente a circunstância de como se era recebido pelos seus pares.

Ora, se eles pareciam ser os construtores, se Sophia se assumia como sendo o Comandante daqueles seres lendários, e se os tais “lacres mentais” já nasceram junto com o surgimento dos biodemo, pois que jamais, posteriormente — diferentemente dos humanos da Terra, que foram sofrendo interferências enquanto se desenvolviam — havíamos sofrido qualquer interferência genética naquele sentido, o que deveríamos pensar dessa hipótese?

“Qual o significado daquilo?” — perguntava-se um aturdido Yel Luzbel aos seus companheiros de desventura dimensional.

“Por que aqueles seres encontravam-se na pretensa origem, tanto da experiência biodemo quanto da demo-bio e da biodemol (sexuada)? Qual o papel de Sophia naquela história?”

Mais ainda aumentaram as indagações quando, posteriormente, foi percebido, nas holografias decifradas, que a produção de seres para aquela realidade havia cessado repentinamente, e todos os demais foram-se extinguindo por doenças, exatamente a partir do ponto em que aqueles seres desenvolveram “medicamentos” para se libertarem da “dormência”, facto que, presumivelmente, provocou a extinção geral daquela espécie, uma vez que deixaram de ser úteis para os seus criadores/construtores.

Os dimensionados passaram muito tempo das suas vidas ali, levadas a dedicarem-se à construção do conjunto de notícias que, resumidamente aqui, se encontra exposto.

Segundo uma tese de outros cientistas da mente ali presentes, o foco de “atração mental”, aglutinado agora num único polo naquela dimensão, teria sido o fator que para lá havia atraído as consciências dos nove primeiros Val a ali aportarem, após o fenecimento dos seus corpos biodemo.

Tarefa comum a todos os pesquisadores, segundo propuseram outros cientistas da mente ali presentes, era a busca pela compreensão do significado da existência, tanto nas circunstâncias que os Val estavam a passar na Terra, como naquelas que atravessaram os seres que ali haviam vivido.

Por não saberem quanto tempo eles iriam permanecer naquela dimensão, os Val e mais os cientistas Yel, Mion e Cromon começaram a trabalhar arduamente na reconstrução dos padrões de Shamb-Aha, e chegaram mesmo a pensar em produzir novos seres clonados, devido ao pequeno número de seres dimensionados que havia. Porém, devido aos problemas de contágio verificados no ambiente terreno, decidiram não proceder com nada parecido. Que o destino desconhecido lhes impusesse o que tivesse de ser.

Outro aspeto foi descoberto em Shamb-Aha, o qual, por muito tempo, dominou também a atenção dos dimensionados: com a sintonia mental propícia, alguns deles conseguiam perceber certas dimensões daqueles que na Terra eram conhecidos como os seres dos portais, entes puramente demo.

Por esse tempo, os seres biodemo dimensionados começaram a ter acesso a um nível de conhecimento surpreendente sobre um número diverso de faixas de realidades, nas quais viviam muitas das “espécies” ou “famílias” daqueles seres.

Na época, eles tentaram transmitir essas informações para nós — os que viviam na superfície da Terra — mas o teor daquelas tentativas não pôde ser então decodificado. Somente em tempos recentes conseguimos fazê-lo.

Foi ao termos o quadro total daquelas mensagens, agora traduzidas para o nosso entendimento que, pela primeira vez e para a nossa surpresa, tivemos notícias de que aqueles seres também lidavam com os mesmíssimos problemas que os biodemo e os biodemol, que viviam no universo, carregavam nos seus psiquismos: desejam descobrir as suas origens e a possível destinação das suas vidas.

E o mais interessante: alguns deles pareciam lidar mais objetiva e diretamente com os chamados “seres superiores” — **NAT - pertencentes ao tipo de “hierarquia demo” que os caracterizava** — do que nós nos relacionávamos com “os misteriosos, Sophia e o Codificador” que eram os seres “mais elevados, poderosos e sábios” do muito que conhecíamos.

Aqui faço esse registo sobre a riqueza das percepções e das informações recolhidas a partir da vivência dos nossos irmãos biodemo em Shamb-Aha, cujo conteúdo, até à atualidade, é motivo de estudo para os que ainda se encontram existindo na nossa cidadela, tão somente para deixar claro como foi e está a ser rico, para nós, o aprendizado colhido daquelas experiências. Mais adiante, nesta narrativa, aprofundaremos a abordagem do que, de lá, os seres biodemo dimensionados puderam descortinar sobre esse tronco evolutivo puramente demonizado, cujos seres tiveram também que proceder com “experiências em si mesmos”, na tentativa de fazer evoluir aquele padrão existencial, coisa que, inexplicavelmente, não conseguiram.

Houve, porém, no meio das mensagens intercetadas pela engenhosa criação de Yel Lupon, uma em particular — conhecida entre nós como a “mensagem talm” — somente muito depois decifrada, que significava um recado, para a posteridade, dos seres que haviam criado os “fenvam’s” e, provavelmente, aquela nave-realidade, que agora era mais uma dimensão vinculada a este universo e, particularmente, à Terra. Essa mensagem não fez parte da vivência de Yel Luzbel com as notícias daquela dimensão, porque somente foi compreendida após a sua saída de Shamb-Aha, pois, só há um tempo relativamente recente é que conseguimos decifrá-la totalmente, aqui, em Alt’Lam Gron, onde me encontro.

À exceção da “mensagem Talm”, toda aquela vivência foi absorvida pelos biodemo dimensionados e, se muito conhecimento foi acrescentado ao “sentido da busca” do que representava tudo aquilo, a possível resposta que a obviedade dos factos apontava — uma manipulação de mentes poderosas como “pano de fundo” da existência de diversas classes de seres espalhadas por muitas faixas de realidades paralelas à qual sempre vivêramos — **começava a conduzir todos a um “sentimento de revolta” jamais antes vislumbrado**. Yel Luzbel, Len Mion e todos os Val, dentre outros residentes em Shamb-Aha, começaram a “adoecer” profundamente como decorrência da percepção de todo aquele contexto.

Pela “assinatura das suas consciências”, pudemos, mais tarde, deduzir que algumas das personalidades biodemo ali dimensionadas e agora loucamente revoltadas, em especial da família Mion, terminariam por personificar alguns dos mais

enlouquecidos ditadores da história dos humanos, em especial da primeira metade do século XX.

Quanto a esse aspeto, porém, o aparente desacerto de conduta, conforme visto pelos atuais critérios desta humanidade, o desdouro se espalha de modo percentualmente bem equilibrado entre todas as famílias envolvidas nesta narrativa, em especial, a alguns dos membros do já desfeito quartel-general da rebelião daqueles tempos. Mas esse é outro panorama de um pretérito ainda por ser melhor compreendido, mesmo por nós, e convenientemente explicado aos que vivem neste universo.

O “canal universal”, assistido por muitos olhares ansiosos — sim, ansiosos, pois esta doença não é produção terráquea — cujo “número de acesso” é o do planeta Terra, encontra-se em voga junto à atenção de toda uma comunidade universal e alhures, hoje o sabemos **(NAT - Segundo os mentores espirituais, o “palco dos acontecimentos terrenos” é o canal de mais elevada audiência onde houver vida inteligente nos quadrantes desta criação, para as comunidades que possam acedê-lo).**

O porquê de ter sido a Terra o ponto de convergência de um processo que está longe de terminar é uma história que, apesar de dela termos feito e fazermos parte, não conseguimos ainda compreender. Afinal, descobrir as razões que levaram a que uma “nave-realidade”, com dimensão própria, se “acoplasse” aos níveis astrais deste mundo, ao tempo em que somente existiam seres unicelulares vivendo no ainda inóspito planeta Terra, é questão que também foge ao alcance do nosso conhecimento.

Shamb-Aha ainda existe, e deve existir por muito mais tempo, e o seu enigma permanece, até o tempo em que quem a criou possa esclarecer todo esse contexto.

# A Mensagem dos Descendentes de Mohem-So

Yel Lupon foi o primeiro a perceber a gravidade da descoberta que fizera ao descortinar o “panorama memorial dos fenvam’s”.

Pelos indicativos, os “fenvam’s” jamais puderam compreender o porquê de serem tratados daquela forma — além do que, jamais aceitaram tudo aquilo, e viveram porque não lhes era dada mesmo outra opção.

Parecia existir um inexplicável e mais ainda inaceitável — para o padrão da lógica biodemo — determinismo naquele modo de existir.

É nossa dedução que os “fenvam’s” nunca perceberam — ou, se o fizeram, jamais puderam decifrar — a mensagem codificada existente nos circuitos daquela nave-dimensão.

Utilizando-me da lógica dos enredos terrenos, é como se a “garrafa” com a “mensagem talm”, que era uma espécie de “carta” composta de cinco partes, lançada ao oceano vibratório interno daquela nave, tivesse sido encontrada somente por Yel Lupon, ainda que ele ali somente estivesse existindo há “pouco tempo”, se comparado com toda a vivência que os “fenvam’s” tiveram.

Yel Lupon conseguiu “fazer uma leitura” de algumas daquelas mensagens codificadas, mas mesmo aquelas que “leu” não teve como, na época, compreender. Ainda assim, conseguiu transmitir todas para o nosso domínio, antes de deixar a sua condição de biodemo dimensionado em Shamb-Aha.

Já foi muito dificultoso traduzir, para a lógica biodemo, o sentido do estranho tipo de linguagem fracionada daqueles seres. Mais ainda assim, será retransmitido o que depreendemos, para o conhecimento dos terráqueos — precisamos fazê-lo, ainda que com as imprecisões inevitáveis.

Tome-se por óbvio que os vocábulos aqui utilizados para reproduzir a “mensagem talm” inexistiam na época em que ela parece ter sido formulada. Pela dedução de Yel Lupon, feita após a “decodificação vibratória” do seu conteúdo, ou seja, “digitalizado”, o fator temporal vinculado àquela mensagem recua no tempo para momentos anteriores à metade do tempo da cronologia universal, tal como vista pela ótica humana.

Isso implica afirmar que, em tempos anteriores a sete bilhões e 800 milhões de anos atrás, alguns seres situados além das fronteiras do Universo no qual estamos nós, os biodemo e os humanos inseridos, procederam a tentativas de marcar, “no lado de cá”, uma mensagem que um dia pudesse ser, primeiro, captada por algum artefato que já fosse criado com “antenas recetoras apropriadas” e, posteriormente, decodificada, quando viesse a existir alguém deste lado com condições para tanto.

Pelo teor da mensagem, esse “alguém do lado de cá” seriam eles próprios, os autores da mensagem, após migrados da sua condição de habitantes daquelas regiões, fora deste Universo, para o seu âmbito interno.

Mais ainda: no tempo em que foi formulada, parece que a premissa básica da lógica daqueles seres seria a de que, até então, não havia vida inteligente ou mesmo de qualquer tipo, no lado de cá, ou seja, neste Universo. Daí a pretensão de, por serem eles os primeiros a “surgirem no lado de cá”, em dado momento, no futuro, poderiam ter a oportunidade de aceder o seu conteúdo.

Se assim for, isso implica também em que as três grandes naves-dimensões referidas na mensagem — a que deu guarida e origem à geração “fenvam” e que agora estava ocupada pelos biodemo dimensionados, seria, portanto, somente uma delas — serviriam como “centro de produção de seres”, cuja “ordenação biológica” seria procedida de acordo com algoritmos mentais previamente definidos e transmitidos por aqueles seres situados além das fronteiras deste Universo.

A transmigração das mentes desses seres extrauniversais para uma condição corporal biológica acoplada às mentes, agora migradas para o lado de cá, representa uma das mais misteriosas possibilidades de origem da vida inteligente neste Universo, tema de estudo atualmente empreendido entre os muitos de nós, em Alt'Lam Gron.

Eis, portanto, o que decodificámos da “mensagem aos viventes da posteridade esclarecida e conhecedora da realidade”:

***Aos frutos das nossas necessidades:***

*Não conheceremos vocês.*

*Não sabemos se surgirão e se, em surgindo, irão sobreviver.  
Também não sabemos, caso sobrevivam, como irão viver e superar os  
obstáculos herdados das nossas impossibilidades atuais.*

*Pretendemos que sejam três os fornos formadores que surgirão entre a nossa  
realidade e aquela na qual vocês receberão esta mensagem.*

*Deles emergirá a vida e, em havendo posteridade, ocorrerá a recepção e o  
entendimento da mensagem.*

*Seremos nós recebendo, de nós mesmos, o que agora transmitimos.*

*É essa a promessa de Mohem-So, o Desperto, o Único a saber, o Conhecedor.*

*Foi ele que tomou para si todas as medidas, analisou as possibilidades,  
projetou e criou os fornos.*

*Daqui os jogou para aí, enviando junto as medidas escolhidas que, na vastidão  
dos conjuntos de mundos que agora emergem, neles forjarão a sua primeira  
expressão e, a partir dela, fará de nós o que viremos a ser.*

*Dos três fornos a vida surgirá, e neles permanecerá para depois deles se  
apartar, pois pertencerá aos mundos da realidade que prima pela vastidão  
transformadora.*

*Daqui não vemos mundos, mas somente os seus conjuntos, e não sabemos  
se somente a um deles a mensagem se destina, ou se é a muitos que a  
endereçamos.*

*Mohem-So irá, e com ele iremos muitos e passaremos a ser o nosso próprio  
alimento, pois assim se fará necessário.*

*Nós seremos vocês quando tivermos que sê-lo, e de vocês nos nutriremos  
para podermos vir a ser aquilo que precisamos nos tornar.*

*A seu tempo, deixaremos de ser o que somos e tentaremos ser vocês.*

*Quando a vida surgir, organizada, complexa, particularizada, nós seremos  
vocês.*

Em palavras possíveis, é esta a “mensagem talm” que Yel Luzbel e quase todos os demais dimensionados não chegaram a conhecer.

Os seus termos, à primeira vista, são aparentemente enigmáticos para o nosso atual padrão de observação, mas ao se levar em consideração certos elementos temporais, o contexto em que foram formulados emerge com certa naturalidade, pelo menos para o nosso modo biodemo de pensar.

Em linha direta de dedução, os “fenvam’s”, nós biodemo e vocês, humanos, somos aqueles que, direta ou indiretamente, herdámos a mensagem. Contudo, os biodemo praticamente não conviveram com os seus efeitos, vamos dizer, psicológicos, porque somente pouquíssimos de nós se encontraram em Shamb-Aha e pelo tempo em que ali permaneceram não tiveram acesso à “mensagem talm”. Somente os poucos que de nós restam aqui em Alt’Lam Gron, estamos a conviver com as repercussões psíquicas dela advindas, mas não creio que sejamos os destinatários, mas tão somente os “intermediários”, se for realmente esse o caso.

Os “fenvam’s” parecem, sim, ter sofrido o impacto dessa mensagem, na medida em que pistas claras do seu desconforto, de se verem utilizados e manipulados pelos seus prováveis criadores e/ou ancestrais, estavam por toda parte, conforme traços encontrados da cultura local que nos foram repassados pelos biodemo dimensionados.

Sob essa perspectiva, os “fenvam’s” seriam uma espécie de nova face dos seres responsáveis pela “mensagem talm”. Por outras palavras, alguns deles, ou todos eles, poderiam ser a expressão, neste Universo, de seres que, vivendo fora dele, de lá planejaram e executaram essa operação, com resultados claramente atingidos, apesar do desconforto causado, e tudo isso sob a égide da liderança de um ser nominado de Mohem-So.

Assim, a “nave-dimensão Shamb-Aha” seria um dos três “fornos” forjadores de novos seres, cujas “forças mentais” ou “consciências particularizadas” pareciam ser pré-existentes às formas “fenvam’s” posteriormente assumidas. Essa foi a leitura, meio forçada, que fizemos a partir dos nossos estudos em Alt’Lam Gron.

A questão relaciona-se tanto ao modo como à maioria das famílias biodemo foram “forjadas”, que guarda semelhança profunda com o que insinua a “mensagem talm”, como ao facto de a “nave-dimensão Shamb-Aha” ter servido para praticamente os mesmos propósitos de “asphezian”. Shamb-Aha ainda existe, e parece tão somente ter atingido o seu tempo de vida útil enquanto artefato com capacidade de

deslocamento cósmico, limitando-se a ser, a partir de certa etapa da sua cronologia, a cidade existencial para os “fenvam’s”.

Unir os pontos entre questões tão distintas, mas todas seguramente componentes de um contexto mais amplo que a tudo abarca, é coisa que jamais conseguimos, pelo menos até estes tempos atuais. E uma vez que nós, os biodemo rebeldes, estamos à beira da extinção, seguramente não seremos nós, nem os nossos pares não rebelados, que sequer tiveram acesso aos efeitos desta história, que iremos decifrar todo este enigma. Restam, para isso, os humanos da Terra, que doravante terão que interagir com os desdobramentos de muitos processos cósmicos que já duram uns bons bilhões de anos, processos esses que convergiram todos — pelo menos os que conhecemos na cultura dos biodemo — para os humanos terráqueos.

Nada sabemos das outras duas “naves-forjadoras de seres”.

Talvez Yel Luzbel disso hoje saiba, ou de nada ainda saiba, porque conhecemos com exatidão todo o arcabouço de conhecimento que a sua consciência havia recolhido até se apartar de tudo e de todos, há cerca de 1.900 anos, após os desdobramentos de alguns factos que se seguiram à crucificação e à ressurreição de Jesus, quando decidiu, então, permanecer em solidão.

O facto é que, para nós, a “mensagem talm” é a mais antiga evidência de que existe um processo em curso, que “joga com o destino” dos seres que surgem para a vida no âmbito do Universo. Esse processo faz com que os seres sejam forjados aqui e acolá, sem qualquer sentido de certeza de que a sua experiência existencial vai estabelecer-se em bases seguras e aceitáveis para o seu padrão psíquico.

Cabe, aqui, observar que, de todos os seres que a cultura biodemo coleciona na sua vasta e rica experiência de interação, ou mesmo de tão somente conhecer diversas civilizações estabelecidas, os humanos terráqueos são os únicos nos quais o conceito de um deus amantíssimo, perfeito em seus atributos, existe no modelo psicológico que lhes é comum. Sabemos que esse modelo mental coexiste com diversas outras faces conceituais de um deus teísta, que se intrometeria na vida das pessoas.

Como já referido, em lugar nenhum do cosmos que conhecemos, até mesmo além das fronteiras da galáxia em que estamos situados — os humanos e os biodemo, dentre outros — existe, que saibamos, esse conceito de divindade. Sabemos, sim, de personalidades excelsas como as de Sophia, do Codificador e de Ostronomos, e de outras figuras que são consideradas “superiores” pelos seus pares. Mas nenhum é tratado como deus amantíssimo, perfeito, sublime; isso simplesmente jamais existiu.

Parece mesmo que a experiência terráquea tem a ver com esse nível de “perceção espiritualizada” que, por enquanto, somente logra ser possível no psiquismo desperto e racionalizado dos que vivem no planeta. Esse modo de perceber a realidade e de existir, de facto, é singular! Sob esse assunto, a perspectiva dos biodemo que se envolveram com a chamada rebelião de Yel Luzbel cessa neste ponto. Jamais conseguimos avançar além dele, pois falta-nos senso crítico mais aguçado para fazê-lo.

Nós, os habitantes de Alt’Lam Gron — na verdade, a nave “espheron” na sua expressão multifacetada de cidadela camuflada e estacionada sobre o Atlântico Norte — após a vivência desses milhões de anos passados numa estranha “normalidade”, depois invadida pela absurda “situação anormal” que consideramos ser a desastrosa aventura da rebelião, desconfiamos que somos tão somente propagadores de um passado para o atual nível do conhecimento dos terráqueos.

É como se fosse uma “tocha acesa”, em plena olimpíada da existência universal, com os seus jogos e competições que parecem jamais cessar. A questão aqui é que não temos visto “árbitros” e regras estabelecidas para que algum valor possa ser atribuído a este ou àquele comportamento. Se produzirmos o “bem”, ele existirá! Caso não o façamos, é como se ele estivesse naturalmente ausente deste nível de existência. Essa “tocha” — o “fogo do conhecimento esclarecido” — precisa ser repassada para as civilizações que vão se inter cruzando nos caminhos cósmicos. Como se dá esse repasse, essa troca de experiências, nisso reside uma série de problemas advindos da aventura da existência, que nos vemos obrigados a administrar.

Ver-se existindo, sem nada saber do “para trás”, e ser obrigado a existir para construir o que sequer se conhece como sendo o objetivo de todo o esforço existencial, convenhamos, seja para a lógica dos biodemo, seja para a dos humanos, é processo incompleto que precisa, um dia, ser redimensionado.

Parece que tudo precisa ser ainda construído por aqui, para que a vida possa fluir em bases aceitáveis. Por que é assim, não sabemos. Talvez os humanos da Terra e de outras situações existenciais em curso de progresso, ou ainda por serem semeadas pela esperada expansão dos terráqueos em direção ao cosmos, venham a ser os construtores desse novo entendimento, como também de um novo modo de se levar a vida adiante, no rumo que o padrão filosófico e tecnológico de cada família cósmica o permita.

Os “fenvam’s” sentiram-se “jogados para existir” num modo de vida que jamais parecem ter assumido como algo agradável. Nós, os biodemo rebeldes, passámos a

sentir-nos desse modo após a consumação dos problemas advindos do isolamento a que fomos submetidos ou ao qual nos submetemos por força das nossas opções ou das circunstâncias. Quando os terráqueos irão sentir a inadequação de muitos aspetos da sua história que envolvem as suas vidas, é questão que somente o tempo cósmico dirá, se e quando essa percepção tiver lugar na cultura da Terra.

NAT— Ao tempo em que anotei estes apontamentos, não detinha ainda os elementos que me permitiriam compreender a “transmigração do “código genético” do criador para a sua formatação biológica no âmbito do Universo, que é tão somente a “faixa de dimensão de realidade” principal da sua obra, sendo as demais moradas paralelas consideradas subjacentes a este nível em que hoje vivemos. Mas parece ter sido exatamente a algum evento em torno desse processo que a “mensagem talm” alude, nas entrelinhas do seu significado.

Interessante é perceber que o “conjunto de mundos” nela referenciado, para o nosso conhecimento atual, significa galáxia, e que a citação de que o nosso espaço-tempo “prima pela vastidão”, aspeto que somente parece ter sido ressaltado porque o deles — o espaço em que viviam ou ainda vivem alguns dos autores da “mensagem talm” — pode estar comportando-se ao contrário, ou seja, a “entropia” de lá estaria expressando-se de modo a desconstruir a dimensão paralela que sempre funcionou como “residência” para esses seres.

Desde que, em tempos recentes, conseguimos decifrar o enigmático conteúdo da “mensagem talm”, passámos a perguntar-nos “quem era” ou “quem é” o ser referido como sendo Mohem-So. Não sabemos! Alguns dentre nós, contudo, o relacionam de algum modo com Sophia, mas em um estágio anterior à sua expressão no âmbito deste Universo.

Restam ainda muitos focos cifrados no material que recolhemos ao tempo em que os biodemo dimensionados ali se encontravam na sua maior parte — antes de fenecerem para aquela realidade — quando Yel Lupon começou a desvendar o que hoje poderíamos chamar de “porções quânticas informatizadas” que “pairavam” na atmosfera de Shamb-Aha.

Talvez a conclusão mais apropriada em torno da mensagem dos descendentes de Mohem-So seja a mesma que os atuais cientistas terráqueos perceberam, e que nós mesmos já havíamos antes atinado: o facto de que existe uma força evolutiva, ainda que travestida da face do acaso, que impulsiona os seres vivos, sempre na tentativa da arquitetura de corpos cada vez mais complexos, como se nisso residisse o objetivo maior dessa força que nos é desconhecida.

O lamentável é que ela age sem o menor pudor e absolutamente desconectada de quaisquer princípios relacionados ao que os terráqueos chamam de ética e de altruísmo.

O estranho e doloroso é também perceber que somos todos apenas e tão somente peças de uma engrenagem que precisa funcionar, ainda que causando desconforto e dores insuportáveis, para que “algo aconteça” e que possa, pretensamente, redimensionar a existência nos seus atuais padrões.

A natureza dos biodemo não consegue ultrapassar esse limite no campo da conclusão. Outras naturezas mais complexas, como é o caso da dos terráqueos racionalizados e espiritualizados, parece que poderão dar o passo existencial necessário a esse porvir.

Vamos esperar que assim seja, pois esse é o único sentido, tanto da nossa história, como vossa.

**FIM**

---

# Sobre o Autor

---



“Jan Val Ellam — pseudónimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

*Para mais informações:*

<https://www.janvalellam.org/>

[contato@janvalellam.org](mailto:contato@janvalellam.org)

---

# Roteiro de Leitura dos Livros

---

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

## **LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I**

Sob a perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e vi-me obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de publicá-los.

Uma outra parte dessa mesma produção, cujo tema central das ideias, naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com as civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

### ➤ Trilogia “**Queda e Ascensão Espiritual**”

**1 - Reintegração Cósmica**

**2 - Caminhos Espirituais**

**3 - Carma e Compromisso**

Esta trilogia introduziu, também, uma abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os panoramas extraterrestres e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais

membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

➤ **Muito Além do Horizonte**

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, Rochester e Allan Kardec ao longo destes últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edificá-la e revelações diversas sobre panoramas que envolvem a equipa do Espírito da Verdade, ainda desconhecidos.

➤ **Recado Cósmico**

Apresenta o recado que Jesus deixou-nos nos seus cinco principais ensinamentos e factos, nunca antes revelados por João Evangelista, no primeiro século da era cristã.

Este livro apresenta a compreensão básica desta primeira etapa. Os demais desta mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

- **O Sorriso do Mestre**

Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e o seu pai, José, relatam factos desconhecidos da vida de Jesus, tais como as suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando a sua maior marca de amor: o sorriso.

- **O Testamento de Jesus**

Abordagem nova das bem-aventuranças, anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando panoramas do seu testamento para a humanidade.

- **Nos Céus da Grécia**

Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, atualizando ensinamentos do passado e abordando temas, tais como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

- **Nos Bastidores da Luz I, II e III**

Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que abordam temas como:  
Volume 1 - Mecanismos Cármicos; Funcionamento do Psiquismo Humano, Autoaperfeiçoamento e Reforma Íntima, Transição Planetária, Genética Espiritual e os Exilados Siderais que atualmente vivem no planeta.

Volume 2 - O Império Atlante; Consequências do Suicídio; Jesus e Sai Baba; Ovnis; Vidas Paralelas, Cidades Astrais e Espirituais, Fraternidade Branca e a Origem do Homem, dentre outros.

Volume 3 - O Poder Temporal; Autoridade Celeste; Quarta Dimensão; Base Atlan; O Sacrifício de Jesus, entre outros.

**LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II**

Aqui, também, dos livros que foram produzidos neste período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros, que podem ser lidos separadamente, porque possuem contextos particulares:

➤ **Jesus e o Enigma da Transfiguração**

O real significado da transfiguração de Jesus e os factos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

➤ **Fator Extraterrestre**

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que, até hoje, são tidos como lendas.

➤ **A Sétima Trombeta do Apocalipse - A Volta de Jesus**

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final da atual transição planetária.

➤ **Jesus e o Druida da Montanha**

Narra factos da desconhecida juventude de Jesus, a sua amizade com José de Arimatéia e com o seu irmão Thiago.

➤ **Crônicas de um Novo Tempo**

Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

➤ **Inquisição Poética**

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

➤ **Teia do Tempo**

Narra o encontro de um aprendiz com o seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, o aspeto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrónomo José Renan de Medeiros.

**LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 – REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III**

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em, pelo menos, três grupos distintos:

**Grupo 1** – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

➤ **O Drama Cósmico de Javé**

Revela a história da criação deste universo e do seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

➤ **O Drama Espiritual de Javé**

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

➤ **O Drama Terreno de Javé**

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a estabelecer-se na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

➤ **Favor Divino**

Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspetos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por factos, até agora desconhecidos. Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

➤ **Cartas a Javé**

Perguntas que os seres humanos esclarecidos, quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

➤ **O Big Data do Criador**

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

➤ **Memórias de Javé**

Registos das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

➤ **Inquisição Filosófica**

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretense domínio, que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples, porém, crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

➤ **Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia**

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

**Grupo 2** – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

➤ **O Sorriso de Pandora**

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida, acontecida em tempos imemoriais, que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

### ➤ **O Guardião do Éden**

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milénios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto, os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registou, assim, os factos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele esforça-se por traduzir, no seu comportamento, as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

### ➤ **Terra Atlantis I – O Sinal de Land’s End**

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

### ➤ **Terra Atlantis II – A Frota Norte**

Dá seguimento à saga dos biodemo capelinos — incluindo o quartel-general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas

subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio.

Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milénios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave "espheron".

Além dos "seres dos portais" (os chamados "deuses da mitologia grega"), os humanos passam a conviver com um "conglomerado de realidades" acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas, ao mesmo tempo que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra.

Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a "era do seu domínio" ainda estava por começar.

### ➤ **Terra Atlantis III – A Era Sapiens**

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a "cultura atlante e as suas diversas bases", como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou por acontecer.

Len Mion (Satã) e Yel Luzbel (Lúcifer) patrulham a vinda do Messias, anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo que perseguem Jesus na tentativa de compreender se ele era o "conquistador", há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assumo o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele observasse ser de Sophia ou do "deus dos judeus".

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir, na Terra, a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.

## **Grupo 3** – Temas Complementares

### ➤ **Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte**

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da "molécula-mãe", no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O facto é que "algo" existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

\* \* \*

Esta é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspetos em torno de uma "verdade" que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que, encontrar panoramas da verdade seria necessariamente sinónimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que, no Shiva Samhita, tenha sido afirmado que "a angústia estava presente por todo o universo", e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, "aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida".

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspeto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a "pílula vermelha" que nos convida à maturidade emocional, aspeto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

**Jan Val Ellam**

---

# Projeto Orbum

---



**Filie-se espiritualmente a esta ideia**

## **MANIFESTO**

### **“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”**

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família a viver num berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda a sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no quotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspeto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmos.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção, que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes.

Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta ideia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão a fazer exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la, cada vez mais.

***Jan Val Ellam***



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior, sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

**Saiba mais em: [www.janvalellam.org](http://www.janvalellam.org)**